

Enviámos, nós também, em certa ocasião, com outros mais antigos, dois novos na Companhia ; e recomendei-lhes que se portassem tão bem como se estivessem no Seminário. Assim fizeram, exactamente, durante os dois anos e não me recordo de ter visto outros que tivessem aproveitado tanto no serviço de Deus e do próximo como estes dois novos. Não, nunca vi missionários que tivessem feito melhor do que eles, embora tenham feito o noviciado no meio das occupaões e dum trabalho excessivo.

Não temeis, minhas filhas, porque fareis bem o vosso noviciado, e muito melhor, porque vivereis e morrereis como mártires, se vos conservardes na disposição que Deus vos concede.

Abraçai as nossas Irmãs que estão em Calais, em nome de todas as que ficam aqui e dizei-lhes que se sentirão muito felizes por tomar parte no seu sofrimento. Cumprimentai-as em nome da Senhora Le Gras e em meu nome, e dizei-lhes que estamos reconhecidos até às lágrimas pelo serviço que pŕestam a Deus e ao próximo.

101. — CONFERÊNCIA DE 26 DE AGOSTO DE 1658

ÀS QUATRO IRMÃS ENVIADAS PARA METZ

1658. Instruções feitas a 26 de Agosto pelo nosso Honoratissimo Pai às nossas Irmãs Madalena Raportebled, Bárbara . . . , Maria Papillon e Margarida Ruhaut, que partiriam, no dia seguinte, para a fundação de Metz.

Minhas Irmãs, ides para Metz, pelas seguintes razões :

A primeira é aquella pela qual vos deveis entregar a Deus, porque, desde toda a eternidade, decretou chamar-vos à Companhia da Caridade para nela fazerdes o que fazeis. Com effeito, minhas Irmãs, desde que Deus é Deus, isto é, desde toda a eternidade, viu que seríeis o que sois, porque tudo o que foi, é e será está em Deus desde toda a eternidade.

Além disso, a Providência escolheu-vos entre as vossas Irmãs, para ides para Metz — fazer o quê? — para dardes a conhecer a Sua bondade para com as suas creaturas. Geralmente falando, esta é a razão porque vos deveis entregar a Deus, para O servir neste lugar.

Ora, uma das razões particulares que vos obrigam a dar-vos a Nosso Senhor com todo o affecto do vosso coração, para obterdes da Sua bondade as graças necessárias para O bem servir neste lugar, é que esta cidade está situada na Lorena, onde, na

verdade, as pessoas não são más, mas, há no espírito desta pobre gente, uma certa rudeza das coisas divinas, que adquiriram pelo contacto que têm com os huguenotes e os judeus residentes nesta cidade. Ides, pois, para dardes a conhecer a todos, católicos, heréticos e até mesmo judeus, a bondade de Deus; porque, quando verem que Deus tem tanto cuidado com as suas criaturas, a ponto de crear uma Companhia de pessoas que se consagram ao serviço dos pobres, o que não sucede nas outras religiões, serão forçados a confessar que Deus é um bom Pai.

Por esta razão, é que ides para este lugar, e também para dar a conhecer a santidade da religião católica aos heréticos e até mesmo aos Judeus que mataram Nosso Senhor. Esta santidade manifesta-se pela imitação da bondade de Deus, procurando sermos bons como Nosso Senhor o foi, guardadas as devidas proporções.

Depois, minhas Irmãs, tereis uma grande obra a realizar: tereis de combater essa rudeza de espírito que faz com que não haja nenhuma piedade, e o vício da avareza que domina nessa terra. E digo para nossa confusão: os próprios sacerdotes emprestam dinheiro a juros, não por si mesmos como o resto do povo; mas mandam-no fazer por qualquer pessoa, para encobrir, deste modo, a sua avareza. É como que se uma pessoa quisesse ferir alguém com uma faca, mas não o querendo fazer pessoalmente, desse a faca a outra para o fazer por ela. Deveis combater este vício com o vosso exemplo; porque, quando virem jovens a trabalhar pelo próximo, como devem fazer as boas Filhas da Caridade, sem esperar nem procurar outra recompensa senão Deus, conhecerão que é loucura dar tanto valor aos bens deste mundo.

Acrescentai a estas razões a de que é uma rainha de França que vos pede, e uma rainha tão exemplar como é Sua Majestade; nunca vi a rainha tão comovida como quando me falou sobre os meios que podíamos tomar para remediar o miserável estado desta cidade. Quando me viu, disse-me com angústia: «Senhor Vicente, que faremos por Metz?» Pareceu-me que não falava por si própria mas movida por um fim superior; Deus, que desde toda a eternidade viu o bem que se faria em Metz pela Rainha e resolveu inspirar-lhe os meios necessários para a realização desse bem.

Por isso, minhas Irmãs, desde toda a eternidade estais na ordem dos meios que Deus concebeu para esta obra; quando escreverem a vida da Rainha como fazem de todas, principalmente daquelas que vivem piedosamente, como esta boa princesa, dirão que mandou fazer uma missão em Metz e quais os meios que tomou para implantar a piedade nesta cidade, muito abastada em tempo de paz, mas muito arruinada depois das guerras. Pois bem,

veremos que se serviu das Filhas da Caridade para realizar os seus desígnios. Vêde, se não tendes razões para vos entregardes a Deus e se não são grandes os motivos que vos obrigam a esta doação.

Vejam os meios que vos poderão auxiliar. O primeiro é pedir a Nosso Senhor a graça para servi-Lo nesse lugar, segundo os seus desígnios; porque, minhas pobres Irmãs, nada podeis por vós mesmas; o homem só pode pecar; não podemos fazer o bem sem a graça de Deus. Infelizmente, que somos nós senão pobres mendigos! Somos pobres, vós e eu: sois, senão todas, pelo menos a maior parte, pobres aldeãs; mas pela graça de Nosso Senhor sois suas esposas. É preciso, pois, pedir a Nosso Senhor que vos dê as disposições de que tendes necessidade para que, pela sua bondade, faça em vós, por vós e convosco, tudo o que fizerdes.

Outro meio, minhas Irmãs, é estardes animadas com grande desejo de honrar a Deus e de fazer com que Ele seja honrado, e que vos vejam cheias de fervor, por este fim. Ora, o fervor é como que um fogo que abraza todos os que dele se aproximam. Fervor, vem da palavra fogo; e quando queremos dizer em latim: a água ferve, dizemos: «aqua fervet». O fervor é um fogo que faz ferver e inflama como o fogo faz ferver a água. É, por assim dizer, uma caridade inflamada, e é isso o que deveis ter, porque uma Irmã sem caridade é como que um corpo sem alma. O que é um corpo sem alma? É um esqueleto que dá vômitos a quem o vê. Uma Irmã assim, dirá: «Contento-me com o serviço do meu bairro». Minhas Irmãs, não deveis limitar a vossa caridade só ao trabalho do bairro; o fervor deve ir mais longe.

Depois, deveis proceder de tal maneira que no vosso espírito só transpareça o motivo pelo qual agis, quer dizer; deveis esquecer o affecto que tendes pelas vossas Irmãs, e os motivos de pena que sofrestes ou as comodidades que gozais no lugar onde estais, para só pensar em cumprir bem tudo o que Deus pede de vós, neste lugar.

Não é bastante ainda ter fervor e senti-lo no coração; é preciso, além de tudo, transmiti-lo às senhoras, pelas boas palavras que lhes dirigireis quando as encontrardes, dizendo-lhes alguns pensamentos que tivestes, sem dizer que foi na oração; aquilo que dissetes a uma, podereis dizê-lo à outra. Não tereis assim dificuldade em encontrar palavras para as animar. Outras vezes, contareis exemplos de santos que se consagraram ao serviço dos pobres. Nunca tinha ouvido contar o que um Senhor do Hotel-Dieu me disse de S. Luís e que está escrito num dos registo do Hotel-Dieu. Este bom rei ao visitar um dia os doentes, pediu que o levassem ao doente mais repugnante; aquele ou aquela encar-

regada das visitas, tratou logo de o acompanhar. Mas, ao chegar perto do enfermo, disse ao rei: «Majestade, perdoe-me, se não vos levo a ver este doente, mas é porque exala do seu corpo um cheiro tão desagradável que não nos podemos aproximar dele, e até foi preciso separá-lo dos outros».

— «Não importa, quero vê-lo». Quando este bom rei chegou junto do pobre ulcerado, este começou a gritar: «Senhor, que fazeis? Aproximais-vos dum pobre miserável como eu! Não façais isso, Senhor, porque o meu corpo está tão infecto que eu próprio mal me posso suportar.» — Meu amigo, disse este bom santo, confesso que o vosso corpo não exala tanta podridão como dizeis; as virtudes que praticais, suportando por amor de Deus o vosso mal, dá-lhe um agradável odor». Dito isto, aproxima-se deste pobre e consola-o e, ao sair, disse que nunca sentira nada de tão agradável, como quando se aproximou deste doente.

Podeis, minhas Irmãs, contar isto a essas boas Senhoras, como também de outras rainhas de França e de Portugal que tanto amaram o serviço dos pobres. Lê-se nas suas vidas que não se contentavam com auxiliá-los com os seus bens, mas serviam-nos pessoalmente. Por vezes, poderão expor-lhes a excelência destas obras de caridade. «Minha Senhora, como sois feliz contribuindo nesta obra!» «Que consolação tereis no paraíso quando virdes os pobres, a quem tratastes, e que dirão; foram estas quem nos salvaram não só da miséria corporal, mas também, salvaram-nos a alma.» Porque, instruir os pobres e dar-lhes esmolas, é também ajudá-los a salvar a alma.

Depois, minhas Irmãs, se quizerdes tirar algum proveito deste bom povo, tendes que ter uma grande modéstia; é uma prégação melhor do que as palavras; é o meio pelo qual estes bons senhores que fizeram a missão em Metz aproveitaram muito, edificando este povo. Por isso, minhas Filhas, sede modestas!

Vede como eles faziam. Primeiro, pelo caminho tinham uma conferência para estudar os meios de restaurar a piedade naquele lugar. Bom seria que pudesseis fazer o mesmo, mas como não ireis sós no coche, não o podereis fazer. Depois, ao chegarem ali, além das prégações que faziam, iam dois a dois, recolhidos e silenciosos edificando toda a gente; supõe-se que a sua modéstia obteve tantos resultados como todos os seus sermões, embora fossem padres muito habituados a missões, visto que eram de diversas províncias; mas juntaram-se para fazerem esta missão.

Outro meio, minhas Irmãs, é o suporte mútuo, sem isto, nada podemos esperar. Mas porque se não-de suportar? Porque dessa maneira observam a lei de Jesus Cristo: *Alter alterius onera portate, et sic adimplebitis legem christi* (Epístola de S. Paulo

aos Gálatas, VI, 2). Tendes pois, que tomar a resolução de vos suportardes. Cada qual tem os seus defeitos e por conseguinte necessidade de ser suportada. Mas que é suportar? Minhas caríssimas Irmãs, é fazer-se tudo para todos, compartilhar os desgostos do próximo. A minha Irmã está doente, eu estou doente também. Minha Irmã está triste, eu também o estou. É bem o que dizia S. Paulo: «Gaudere cum gaudetibus; flere cum flentibus» (Epístola aos Romanos, XII, 15). Vede, somos tão fracos que, se hoje não temos necessidade de que os outros nos suportem, depressa a teremos, e não só que os outros nos suportem, como também nós próprios nos suportemos. Uma roda que dá voltas, não se move mais do que o nosso espírito. Se agora estamos contentes, logo estaremos tristes, e quase nunca estaremos com a mesma disposição. Ainda vereis que assim é. Prometei a Deus exercitar-vos na paciência.

Ide, queridas Irmãs, cheias de confiança em Deus e de desconfiança em vós mesmas. Pedi a Nosso Senhor que vos conserve nas mesmas boas disposições. Os que fabricam o vidro deixam ficar os vasos no mesmo sítio onde os fabricaram e perto do fogo, porque se não tivessem esta precaução depressa se partiriam. Da mesma maneira, minhas Irmãs, se vos mantiverdes nas mesmas disposições de que agora estais animadas, se ocupais o espírito em Nosso Senhor, estareis em Deus e Deus em vós, sereis Filhas da Caridade e por este meio muito agradáveis a Deus. Quem contempla uma alma caritativa, contempla uma linda coisa. A caridade é como uma chama que se eleva. Numa alma, eleva-a até Deus e atrai Deus para ela, de tal maneira que se pudessemos ver a beleza desta virtude, ficaríamos presos de amor por ela e arrebatados de admiração.

Isto é o que vos tinha para dizer. Se o observardes, recebereis mil consolações pelas luzes que o Senhor vos conceder; se a sua Providência permitir que a aflicção vos visite, como ordinariamente acontece às almas boas, dificuldades de dentro ou de fora, maus pensamentos, tudo sirva para pordes em prática o que vos acabo de dizer.

Sabeis, também, que é preciso, portar-vos nos caminhos com muito recato. Se vos perguntarem onde ides, não digais que a rainha vos chamou, não, porque seria contra a humildade; se insistirem, a Irmã Madalena falará para responder em poucas palavras; se as outras pessoas tiverem conversas inconvenientes, não mostreis que as ouvistes; quando passardes por algum lugar onde haja uma igreja, ide adorar o Santíssimo Sacramento.

Quando chegardes a Toul, ide visitar o Padre Demonchy que tem ordem de vos acompanhar até Metz e de lá ficar se julgou

oportuno. Ireis também cumprimentar com muita humildade, em meu nome, o primeiro Presidente. Estou certo de que ficareis na casa deste senhor porque me mandou dizer que ia esperar-vos a Tol, quando soube que ias a caminho. Tendes grande razão para vos humilhades, minhas Irmãs.

A Senhora Le Gras, que estava presente, perguntou a Nosso Honoratíssimo Pai se não seria melhor, as Irmãs fazerem todo o possível para não dormirem em casa do dito Senhor. Sua Caridade respondeu que sendo uma pessoa muito amiga da Companhia teria com isso grande desgosto.

A Senhora Le Gras tornou a perguntar que deveriam fazer se o Senhor Presidente quisesse que as Irmãs comessem à sua mesa, caso chegassem à hora do deitar. Sobre isto, respondeu que, por uma vez sim, mas dizendo que não é costume os pobres sentarem-se à mesa dos grandes.

Deus seja bendito.

102. — CONFERÊNCIA DE 6 DE OUTUBRO DE 1658

SOBRE O LEVANTAR, A ORAÇÃO E O ANGELUS

(Emprego do dia, artigo 1 2)

Elas se levantarão às quatro horas, darão a Deus o seu primeiro pensamento, vestir-se-ão com diligência, farão cada qual a sua cama, acabar-se-ão de vestir, tomarão água benta.

Minhas queridas Irmãs, até agora temos explicado as vossas Regras. Segue-se agora a distribuição do tempo, isto é, o que deveis fazer de manhã à noite, ao Domingo e nos outros dias da semana. É uma roda que está sempre a dar voltas e à qual se devem ajustar não só num dia, mas em todos os dias da semana e as que se seguem, numa palavra, em toda a vida. Eis o que Deus pede de vós, minhas filhas; é preciso, para que haja ordem, que todas façam a mesma coisa à mesma hora, podendo ser. Ah! como é bonito ver uma Comunidade levantar-se toda às quatro horas da manhã! Como é bonito ver a diligência com que vão falar com Deus! É preciso, pois levantar-vos à hora marcada, excepto as que estiverem doentes. As que podem, devem fazê-lo, e ter pena das que o não podem. Devem mesmo impedir que se levantem aquelas que tem mais necessidade de descanso. Fora disto, minhas Irmãs, tomai a resolução de observardes esta prática. Fazendo assim, alegrareis o céu.

Instrução C I I. — M. S V. 4. Lg. 822 e seg. Como se disse mais acima, esta instrução foi começada a 21 de Julho.

Neste assunto, pergunto-vos como pergunto às Senhoras da Caridade. Nas suas reuniões, quando se lê alguma Regra, pergunto se a observam e elas respondem-me. Hoje pergunto-vos também: Esta Regra observa-se nesta Casa? Senhora Le Gras, todas as Irmãs levantam-se às quatro horas?

— Sim, meu pai, excepto as doentes; mas pedem licença de véspera para não se levantarem, se prevêm que não se poderão levantar, ou então à Irmã que dá o sinal do levantar, se não pediram licença no dia antes.

— Vêde, minhas Irmãs, direi o seguinte de passagem: De vez enquanto vou visitar um mosteiro de religiosas e pergunto à Madre Superiora: «Mas, minha Madre não me diz nada daquelas que faltam ao levantar.» — Não vos disse nada porque todas se levantam à hora graças a Deus.» São tudo pessoas de condição. Vede, minhas Caríssimas Irmãs, é por isso que vos recomendo esta primeira acção do dia. Se houver algumas que precisem de descanso ou que estejam doentes, muito bem, devem pedir licença à Senhora Le Gras, as desta casa, e as das paróquias, a companheira à Irmã Servente e a Irmã Servente à companheira. Mas, minhas Filhas, só muito raramente se deve fazer isto, porque como a natureza pede descanso, se lhe concederdes, amanhã pede mais. Hoje uma Irmã dá descanso ao corpo, amanhã será por preguiça que ficará na cama. E assim toma um hábito que terá muita dificuldade em vencer. Quanto a mim confesso que quando dou descanso ao meu pobre e miserável corpo parece-me que no dia seguinte ainda tenho mais necessidade de descansar.

Dai-vos a Deus, queridas Irmãs, para bem conhecer se é verdadeira necessidade, quando vos parece que tendes necessidade de descanso. E quando alguma depois de se ter examinado achar que tem necessidade de descanso, peça essa licença, mas com indiferença. E depois, levantai-vos prontamente sem discutir com o travesseiro. É uma grande falta, voltar-se na cama para um e outro lado, para ver se se pode ou não levantar. Começai o dia por esta mortificação; é um acto muito agradável a Deus.

Dai-vos a Deus logo pela manhã para bem observardes a ordem do emprego do dia. Porquê? Porque as acções do dia constituem a bem dizer as vossas Regras, que, bem guardadas, serão causa da vossa santificação e salvação. Os santos têm por máxima que os efeitos são da mesma natureza que a causa que os origina; por isso, nós nos salvaremos pelas boas obras que praticarmos. Os santos são santos, pelas acções que praticaram. Por isso, vêde como importa fazer bem todas as coisas dum dia inteiro, e que esta observância é uma certeza de salvação. É preciso, aprender primeiramente o que é preciso fazer, porque não a poderemos

praticar se não soubermos como. Ora, minhas Caríssimas Irmãs, eis o que deveis fazer antes de tudo.

Como era bonito ver um rei da Polónia quando ia à caça, levar uma cadeirinha para nela se assentar enquanto catequisava o povo e lhe ensinava as coisas da salvação. Eram ainda quase todos idólatras, ou em grande parte e este bom príncipe tinha muito gosto em os instruir.

Mas, sem falar dos homens mortais falemos de Nosso Senhor. Como fazia ele? Ensinava os Apóstolos a dizer «Pater». Ensinava-lhes a repetir: «Pater noster qui es in caeli.» Vêde como esta ocupação é importarte e como todas as almas nela podem ser bem aventuradas, se a fizerem com o espírito de Nosso Senhor.

E vós, minhas Caríssimas Irmãs, que fazeis profissão de instruir as meninas, instruis por este meio os pais e as mães como se vê nas missões, porque os filhos contam tudo o que aprenderam, ensinam áqueles que os deveriam ter ensinado. Que felicidade! É preciso que, assim como vos applicais a formar as almas na virtude, aprendeis também, o que deveis dizer-lhes. Será muito oportuno tomar isto muito a sério e fazer como eles fizeram.

Continuação do segundo artigo. «As das paróquias que não sabem ler meditarão alguns mistérios da paixão ou outros que se lhes indicar.»

Minhas Irmãs se fordes duas numa paróquia e que nenhuma saiba ler, é muito para lamentar, e é preciso que isto não aconteça. Mas, a Senhora Le Gras faz o que pode para vos instruir. Que temos que fazer, então, quando isto acontecer? Vêde o que dizemos a este respeito: é preciso recordar a Paixão de Nosso Senhor ou outro assunto, comover-se com a consideração da sua tristeza e pensar nos motivos que o levaram a fazer oração, mostrar muitos desejos de imitar a sua resignação e sobretudo pedi-la a Deus quando tiverem alguma tribulação. Nunca desaniméis, minhas Filhas, as que não sabem ler; se tendes boa vontade, Deus vos concederá o dom da oração, contanto que estejais animadas de grande desejo de lhe agradar. Sabemos, por muitos exemplos, que pessoas que não sabem ler nem escrever, pobres aldeãs muito ignorantes, receberam de Deus o dom da oração, e em mais alto grau de que muitos sábios. E assim entendemos o que Nosso Senhor dizia: «Eu te glorifico Pai, Senhor do céu e da terra porque encobristes estas coisas aos sábios da terra e as revelastes aos humildes,» (S. Mateus, IX, 25).

Sim, minhas Irmãs, o que Deus esconde aos sábios revela-o aos ignorantes. E porquê? Porque Deus se compraz com os pequeninos e com os pobres e por isso, muitas vezes são mais sábios na oração do que os doutos. Não desaniméis, pois, as que não

são inteligentes; Nosso Senhor será o vosso pedagogo; Ele vos ensinará, como se faz às criancinhas que ainda não sabem nada. Não vêdes como nas escolas mostram as letras aos pequeninos e pouco a pouco vão adiantado? Minhas Irmãs, é assim que Nosso Senhor faz com as jovens que não têm estima por si próprias e que se julgam piores do que as outras. É uma boa meditação, ter sempre presente o pensamento da morte e paixão de Nosso Senhor no coração? Vêde, minhas Irmãs, os santos dizem que Nosso Senhor quer que pensem mais na sua paixão do que jejem um ano.

Alguna dirá: «Mas, Senhor, eu não conheço bem a paixão.» Então, minhas Irmãs, é preciso aprendê-la bem, o que não será difficil e recordai-vos dos mistérios da vida e paixão de Nosso Senhor para fazerdes ora dum, ora doutro, o assunto da vossa meditação.

S. Francisco não fazia outra oração senão sobre a paixão, e todos os seus religiosos faziam o mesmo. Os capuchinhos não têm também outro assunto de meditação senão a vida e a paixão de Nosso Senhor. Ora, nenhuma dentre vós é tão ignorante que não conheça a vida de Nosso Senhor: Como encarnou, o seu nascimento em Belém, a sua circuncisão, a adoração dos três reis, a fuga para o Egipto e o resto da sua vida até à morte. Detende-vos bem nisto, minhas Filhas, aquelas que não sabem ler. Se vos faltarem pensamentos, elevai-vos a Deus com alguns affectos. Se depois disto não vos occorresse nada, dizei o Pater com o Credo, e depois, disponde-vos de novo para a oração. Se continuardes na mesma, dizei uma dezena do terço. Minhas Irmãs, consolai-vos, se fizerdes assim, digo-vos que fazeis bem a oração e talvez melhor do que aquelas que sabem ler, se não tiverem mais humildade do que ciência.

Quanto ao Angelus que se diz no fim da oração, minhas Irmãs, começa-se pelo sinal da cruz e depois disse: «Angelus Domini nuntiavit Mariae, et concepit de Spiritu Sancto. É uma oração, minhas Irmãs que se faz para agradecer a Deus ter vindo ao mundo e encarnado para nos salvar. É o sentido desta oração. Angelus, etc., quer dizer que o Anjo annunciou à Santíssima Virgem que conceberia o Filho de Deus por obra do Espírito Santo. E a Santíssima Virgem, ao saber a maneira como este mistério se iria realizar, disse: «É Deus que manda; eu sou a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a vossa palavra! É o que significa estas palavras: Ecce ancilla. Depois diz-se: «Et Verbum caro factum est et habitavit in nobis»; o Verbo fez-se carne e habitou entre nós.

Eis o que significa o Angelus. É preciso ter a intenção de dar

graças a Deus por este grande mistério, todas as vezes que ouvís o toque do sino. Já fostes instruídas sobre estas coisas, e deveis sabê-lo; mas é bom que de tempos a tempos o recordeis.

Bendizei o nome de Deus e glorificai-o para sempre. O que devemos reter desta conferência, é que é necessário sermos bem fiéis em observar a ordem do dia, visto que disso depende a santificação das nossas almas. Se o não fizerdes sereis como trevas, coisa muito triste de presenciar. Praza à bondade de Deus vos conceder a graça de serdes bem exactas em observar esta ordem e aceitar agradavelmente a promessa que Lhe fazeis de serdes bem fiéis ao que vos acabo de ensinar. E porque Nosso Senhor é quem dá a graça para cumprir o que Ele manda, tende confiança, não estareis sós, mas Nosso Senhor estará convosco. É o que Lhe peço com todo o coração.

Ó Salvador, meu Salvador, que reunistes este pequeno rebanho, concedei-lhes a graça de bem compreenderem isto e de o observarem pela prática das suas Regras. Isto vos peço Senhor, operai pelas palavras de bênção que em vosso nome eu pronunciarei.

103 — CONFERÊNCIA DE 13 DE OUTUBRO DE 1658

SOBRE A ORAÇÃO

(emprego do dia, artigo 2).

Minhas caríssimas Irmãs, no domingo passado, falámos do primeiro artigo do emprego do dia e dissemos alguma coisa do segundo, reservando para hoje falar da oração mental e da reza da manhã. Diz assim o artigo: «As quatro horas e me a farão em comum as orações vocais ordinárias, depois ouvirão a leitura dos pontos da meditação que farão por espaço de meia hora começando pelo Veni Sancte Spiritus, etc.»

Fareis, pois, a meditação por espaço de meia hora, logo depois do levantar. Todas deveis faze-la, porque a oração é para a alma o que a alma é para o corpo. A alma é a vida do corpo, como a oração é a vida da alma. E assim como um corpo sem alma é um cadáver, assim uma pessoa que não faz oração não tem vigor nenhum. Sendo assim, todas as almas que Deus chama a um ministério importante para a sua glória, devem aplicar-se a este exercício da oração e fugir da vanglória, como seria, por exemplo, fazer alguma coisa para agradar o mundo ou para grangear boa

fama. Queira Deus que jamais Lhe roube a glória que lhe é devida, nem que faça alguma coisa para ter a estima daqueles com quem trabalho, mas quero que tudo o que fizer, disser, pensar, o faça por seu amor. Sair da oração sem formar um destes bons propósitos, sobretudo no que se refere à observância das Santas Regras, é não ter feito oração.

Não basta, tão pouco, fazer bons propósitos, se não procurarmos os meios de os por em prática. Quando tomardes a resolução de evitar um vício ou de praticar uma virtude, direis: «Propor-nho-me fazer tal coisa, mas é muito difficil realizá-la. Nada poderei fazer com as minhas próprias forças. Mas, com a graça de Deus espero ser fiel ao meu propósito e para isso vou servir-me deste meio.»

Eis, minhas caríssimas Irmãs, os três pontos da meditação. Faltam ainda outros três que constituem a conclusão.

O primeiro destes três últimos é dar graças a Deus. Meditastes sobre a beleza da virtude e fizestes bons propósitos; falta dar graças a Deus pelo favor que vos concedeu de poderdes fazer oração; é a graça das graças que Deus pode conceder aos cristãos e por conseguinte às Filhas da Caridade. Que maior favor para uma alma do que ser admitida por nosso Senhor na sua intimidade e comunicar de palavra com Ele. Tendes, pois, muita razão para dar graças a Deus depois da oração. Quem vos concede a graça de a poderdes fazer? Não será só Deus? É preciso, pois, mostrar-Lhe um coração reconhecido. Faltam a um ponto essencial da oração os que não dão graças a Deus por ter expulsado as trevas do seu espírito e os ter iluminado, fazendo-lhes conhecida a beleza da virtude e inflamado a vontade para a praticar.

Depois disto, minhas queridas Irmãs, deveis oferecer a Deus os vossos bons propósitos; deveis apresentar-Lhe os mesmos que acabais de receber da sua bondade. Recebestes uma graça da qual vos deveis julgar indigna de a conservar, e por isso, dizei: «Oh! Senhor, reconheço que tudo vem de vós e que não tenho bastante força para conservar estes bons propósitos, por isso, eu vo-los ofereço.»

Por último, bem podemos fazer bons propósitos para praticar o bem, mas se Deus nos não conceder o Seu auxílio, nada poderemos fazer, como dizia S. Paulo (Epístola aos Romanos, VIII, 15) «Não podemos dizer: Abba Pater, sem o auxílio do Espírito Santo. Temos grande necessidade de pôr em prática as nossas resoluções, e não o podemos fazer sem a graça de Deus, nem podemos ter um bom pensamento nem dizer uma boa palavra, sem que o Pai nos conceda essa graça pelos méritos de seu Filho.

Eis, minhas Irmãs, em que consiste a oração. O primeiro ponto,

com os actos que contêm, chama-se preparação; o segundo, o corpo da oração; o terceiro a conclusão. Ó minhas Filhas, é muito difícil reter tudo isto. Se o conseguirdes, muito bem, mas se não vos lembrardes de tudo, não desanimeis, lembrai-vos unicamente dos affectos que Deus vos tiver dado na oração. Depois tomareis as conformes resoluções. Não vos preocupeis; com o tempo, Deus vos concederá a graça de fazerdes bem a oração. Mas deveis pedi-la à maneira dos Apóstolos que diziam ao Senhor: «Domine, doce nos orare (S. Lucas, XI, I). Senhor, ensinaí-nos a orar, ensinaí-nos a falar com o Vosso Pai.

Depois de terdes pedido a Nosso Senhor a graça de fazer bem oração, applicareis a vossa atenção interior aos pontos da meditação, como dissemos. Ó minhas Irmãs, quantas graças recebereis de Deus.

— Mas Senhor, dizeis-nos que a Regra obriga-nos a meditar? Como o poderão fazer, pobres Filhas da Caridade, que são do campo e que não sabem ler? — Minhas Irmãs, a Regra diz-vos que, sendo assim, podeis meditar nos mistérios da vida de Nosso Senhor, na sua encarnação, no seu nascimento, na sua vida em Nazaré, como obedecia a sua Santa Mãe e a S. José e enfim nas outras passagens da vida do Filho de Deus, desde o seu nascimento até à sua morte; e depois como subiu ao céu.

— Mas Senhor, dirá alguma, não conheço nada disso. — Minhas Irmãs, lembrai-vos daquilo que melhor souberdes. E para vos ajudar nisto, seria para desejar que tivésseis estampas dos mistérios da vida de Nosso Senhor. Peço à Senhora Le Gras que as arranje para as Irmãs que estão fora de casa, se tiver possibilidade. E quando fordes para a oração, aquelas que não sabem ler tomarão para assunto de meditação o que estiver representado numa dessas estampas.

— Mas Senhor, que meios havemos de tomar? Que faremos na oração, não sabendo ler?

— Minhas Irmãs, sabeis que houve santos que, sem saberem escrever uma letra, tinham o dom da oração! Não desanimeis por não saberdes ler; pode acontecer que uma que não saiba ler, faça melhor a sua oração do que outra que saiba muitas coisas.

— Houve no nosso século um religioso carmelita que era tão ignorante, que nunca foi capaz de tomar conta dum officio; mas Nosso Senhor instruiu-o de tal maneira e concedeu-lhe a graça de fazer tão bem a oração que se tornou um dos mais esclarecidos e elevados santos do seu tempo. E como aconteceu isto? Foi que, não tendo ele ciência alguma, apresentava-se a Nosso Senhor e dizia: «Senhor, aqui tendes um pobre ignorante que implora a

a graça da oração. Não sei nada. Mas, Senhor, dissei-me alguma coisa. Deixareis ir o vosso pobre servo sem lhe dizerdes uma palavra? Senhor, que dirão os que estão no céu se virem que não atendeis a súplica que vos faço? Tende paciência, mas digo-Vos que daqui não sairei enquanto não me concederdes a graça que vos peço.» E assim é que este bemaventurado Irmão chegou a um alto grau de santidade. Por isso, minhas Filhas, não desanimeis se não tendes dotes que vos dêem facilidade para fazer bem a oração; sede humildes e apresentai-vos a Nosso Senhor como este bom irmão, e Deus nunca vos deixará sair da presença da sua divina majestade sem vos conceder a graça de fazerdes bem a oração.

Sabeis como Madame de Chantal, aprendeu a fazer oração? Da mesma maneira que acabo de indicar às que não sabem ler. Como fazia ela? Tomava a estampa da Santíssima Virgem e dizia: «Olhos tão amáveis». Depois, quando o seu coração se sentia inflamado de amor por estas considerações, pedia a Deus a graça de não O ofender com os seus olhares: «Senhor, dai-me a modéstia da vossa Santa Mãe». Depois tomava a resolução de ser muito recatada na vista e de nunca poisar os seus olhos em coisas vãs. Outras vezes meditava sobre os ouvidos da Santíssima Virgem e dizia: «Que ditosos ouvidos que ouviram a palavra de Deus e os mandamentos do seu divino filho!» Detinha-se aqui e considerava a maneira como poderia chegar a fazer o mesmo.

Se fizerdes assim aprendereis a fazer oração; ou como aquele irmão do Menino Jesus, que dizia a Nosso Senhor: «Não sou mais do que um animal, mas desejo falar convosco. E Vós, Senhor, nada me direis? Não quereis falar aos animais? Daqui não saio enquanto não me tiverdes falado». — «Santíssima Virgem, dizia esta santa senhora, não vos deixarei sem que me tenhas feito ouvir as palavras do Vosso Filho, como quando pregava aos judeus e a todos os que o seguiam. Quando esta senhora pensava nisto, dizia: «Santíssima Virgem, bem sei que os vossos ouvidos estavam atentos aos belos preceitos que saiam da boca do vosso Filho; mas também sei que nunca ouvies falar mal do próximo, nem palavras com duplo sentido porque éreis muito pura». Depois de assim ter discorrido, tomava a resolução de nunca escutar palavras más e percorria todos os membros da Santíssima Virgem, resolvendo-se a proceder da mesma maneira. Pois bem, minhas Irmãs, quem vos impedirá de fazer de igual modo? Tereis apenas necessidade de possuir uma estampa. Nosso Senhor certamente vos dirá alguma coisa.

Eis, minhas Caríssimas Irmã, o que tinha a dizer-vos sobre este ponto. Termino, afirmando-vos que, se fizerdes o possível

para observardes a santa prática da oração, tereis muito crédito diante de Deus e alcançareis todas as graças que lhe pedirdes. Mas sobretudo Ele vos concederá a graça santificante. Digo-vos mais, minhas filhas, aquelas dentre vós que não sabem ler nem escrever, se forem humildes, farão melhor a sua oração do que as que aprenderam o método da oração pela ciência, se não for acompanhado de humildade. Tende confiança, minhas filhas; Nosso Senhor escolheu pobres pescadores para seus apóstolos, por isso, ainda que sejais ignorantes, fareis bem a vossa oração; não somente isto, como dizia a boa Senhora de Goussault, fareis muito bem: «Senhor, dizia-me ela, quando estava para morrer, quantas coisas grandes Deus fará por meio das Filhas da Caridade!» Não sois mais do que pobres e miseráveis criaturas, mas não importa, queridas Irmãs, se fordes humildes, Deus fará grandes coisas por vosso intermédio.

Senhor, que escolheste os vossos Apóstolos entre os pobres, vede estas pobres Irmãs, aos pés da vossa divina majestade, reconhecendo que são pobres ignorantes. Senhor, ensinai-as, ensinai-nos a orar. Vós ensinastes a todos os pobres a orar. E, se apraz à vossa bondade conceder-lhes a graça de fazerem bem a oração, muito mais se pode esperar destas pobres jovens. Com esta esperança, Senhor, direi as palavras de bênção.

104 — INSTRUÇÃO DE 4 DE NOVEMBRO DE 1658

A DUAS IRMÃS ENVIADAS A CAHORS

1658. Instruções dadas pelo Sr. Padre Vicente, nosso Honoratíssimo Pai, no dia 4 de Novembro do ano acima citado, às nossas queridas Irmãs Adriana Plouvier e Luísa Boucher, que deviam partir no dia seguinte para se fixarem em Cahors.

Minhas Irmãs, há motivos que vos obrigam a dar-vos a Deus para irdes servir nesta cidade, o primeiro é de crer que há vocação de Deus para isso. Quando um Prelado chama pessoas para trabalharem num bispado para glória de Deus, como ides fazer, é sinal que é antes Nosso Senhor que faz isso. Há muito tempo que pedem Filhas da Caridade para esse lugar, pois há 4 anos que Monsenhor de Cahors tem instado comigo até se zangar, porque a Senhora Le Gras não podia satisfazer esse desejo.

Um outro motivo ou sinal de vocação é não só quando um prelado chama para a sua diocese, mas porque este é tido como um santo nesse país.

O terceiro, minhas Irmãs, é que ides fazer o que Nosso Senhor e os Apóstolos fizeram: instruir as crianças órfãs e ensinar-lhes as coisas necessárias à salvação, não só para as instruir, mas também para as educar, de sorte que é uma das grandes obras que até aqui não tinheis feito. Estão Irmãs nos hospitais, nas paróquias de Paris, nos forçados, nas crianças abandonadas, mas não estão ainda em emprego semelhante a este.

Os meios que vos ajudarão e que deveis tomar para fazer bem esta obra, são, minhas queridas Irmãs, renunciar a tudo; ao país, aos parentes e a vós mesmas. Nosso Senhor diz no Evangelho que não somos dignos d'Ele se temos apego a alguma coisa. É preciso despojarmo-nos de tudo para Lhe pertencermos inteiramente.

O segundo é a humildade, pois ides combater o demónio desse país, que é o orgulho, o demónio que aí domina é um demónio de orgulho, de cólera, de arrebato e de presunção. Eis os vícios que se encontram nesse lugar. Vereis pessoas que estão quase sempre encolerizadas, que se arrebata a menor coisa, deveis combater isto pela doçura. Depois, são também espíritos presunçosos que gostam muito de falar. Ides para lá fazer guerra a isto. Ora, os contrários destroem-se pelos contrários.

O terceiro meio, é que, é preciso deixar aqui o vosso espírito e pedir a Deus o de Nosso Senhor. Minhas filhas, não leveis o vosso entregai-o a Deus.

Que aconteceria se levásseis o vosso pobre espírito?

O quarto meio que deveis tomar é a mortificação, para suportar os defeitos mútuos; porque, minha Irmã, como mais velha sabeis que estais cheia deles; e vós que sois mais nova é preciso persuadir-vos que os tendes é muito grandes, interiores e exteriores.

Quereis ser suportadas com tudo isso, que se passe por cima da vossa aspereza e vos perdoem, tereis de fazer o mesmo com as vossas Irmãs. Quereis que vos estimem, fazei outro tanto com as vossas Irmãs. É preciso reciprocidade, não só suportando-as nos seus defeitos, mas não consentindo em pensamentos contra o amor que lhe deveis. É necessário não consentirdes no vosso espírito pensamentos que possam aborrecer a companheira, se ela o souber. Se quizerdes fazer alguma coisa neste sentido é preciso o suporte e a mortificação.

Minhas Irmãs, é necessária a mortificação para não dizerdes palavras que tendam a louvar a Companhia ou a vós. Não dizer que fostes preferidas às Filhas da Cruz ou às da praça Real e de tantas outras para quem poderiam lançar o olhar. Não, não é conveniente; não deveis dizer nada que tenda a fazer-vos estimar, mas antes dar-vos a Deus para sofrer o desprezo que vos

possam dar, pois há espíritos bastante presunçosos que poderão dizer: Como?! São estas Irmãs que vieram de Paris de quem se fala tanto! É impossível que pessoas assim sejam tão desejadas! Minhas Irmãs, mostrareis a mortificação a essas almas pelo vosso exemplo.

Tereis necessidade de mortificação. Se Monsenhor de Cahors tiver que fazer avisos e correcções na administração do hospital, deveis recebê-las com humildade, porque a grande austeridade que tem consigo próprio, pode torná-lo um pouco severo. Este senhor é uma pessoa que não deixará de dizer uma palavra de complacência se for necessária.

Eis pois, minhas Irmãs, porque deveis dar-vos a Deus sem reserva para obterdes da Sua bondade a graça de combater o demónio do orgulho que reina poderosamente nessa cidade; para isso é preciso ter o espírito de Nosso Senhor. Quando veio ao mundo para destruir o orgulho, veio com humildade, e sem dar a conhecer-Se. Minhas filhas, é o Vosso Padroeiro, deveis imitá-lo. Nosso Senhor, logo que conheceu a vontade de Deus, na salvação das almas, apesar de ter visto todos os males que ia sofrer, disse a Seu Pai: «Submeto-Me a tudo isto, é a Vossa Vontade», e passou por cima de todas as dificuldades que previa no officio de Redentor, do qual Se desempenhou tão fielmente que disse na Cruz: «Tudo está consumado, nas Vossas mãos entrego o Meu Espírito. Também vós, minhas Irmãs, tendes de vos preparar para as dificuldades que surjam na obra que ides começar. Se falasse outra forma: enganar-vos-ia. Nosso Senhor disse aos Seus Apóstolos: «Eis que Vos envio como cordeiros para o meio dos lobos.»

Ide, pois, minhas Filhas, com a confiança de que o espírito de Nosso Senhor estará convosco. Não digo o que ireis fazer. Cumprí exactamente as ordens de Monsenhor de Cahors ou do Padre Cuissot, Superior do Seminário Menor.

Minhas Irmãs, resta falar-vos do caminho. Ireis daqui no carro de Orleães até Bordeus. Sua Caridade enviou-as a uma pessoa do seu conhecimento para lhes indicar uma condução até (Agen), onde devia estar um dos senhores do seminário que iria na sua companhia, ainda que noutro carro. Em seguida, instruiu-as na maneira de se conduzirem nos caminhos, recomendando-lhes particularmente a modéstia, a prática das Regras e muito silêncio; nas hospedarias devem ter os seus aposentos particulares para não comerem com toda a gente; recomendou também, a Adoração ao Santíssimo Sacramento, passando diante das igrejas, saudação aos Anjos da Guarda de todas as almas das cidades e aldeias que nelas habitassem. Em seguida, deu-lhes como sempre a bênção cheia de afeição e zêlo, que dava bem a conhecer que

Sua Caridade pedia a Deus as graças de que as nossas Irmãs tinham necessidade para cumprirem a Sua Vontade nos lugares onde as chamava.

105 – CONFERÊNCIA DE 17 DE NOVEMBRO DE 1658

LEVANTAR, ORAÇÃO, EXAMES E OUTROS EXERCÍCIOS

(*Emprego do dia, art. 27*)

Minhas Irmãs, o assunto da presente conferência será a continuação da leitura das vossas Regras a respeito do emprêgo do dia. Não diremos muita coisa, porque são coisas vulgares que não necessitam de explicação. Perguntaremos unicamente se são observadas nas paróquias, nos campos e finalmente se há pontualidade.

A última conferência foi sobre a oração mental. Se tivesse tempo, perguntaria a alguma das Irmãs como o fazem. Mas como não pudemos estar aqui antes, passaremos à leitura das vossas Regras.

Eis o que se segue; é o terceiro emprego do dia: «Depois da oração, aplicar-se-ão a fazer o que for de mais pressa no seu officio.»

Portanto, supõe-se que a oração mental está feita, à qual, minhas Irmãs, é preciso nunca faltar. Ó Salvador! Que santo exercício! Vêde minhas Filhas, a oração é para a alma o que o ar é para a vida. Como vêdes logo que o ar falta ao homem, este morre porque é o ar que anima a sua vida animal como a de todos os animais. Assim, minhas Irmãs, é impossível que uma Filha da Caridade possa viver sem oração. Eu pergunto: como a observam? Em casa sei que nenhuma falta; mas gostava de saber como se passa nas paróquias.

— Irmã Ana de S. Germain-de-l'Auxerrois, faz a oração mental todas as manhãs?

— Sim, meu Pai, meia hora e às vezes três quartos de hora?

— De maneira que, minha Irmã, não faltais neste ponto?

— Não, meu Pai, pela graça de Deus!

— Deus vos abençoe e conceda a todas que não estão animadas desse espírito, a graça de lho dar pela sua Bondade.

— Minha Irmã, em S. Paulo, fazeis a oração de manhã?

— Sim, meu Pai.

— Não fazeis repetição algumas vezes, minha Irmã?

— Não, meu Pai, não temos tempo. Logo que acaba a oração é preciso pensar no que há a fazer.

— Está bem, minha Filha? Deus a abençoe! É verdade que se há paróquia onde o trabalho é muito, é na vossa. Talvez que não haja o costume de fazer repetição nas paróquias.

— Até agora não se fez a experiência. Ver-se á depois o que convém fazer.

— Minha Irmã Henriqueta, fazeis a oração no Serviço dos Forçados?

— Meu Pai, não ouvimos o relógio, e isto faz que não sejamos exactas.

— Oh! Bem, Deus a abençoe minha Filha, porque responde tão simplesmente! Assim é que se deve fazer. Deus a abençoe na sua viagem! (Esta viagem era ir para Calais tratar dos soldados feridos, pelos quais a nossa dita Irmã, se tinha oferecido ao Padre Vicente e à Senhora Le Gras.) Muito bem, minha Irmã, será uma grande consolação à hora da morte ter feito o que acaba de fazer e a todas aquelas que estão na disposição de ir servir o próximo a toda a parte onde a providência as chamar.

Há aqui alguma Irmã de S. Suplício? Minha Irmã, é pontual em fazer a oração?

— Fazêmo-la algumas vezes, mas nem sempre podemos, por termos de levar o remédio aos doentes. Quando não podemos doutra form,a fazêmo-la na Missa.

— Ó minha Filha, sei bem que se há paróquia que deva ser desculpada pela quantidade de doentes, é a vossa. Mas sempre que puderdes, fazei-a em vossa casa. É muito difficil fazer bem a oração durante a Missa.

Nas Casas pequenas fazem oração?

— Sim, meu Pai, fazêmo-la duas vezes por dia; e quando, depois do jantar, não se pode fazer, faz-se a leitura do ponto, e depois cada uma procura fazer o que pode nas idas e vindas.

— Deus a abençoe, minha Filha!

A uma Irmã que tinha vindo há pouco de Maule!

Minha Irmã, faz-se oração em vossa casa?

— Meu Pai, só lemos algumas vezes os pontos, depois uma Irmã e eu vamos para as aldeias quando há doentes; fazêmo-la o melhor que podemos.

— E, de tarde, minha Filha, fazem-na?

— Sim, meu Pai, depois que as alunas se vão embora, mas não às cinco e meia; algumas vezes às seis ou às sete.

— Está bem, minha Filha. Minhas Irmãs, confesso que estou consolado de ver a vossa fidelidade. Oh! É bom que façam a oração indo pelos campos visitar os doentes. S. Carlos Borromeu,

procedia assim ; não só fazia oração, como se confessava, mesmo que fosse a cavallo, mandava aproximar o capelão e confessava-se. Felizmente, quantas vezes tenho confessado pobres pelo caminho, nos campos ! Quando íamos para a Missão, corriam para nós. « Senhor Padre, não me confessei ; peço-lhe para me confessar ; espero que Deus me perdoará os pecados. » Assim, andando, confessava-os. Portanto, pode-se fazer oração desta maneira.

As Filhas da Caridade devem amar tanto a oração como o corpo ama a alma.

E, assim como o corpo não pode viver sem a alma, da mesma maneira a alma não pode viver sem oração. E. desde que uma Irmã faça oração, não andará, mas correrá nos caminhos do Senhor e chegará a um alto grau de amor de Deus. Ao contrário, aquela que abandona a oração, ou que a não faz como deve, vai-se arrastando. Traz o hábito mas não tem o espírito duma Filha da Caridade ; e se sair é por isso. Aparentemente fazem como as outras, mas porque a não fazem com as condições requeridas, não tiram fruto e estão mortas para a graça. Não sentem as coisas divinas, nem mesmo para a sua vocação. Porquê ? Porque não fazem bem a sua oração,

Eis o que vos obriga, minhas Irmãs, a serdes muito exactas em fazerdes a oração durante a meia hora fixada para isso. Se de manhã sois chamadas para visitar algum doente a quem é preciso levar os remédios, deveis deixar a oração ; mas é preciso arranjar tempo para a fazer e nunca faltar. Não vêm que ordinariamente enfeitamos o nosso corpo com os vestidos ? O vestido da alma é a oração e deixar de a fazer é tirar-lho ; por isso importa que vos afeiçoeis mais que nunca a este santo exercício. Se a fizerdes bem, tereis o belo vestido da caridade, e Deus olhar-vos-á com prazer ; se a não fizerdes caireis num estado deplorável. Sim, uma Irmã que abandona a oração cai num estado deplorável : Deus abandona-a porque ela O abandonou. Minhas Irmãs sem oração só podeis ofender a Deus, ou pelo menos privar Nosso Senhor da glória que Ele Espera das Filhas da Caridade. Ó meu Salvador, peço-Vos que nos deis esta graça de nos afeiçoardes sempre à oração.

Mas o que é a oração ? Minhas Irmãs, é a elevação do nosso espírito a Deus ; quem diz oração diz elevação do espírito a Deus para Lhe testemunhar o amor que Lhe temos, ou para expor-Lhe as nossas necessidades. Para isso, é necessário sair de si mesmo e afastar os pensamentos da terra para se elevar a Deus. Quando se está em oração deve-se dizer : « Senhor, eis este pobre publicano, este pobre miserável que se apresenta a Vós com afeição para meditar os vossos mistérios. » Uma pessoa que se eleva a

Deus merece que Nosso Senhor lhe fale intimamente. Sabeis a maneira de a fazer, pois que a tendes ouvido muitas vezes e aprendido de cor, e talvez não seja preciso apontar o método de S. Francisco de Sales; no entanto, como é o mais fácil vou dizer-vos-lo.

A oração divide-se em três pontos: O primeiro chama-se preparação; o segundo, o corpo da oração e o terceiro a conclusão. Cada um destes pontos consta de outros três.

O primeiro destes três pontos é a presença de Deus; que se faz ordinariamente pela fé. É preciso começar pela presença de Deus. Alguns servem-se da imaginação. Algumas vezes é útil. Mas nem todos podem porque esta atenção de espírito pode causar dores de cabeça. Diz o autor que nos podemos pôr na presença de Deus de quatro maneiras: A primeira é contemplar Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento do Altar; por exemplo, as que estão aqui podem pôr-se na presença do Santíssimo, em S. Lourenço. A segunda, é conceber a alegria de O ver adorado no Céu e que nos é permitido gozá-LO com todo o prazer, *Pater noster qui es in caelis*. VÊ-LO no Céu. É uma excelente maneira de se pôr na presença de Deus.

Outra é saber que está em toda a parte; ensina-se às crianças da escola que Deus está em toda a parte; enfim, está em toda a parte pela Sua presença! Ele esta aqui e muito mais na minha cabeça e em todas as partes do meu corpo. Deus está em toda a parte. Que felicidade para os homens e principalmente para os cristãos encontrar Deus em toda a parte. Diz David; se vou ao Céu Ele está lá, se desço ao inferno lá está também. De maneira que, como o passarinho para qualquer lado que se volte encontra ar; assim nós para onde formos encontramos Deus, porque Ele está, não só nas coisas reais mas também nas imaginárias. É o que se diz no officio de S. Dinis de que fazemos a oitava. Deus está presente em toda a parte. Eis a terceira maneira. Agora a quarta: Deus não está só em toda a parte, encontra-se duma maneira particular numa boa alma que está cheia do Seu amor. Deus, está, pois, nas boas almas, como nas Filhas da Caridade, e não encontra nada de mais agradável. Vêde, minhas queridas Irmãs, não há nada a que Nosso Senhor tenha mais amor do que às almas boas. Não encontra nada mais belo nem no Céu nem na terra. Faz nelas a Sua morada muito gostosamente. Está no meio de nós e faz-nos mover, ouvir e concorrer connosco em todas as acções que fazemos, naturais ou sobrenaturais: É Ele que nos dá a Sua lei e o desejo de a cumprir. Vêde que felicidade ter Deus presente desta maneira! Disse-vos-lo ultimamente; talvez não o tivésseis retido; e por

isso vos digo mais que uma vez ; quando uma pessoa serve Deus, por amor, tudo o que ela faz, pensa e diz dá prazer tão grande a Deus que não há pai que o sinta maior por ver o que faz seu filho, do que Deus por ver uma Filha da Caridade que Lhe oferece tudo desde pela manhã. Isto deve esperar-se de todas as as Irmãs de Caridade que praticam bem as suas regras e que estão na resolução de não pecar voluntariamente, mas de servir Deus com a perfeição como quer ser servido. Deus habita nas almas que têm este desejo.

Podeis pôr-vos na presença de Deus de quatro maneiras ; no Santíssimo Sacramento, no céu, em toda a parte e no coração. Quando estais na presença de Deus deveis adorá-LO por este acto : «Creio meu Deus que estais aqui.» Não é preciso representá-Lo por certas ideias ; basta que acrediteis, pois a fé vo-lo ensina. Aquelas que arranjam imaginações para representar Deus, se têm facilidade em fazê-lo com utilidade podem usar este meio ; mas aquelas que não tiverem esta graça não devem desanimar. Podem pôr-se na presença de Deus por um simples acto de fé sem se forçarem a representá-Lo, nem a dizer : «Quero ver Deus ou Nosso Senhor, desta maneira». Não, minhas Irmãs, não deveis desejar isso. Quando Deus se quiser representar ao vosso espírito, bendito seja ; mas fora disso contentai-vos em dizer : «Creio que o meu Deus está em toda a parte.» Deveis começar sempre a meditação e orações pela presença de Deus, afim de que lhe sejam agradáveis. E quando tiverdes de fazer alguma coisa, como servir os doentes, deveis começar sempre por um acto de fé na presença de Deus para a valorizar. Ó minhas Irmãs, como isto é belo e fácil ! Quem o ensinou ? É David que dizia : «Vejo sempre Deus diante de mim.» Quando os patriarcas queriam afirmar qualquer coisa, diziam : «Digo-lhes isto na presença de Deus ; deveis começar por esta prática. Mas como vos disse, não deveis forçar a imaginação, nem estar nela muito tempo. Se facilmente se apresenta, fazei nesse momento um acto de fé, e depois passai aos outros.

O segundo ponto da preparação faz-se pedindo a assistência divina. Se juntardes a assistência da Santíssima Virgem, melhor. Não deveis faltar a este ponto, porque não podereis ter um bom pensamento sem a graça de Deus.

O terceiro ponto da preparação, é saber qual o ponto da meditação. Ordinariamente o ponto da meditação é o que se lê antes da oração. Deveis ouvi-lo com atenção e procurar retê-lo na memória para raciocinardes sobre ele.

O primeiro ponto da oração, está dividido em outros três pontos. O segundo, é também dividido em três pontos. É minhas

queridas Irmãs, meditar na leitura, reflectir no que diz o autor e ver a que fim tendem os pontos do assunto da meditação. Receio que algumas não saibam o que é raciocinar e, por isso, acabo de falar à Senhora Le Gras dum meio para facilitar. Ela achou bem. É que a Irmã para isso a incumbida, diga alto depois da leitura dos pontos para o dia seguinte, como fará a oração; por exemplo, depois de lido o primeiro ponto poderá dizer: «Sobre o primeiro ponto pensaremos tal ou tal coisa». Falando assim, ela dará margem às que começam e não sabem ainda fazer oração. É o meio para fazer compreender bem o assunto da meditação; o que ela disser fará talvez mais impressão no espirito do que a simples leitura. Para as que já estão adiantadas melhor jormarão e aprenderão. E afim de reterem melhor, A Senhora Le Gras terá a bondade de ser a primeira a falar, se achar bem, ou interrogará outra. Dir-lhes-á, pois; «Minhas Irmãs, o assunto da oração de amanhã... E sobre isto podemos pensar tal ou tal coisa». E o que ela lhes disser servir-lhes-á de muito porque a leitura não faz tanta impressão como a palavra. Se continuarem nesta prática, adiantarão na virtude pelos conhecimentos que Deus lhes dará e experimentarão grandes transportes do seu amor. Em seguida a Senhora Le Gras nomeará alguma para continuar esta prática.

Eis o primeiro ponto do segundo, que é raciocinar sobre a leitura. O segundo ponto é que depois de conhecer bem a virtude ou o vício a que tende o ponto da meditação (porque se é uma virtude, o fim da oração é fazê-la praticar, se é um vício extirpá-lo) vedes as razões que tendes de abraçar um e fugir do outro. As que observam bem a ordem do dia, de manhã à noite, tanto quanto podem, essas arranjam um barco no qual irão a Deus. Ao contrário as que não observam as regras e que não se levantam à hora marcada encontram-nas sempre perturbadas. E, notai, as que não são regulares na ordem do dia é impossível que perseverem. Sede fiéis a este emprego do dia, nunca falteis a não ser por qualquer imprevisto muito urgente. Fora disto, minhas filhas, observai bem o regulamento diário, não vos enfastieis por ser sempre a mesma coisa.

Vede, minhas Irmãs, Deus dá-nos o exemplo desta perseverança em todas as criaturas. Servir-me-ei sòmente do sol. Sabeis que este astro há milhares de anos segue a carreira que Deus lhe traçou para alumiar o mundo; ele nunca faltou a ela. Deus ordenou-lhe aparecer a hora determinada e ele aparece. Deu-lhe limites que não ultrapassa, aproxima-se de nós só até ao ponto marcado por Deus, quando a ele chega não avança mais e volta ao sítio donde veio durante seis meses e aí fica até voltar nova-

mente. Quando chega a esse trópico recomeça outra vez a sua marcha até nós, mas não passa da sua regra. Quando está mais perto de nós é na altura de S. Barnabé. Os astrólogos dizem que lhe são precisos seis meses para ir dum trópico a outro e segue o seu curso durante o ano. Logo que chega ao ponto marcado por Deus não passa daí.

Minhas queridas Irmãs, se o sol obedece a Deus exactamente, esse grande astro luminoso, que outrora foi adorado como Deus pela sua beleza e bem que comunica aos homens (e ainda há quem o adore) digo, se o sol obedece a Deus desta maneira, seguindo o curso que Ele lhe determinou e como determinou, com mais forte razão os homens e as Filhas da Caridade são obrigadas a observar as regras que Deus quer que elas observem. Minhas Filhas, é preciso fixar-vos nisso. Se o fizerdes sereis verdadeiros sois e merecereis o louvor que se dá ao sol; se não o fizerdes sereis como a lua que umas vezes está cheia e outras decrescente; muito mais, tornar-vos-eis nuvens; sim, uma Irmã que falta à ordem que deve ter, é como as trevas.

Eis a diferença entre uma que é exacta e outra que não é. A que não observa as Regras só tem trevas para as outras; mas as Irmãs que lhes são fiéis, são sois no meio das outras; são a edificação de todos. E de facto, não vedes a consideração que tem entre as outras uma Irmã que cumpre as suas regras? Louvam-na e dizem: «Eis uma Irmã feliz!». Louvam-na nesta vida e também depois de morta. E atendei, não louvadas as irmãs falecidas principalmente porque cumpriram as Regras, não é sem razão, pois que os santos Padres afirmam que é o que faz os santos. Tenho-vos dito muitas vezes e torno ainda a dizer; os santos afirmam isso, mormente Clemente VIII, que um religioso ou uma pessoa de comunidade que é exacta à sua regra quando o sino a chama, que é a voz de Deus, essa pessoa leva vida santa. E este santo Papa que tive a felicidade de ver, costumava dizer que se lhe dessem essa nota duma pessoa, que a canonizaria.

Segundo isto, minhas Irmãs, as que observarem a ordem do emprego do dia viverão como santas. Mas as que a não observarem, procurando as suas vãs satisfações, encontrá-las-eis sempre desregradas. Umas vezes fazem, outras não. Serão pobres criaturas que não terão virtude. Se não forem exactas, e derem à natureza tudo o que ela pede não encontram verdadeira satisfação ainda que a procurem. De contrário sentir-se-ão bem, observando-as. Deus não as olha com prazer, nem as ouve, nem por Ele são lembradas, ao contrário das que Lhe são fiéis. Se fordes exactas à ordem do emprego do dia fareis um belo quadro que agrada a Deus e vos tornará felizes; aquelas que o não cumprirem serão

infelizes; penso que não há estado mais infeliz no mundo do que o de uma pessoa que não sabe o que deve fazer, ou que se encontra numa Companhia sem observar as Regras.

Minha Irmã, em S. Paulo levantam-se às quatro horas?

— Sim, meu Pai, Deus faz-nos a graça de sermos agora mais exactas que anteriormente.

Deus vos abençoe, minha Irmã.

As Irmãs de Saint-Germain-de-l'Auxerrois, levantam-se?

— Meu Pai, não nos levantamos às quatro, porque a maior parte das vezes não nos deitamos às dez.

— Ó minha filha, há diferença em faltar ordinariamente ao levantar à hora e faltar a ela algumas vezes. É preciso ser exacta, tanto quanto se possa. Há uns espíritos malignos que têm o encargo de não deixar levantar prontamente, outros de fazer com que as que despertam pensem noutras coisas sem ser em Deus. Ora, minha Irmã, dissei à Irmã servente que lhe peço e a todas as Irmãs, em nome Nosso Senhor que ao levantar pensem em Deus.

Em S. Nicolau-des-Champs, levantam-se?

— Sim meu Pai, nunca faltamos, a não ser que nos deitemos tarde.

— Em S. Nicolau-de-Chardonnet, são exactas neste ponto?

— Sim.

— Deus seja bendito,

— Nas Crianças abandonadas, minha Irmã, levantam-se às 4 horas?

Sim, meu Pai, a não ser que estejam incomodadas; e quando têm de faltar a esta regra pedem licença.

— Eis a diferença que é preciso fazer: quando durante o dia prevêem que não podem levantar-se às quatro horas, devem pedir licença à tarde à Mademoiselle; se ocorre a doença de noite é preciso dizer à que tem o encargo de despertar: «Minha Irmã, passei mal esta noite; peço o favor de avisar». Assim fazemos nós, e mais ainda; porque se estivesseis na nossa casa verieis um Irmão dizer-me no próprio local, quais os Irmãos, clérigos ou padres que não estão na oração. Por isso, não vos admireis de terdes de pedir licença.

Há certas ocasiões em que não se pode cumprir a ordem do dia; por exemplo, virão chamá-las no tempo da oração para que uma vá ver um pobre doente que muito precisa, que fará ela? Deve ir e deixar a oração, ou antes continuá-la, pois Deus pede-lhe isso? Vede, a caridade passa acima de todas as regras, é preciso que todas assentem nisto. Ela é uma grande senhora. É preciso fazer o que ela manda. Neste caso é deixar Deus por Deus. Deus chama-as para fazer oração e ao mesmo tempo para ir ver

com urgência um pobre doente, é isto que se chama deixar Deus por Deus.

Ora, minhas Irmãs, quereis dar-vos hoje a Deus para observar as Regras vendo as vantagens que há para as que lhes forem fiéis, e a infelicidade das que as descuidam? Peço a Deus que nos dê um novo desejo de as observar. Vede a importância do que dissemos.

Mas, dizei-me. minhas Irmãs, estais bem resolvidas a observar a ordem do emprego do dia? Falo a todas; à Irmã Joana, à Irmã Maria, à Irmã Francisca e a todas em geral. Respondei-me particularmente. Sentis essa resolução de cumprir bem as regras? Se assim é, sois felizes; se não, não quero dizer que sejais inteiramente infelizes, mas pelo menos não sois felizes como podereis ser. Não quereis dar-vos a Deus para seguir esta ordem?

Algumas disseram que queriam, e as outras pela sua atitude mostraram que era o seu desejo.

Deus vos abençoe. Deus seja bemdito, minhas queridas Irmãs! Mas não é bastante querer, é necessário oferecer essa vontade a Deus e dizer: «Ó Senhor, dou-vos a minha palavra, como quero observar a ordem do dia. Se me perguntarem agora se não faltarei mais, direi que não posso ser fiel sem Vós; e portanto dai-me a graça necessária para isso. Senhor, prometestes às almas que só têm intenção de Vos agradar, que observaríeis por elas, nelas e com elas as Regras que lhes destes; portanto, é a Vós que me dirijo para pedir a graça de observar bem as minhas. Por mim, não mereço; mas peço-Vo-lo por intercessão da Vossa Santa Mãe e pelo amor que tendes ao meu Anjo da Guarda». Vede, minhas Irmãs, se não é razoável cumprir esta ordem.

Acabais de dar a Palavra a Deus para cumprirdes a ordem do emprego do dia. Ei-lo. Começemos a ler. Dissemos qualquer coisa numa outra palestra, não sei como se misturou. Recomeçaremos.

Ordem do emprego do dia.

«Levantar-se-ão às quatro horas e deitar-se-ão às nove», porque, ainda que se não dissesse neste artigo deve entender-se. «Levantar-se-ão às quatro horas, dando os seus primeiros pensamentos a Deus».

Eis o primeiro artigo. E antes de o explicar preciso saber se fazeis o que ele contém.

Sei que algumas são exactas a observá-lo, mas preciso saber se todas se levantam às quatro horas. Sei que isso se faz aqui e em outros lugares. Ora, é preciso serem exactas à hora do deitar e levantar, a não ser que as pobres Irmãs que têm muitos doentes estivessem ocupadas nesse tempo a preparar os remédios para o dia seguinte. Fora disto, devem deitar-se às nove e le-

vantar-se às quatro. E note-se: as que o não fazem, ainda que tragam o hábito de Filhas da Caridade não o são.

Disse-se ainda neste ponto: «Darão os seus primeiros pensamentos a Deus». Vede minhas filhas, Deus fez ver a alguns santos que o anjo bom e anjo mau velam toda a noite: o bom para dar um bom pensamento ao espírito da pessoa que desperta e o mau para lhe dar um pensamento mau. É por isso que deveis acautelar-vos ao despertar para que o primeiro pensamento, e os seguintes sejam dados a Deus. Basta que digais isto: «Ó Senhor, Vós sois meu Deus, eu Vos adoro com todo o meu coração»; fizestes o que o anjo da guarda quer que façais; porém quando uma Irmã deixa divagar o seu espírito para onde as paixões a conduzem (porque há algumas que têm paixões de amor ou de aversão, e o espírito maligno não se cansa de as apresentar assim que despertam) quando uma Irmã se pára nelas, quanto ganha o demónio?! Minhas filhas, ganha o que pertence a Deus. Devemos a Deus todos os nossos pensamentos, as nossas acções e tudo o que somos, e faltamos a isto quando damos ouvidos aos pensamentos que veem do demónio que destroi o que devíamos dar a Deus. Para evitar isto, logo que despertais deveis ser muito cuidadosas não só em abrires o coração ao pensamento que o anjo da guarda vos der, mas fechá-lo a todos os que o espírito maligno sugerir, e dizer: «Meu Deus, eu Vos adoro de todo o meu coração; Senhor eu Vos dou o meu coração, fazei-me a graça de não Vos ofender e de fazer sempre a Vossa vontade em todas as coisas».

Eis, minhas Irmãs, pouco mais ou menos os pensamentos que deveis ter ao despertar. Se não vos lembrardes destes, tomai outros, não importa; contanto que penseis em Deus, ainda que só digais assim: «Meu Deus eu Vos amo de todo o coração». Basta isto. Fazendo assim, ofereceis os primeiros pensamentos a Deus e é isto o que Ele vos pede.

Eis o que se segue: «Vestir-se-ão diligentemente, fazendo cada uma a sua cama.» É preciso vestir-se prontamente e não fazer como muitas, que arrastam e passam o tempo a ajustar-se, para agradar, não digo a quem. Ora isto é lamentável, se há quem o faça. Ah! Minhas Irmãs, sêde diligentes, vesti-vos sem tanta pretensão.

Antes de vos acabardes de vestir deveis tomar a água benta, Sabeis que a água benta, pelo poder da igreja, tem virtude eficaz de afastar o demónio que quer dar-vos maus pensamentos. Por isso é preciso servir-vos e terem-na ao pé do leito ou no quarto.

Depois disto, diz ainda: «Pôr-se-ão de joelhos.» Para quê? Para adorarem Deus e agradecer-lhe de as ter preservado durante

a noite. Adorar Deus, isto é reconhece-LO Criador e Salvador do mundo e soberano Senhor de todas as coisas, reconhecermos a nossa inteira dependência d'Ele, tanto no corpo como na alma, e por isso dizer: «Senhor, eu Vos reconheço por Aquele a quem toda a criatura deve obedecer; e eu submeto-me Senhor, inteiramente à Vossa divina majestade. «Ora, é preciso muito pouco tempo para isto; tudo se faz num só acto de adoração; porque dizendo: «Senhor eu Vos adoro», reconhece-se o Seu Império Soberano e absoluto nas coisas visíveis espirituais e em todas as boas almas.

Não é bastante adorar a Deus; há um outro que se segue; é o agradecimento da preservação nocturna. E se acontecer que façais algum pecado, mesmo sem querer, é preciso pedir-lhe perdão; porque há certos pecados que se cometem dormindo, pelos quais, o bispo de Paris ordena aos padres de se absterem do Santo Sacrificio nesse dia. Não os quero nomear, mas a Senhora Le Gras vo-los dirá. Se acontecer cairdes nalgum, é preciso humilhar-vos e pedir perdão a Deus.

Depois disto, é preciso humilharem-se, oferecerem-se a Nosso Senhor em todas as acções do dia, desta maneira: «Senhor, ofereço-me a Vós com tudo o que eu fizer hoje e em toda a minha vida.» Minhas Irmãs, não é razoavel que o fruto duma árvore que está plantada num jardim seja dado a quem pertencê a árvore o fruto e o jardim? Deus plantou-vos neste mundo como árvores para dardes frutos de humildade, de paciência, de pobreza e de todas as outras virtudes. É o que Deus pede de vós; e por isso vedes a obrigação que tendes de vos oferecerdes à Sua divina majestade com tudo o que puderdes fazer.

Que é então necessário dizer? No momento em que se desperta, elevar o coração a Deus e dizer: «Senhor eu Vos adoro e agradeço as graças que me fazeis. Meu Deus, ofereço-me a Vós com todas as minhas acções.» Não basta, minhas Filhas reconhecer que dependemos de Deus, nem oferecermo-nos a Ele, se não Lhe oferecermos as obras. Não é bastante a uma árvore dizer àquele a quem pertence: «Meu senhor, sou vossa»; deve dizer mais: «E todos os meus frutos.»

Dir-me-eis, Senhor, se eu assim fizer que sucederá?

— Sucederá, minhas Irmãs, que todos os pensamentos, acções, palavras e tudo que fizerdes será agradável a Deus, e ver-se-á as Filhas da Caridade crescerem em virtude dia a dia. Porquê? Porque fizeram a Deus uma oblação de si próprias; e por causa desta oblação, oferecem-Lhe todos os actos de virtude e ao mesmo tempo praticam-nos.

Ele olha-as com prazer. É isto o que se chama graça gratifi-

cante, que as torna agradáveis a Deus cada vez mais, quer servindo as crianças, ou ouvindo a Missa e fazendo oração. Enfim, em todas as coisas, tal como um filho agrada a seu pai, mas com a diferença, nunca um pai ama tanto um filho como Deus ama uma criatura que faz tudo para Lhe agradar.

E para melhor reterdes isto, tornemos a ler o primeiro ponto : «Levantar-se-ão às quatro horas.» Tende sempre uma boa palavrinha para dizer a Nosso Senhor quando despertardes, como esta : «Meu Deus, sois meu Deus, dou-vos o meu coração», ou qualquer outra equivalente. Contanto que Lhe digais algumas palavras, isso basta. No entanto, é bom para se habituarem, reter algumas das que costumais dizer, como esta : «Meu Deus, eu Vos amo de todo o meu coração.»

Eis oito actos, que deveis fazer todos os dias sem faltar. Vêde se isto é difficil e se não deveis dar-vos a Deus para Lhe serdes fiéis. Se houver algumas que se não incomodem, podemos dizer que, se são fiéis, não o serão por muito tempo ; não há nada a esperar delas, é um facto.

O primeiro artigo está explicado. Vamos agora à capela.

Passemos ao segundo artigo : «Às quatro e meia, farão em comum as orações ordinárias e ouvirão em seguida ler os pontos de meditação, por espaço de meia hora.»

Perguntou Sua Caridade à Senhora Le Gras como faziam isto. Respondeu que havia um livro impresso de que se serviam e, se julgasse a propósito, uma Irmã as recitaria alto. Assim o fizeram duas Irmãs ; umas após outra, rezaram os actos de fé, de adoração e de acção de graças, de oferecimento, etc., e em seguida o Senhor Padre Vicente disse :

Esses actos podem fazer-se de duas maneiras, com intervalo ou sem ele. Mandam as Irmãs todas le-los em voz alta ou uma Irmã só, faz a reza seguida ?

Meu Pai, respondeu a Senhora Le Gras, a Irmã que está de reza, diz as orações em voz alta. A maioria sabem-nas de cor e acompanham-na em voz baixa ; as que as não sabem, unem-se à intenção.

Parece-me Senhora Le Gras, que seria conveniente que todas apreendessem de cór as orações, porque é necessário comprehenderem bem o seu sentido para poderem seguir a que faz a reza em voz alta.

Não se pode estar sempre com a atenção fixa. Em Santa Maria, as directoras das recém-vindas, ensinam-lhes tudo isto e interrogam-nas. «Que se deve fazer ao acordar ? É preciso adorar a Deus e rezar tal acto.» Não se contentam de verificar que o sabem, mas ensinam-lhes a maneira de o fazer. Porque, minhas

Irmãs, sabe-se que é preciso adorar a Deus, mas o que é adorar a Deus? E, assim, com os outros actos, até que os saibam, procedendo da mesma forma, porque então entram no conhecimento das coisas sobrenaturais, afastando-as das coisas da terra, e com o espírito iluminado, podem ver melhor a beleza da virtude. Porque, quanto menos o espírito estiver envolvido nas coisas deste mundo, mais apto estará em receber as luzes do Céu. Pois bem, no momento da oração, o espírito eleva-se da terra ao Céu. E então vêem-se as perfeições divinas, compreendem-se mistérios nunca entrevistos. Mas consideremos isto: Depois, ao ver a bondade de Deus e quanto fez pelos homens e por outro lado a fealdade do pecado, concebe-se um grande horror a este. E, assim, fazem-se actos conformes aos affectos que se sentem. Ao verificar-se a beleza da virtude, exclama-se: «Meu Deus! Que maravilha! Oh! Se o pudesses alcançar!» E assim é que se faz a oração. Ao começar a oração, fica-se em trevas, mas logo aparece uma luz que as afasta como uma lâmpada que as dissipa num aposento. E com esta luz compreendem-se como são as coisas. Ao considerar a virtude vê-se a estima que nos deve merecer. E porque não podemos conhecer o bem, como bem, sem o amar, nem o pecado, enquanto pecado, sem o odiar, por esta razão digo que havendo fidelidade a esta prática, Deus concederá a graça de se conhecer e estimar a virtude. Oh! Que grande bem! Como é bom amar a obediência. Como é bom servir os pobres como verdadeira Filha da Caridade! Acabado este segundo ponto, passemos ao terceiro que compreende as resoluções.

Considerada a beleza da virtude, passa-se adiante e faz-se o propósito de a pôr em prática; de outra maneira não se faria bem a oração. Quem meditar sobre o amor de Deus e disser: «Senhor, quão grande é a vossa formosura. Quero, para o futuro, que sejais o único objecto do meu amor. Peço-vos esta graça», deve juntar a estes affectos a seguinte resolução: «Oh! Meu Deus; proponho fazer tudo que puder por Vosso Amor. E depois deve pô-lo em prática quando se apresentar a ocasião. Por aqui podeis ver quanto se enganam os que passam todo o tempo da oração em representar-se na imaginação o objecto dela ou, quando sentem os affectos, fixarem-se neles sem tomar resoluções. É, pois, necessário determinar-se a pôr em prática o que se contemplou na oração, seja para corrigir qualquer vicio que se note em nós, ou seja para praticar o bem. Por exemplo; diga-se: «Meu Deus! Tudo que fizer a favor dos pobres quero que seja por Vosso Amor! Alimento este corpo miserável a fim de que tenha forças para servir-Vos. Quando me ocupar de obras mais elevadas, como ouvir a santa Missa, fazer oração, ou preparar-me para a Sagrada

Comunhão, quero que tudo seja feito por Vosso Amor, com o fim de Vos agradar e não pelas criaturas.

Meu Deus! Que no futuro eu proceda sempre assim! Para isso basta o recolhimento. Era assim a oração de Santo António. Oh! Minhas Filhas, sendo assim como tudo vai bem; é uma consolação. Mas para a meditação do dia é preciso faze-la pelas cinco e meia, sempre que seja possível.

Dirigiu-se a uma Irmã de Saint-Germain-en-Laye :

— Minha Irmã faz meditação?

— Nem sempre, meu Pai, mas poucas vezes deixamos de faze-la.

— Em nome de Deus, não a deixeis nunca, minha Filha, e considerai quão importante é fazer uma oração. Porque, como já vos disse ultimamente, a oração é tão necessária à conservação da vida como o ar ao homem ou a água ao peixe para conservação da sua existência. E, assim como os homens não podem viver sem ar, e morrem quando ela lhes falta, assim também uma Filha da Caridade não pode viver da graça, sem oração. Quando esta lhe faltar, não morre quanto ao corpo, mas começa a morrer à graça. Deve pois, estabelecer-se este costume entre vós. E, às Irmãs Serventes compete faze-lo observar. De tempos a tempos serão interrogadas sobre este ponto, se Deus o permitir.

«Depois da Missa, tomarão algum alimento e voltarão aos seus officios. E se não puderem ouvi-la senão mais tarde, poderão almoçar antes de ir. É conveniente ir antes de visitarem os doentes por causa do ar. Sei que é mais respeitoso e também um acto de piedade ouvir Missa em jejum, mas as pessoas que trabalham não podem deter-se nisso.

Às onze e meia farão o exame particular, examinando-se sobre as resoluções, etc.»

Então, o Padre Vicente, interrogou uma das Irmãs :

Minha filha, faz o exame particular antes da refeição?

— Sim, meu Pai.

— Deus a abençoe! Posso afirmar que os nossos pobres Irmãos da Companhia são fiéis a esse exercício, o que me dá grande consolação. O Padre Portail é testemunha disso. É uma grande bênção de Deus. Podem ver-se os irmãos de joelhos quando voltam dos seus trabalhos, a fazerem o exame particular e também os empregados, seguindo-lhes o exemplo.

Minhas Irmãs, este exame pode fazer-se de duas maneiras. Uma, vendo se houve fidelidade às resoluções da manhã, porque o fruto da oração são as boas resoluções e práticas. Por exemplo, uma virtude que me é necessária. Sou brusca, preciso de paciência; sou preguiçosa, é-me imprescindível a actividade. E assim,

com as outras virtudes. E como propusemos exercitar-nos numa das virtudes, no exame particular, devemos ver se fomos fiéis a essa resolução ou não. Também pode fazer-se de outra maneira. É' procurar conhecer o defeito a que se está mais inclinado, para dele nos corrigirmos. E antes da refeição, examinarmo-nos se nos mortificámos nesse sentido. E por ocasião da comunicação ao confessor, ao Padre Portail ou a outro, a principal coisa é dar-lhe parte da paixão dominante e a que mais vos afflige, afim de que ele vos ajude com os seus conselhos a vencê-la. Corresponde ao Director ou à Directora interrogar aquella que lhe fala. «Minha Irmã, já fez a comunicação? Qual o seu defeito dominante? «A interrogada dirá: «Mademoiselle, é este». Pois bem, minha Irmã, procure os meios de o corrigir, E para isso, tem de pôr em prática a virtude contrária». Assim, Caríssimas Irmãs, as resoluções da oração da manhã devem examinar-se no exame particular, não sòmente duas vezes por dia, nas horas indicadas, mas considerar com frequência: «Que resolução tomei esta manhã? Se, por exemplo, foi a de ser paciente, dizer». Habitualmente impaciente-me com a minha Irmã, como procedi hoje? E se a paciência foi praticada quando se apresentou a ocasião, deve-se agradecer a Deus; se foi ao contrário, pedir-lhe perdão e impor-se uma penitência. Porque será impossível corrigir-se dum vício se não se proceder assim.

Os próprios pagãos reconheceram esta necessidade. Importa, pois, muito a fidelidade neste exame. Séneca, filósofo pagão, fazia todos os dias o exame a fim de ver se tinha vivido como o filósofo é obrigado a viver, ou se tinha faltado à prática das virtudes dum filósofo.

Há diferença no exame particular, porque pode ser para adquirir uma virtude ou para corrigir um defeito. Mas consideremos que nunca se dá conta da consciência sem se conhecer qual o defeito a que devemos fazer guerra ou a virtude que precisamos de adquirir e deve-se empregar nisso o tempo que fôr necessário: um mês, três meses, um ano, e se não for bastante, três anos, ou mais.

Em seguida jantarão, dizendo o Benedicite e o restante. Após o jantar, o recreio, etc.».

Minhas Irmãs, o assunto é bem claro. O recreio deve realizar-se com grande modéstia. E se a alguma escapar qualquer imodéstia ou conversa contra a caridade, a Irmã para isso indicada, dirá: «Vamos entrar, minhas Irmãs, em matéria que não nos é útil». E, com isto se recordarão da presença de Deus.

As duas, a leitura e o silêncio, e isto terminará com estas palavras: *Christus factus est pro nobis obediens.*

Muito bem! Não sei se fora de casa se procede assim.

Minhas Irmãs, fazem assim, em «Treize Maison?» (1)

Fazêmo-lo, meu Pai, mas a outra hora, por ordem de Made-moiselle, por causa das crianças.

Beim, minhas Irmãs, ficaremos por aqui. E ainda que não tenhamos dito grande coisa, as Irmãs não deixam de ter mérito pela maçada que tiveram de escutar o pecador que vos falou. Queira Deus abençoar o que disse por Seu intermédio.

Posso assegurar que sendo respeitada esta ordem Deus vos protegerá, porque é Ele o Autor de toda a ordem. E a coisa que podeis fazer que lhe seja mais agradável é a observância das Santas Regras.

Uma irmã pediu perdão ao ver que o Padre Vicente estava prestes a terminar a conferência. A essa Irmã respondeu:

Pois bem, Minha Irmã, peço a Nosso Senhor que a inspirou a fazer esse acto de penitência lhe conceda a graça de se emendar. Suplico ao Senhor que faça conhecer à Comunidade a beleza dos actos de humildade para principiar esta prática e continuá-la, e que todas as Irmãs vivam tudo o que acaba de dizer. Ao mesmo tempo pronuncio, da Sua parte, as palavras de bênção para que opere no vosso espírito a graça necessária, afim de observardes bem as Santas Regras.

106 — CONFERÊNCIA DE 25 DE NOVEMBRO DE 1658

EMPREGO DO DIA — EXPLICAÇÃO DO EVANGELHO DAS VIRGENS PRUDENTES E DAS VIRGENS LOUCAS — DEVOÇÃO A SANTA CATARINA

Minhas Caríssimas Irmãs, dividiremos esta conferência em duas partes: a primeira é destinada à leitura de algum dos artigos das Santas Regras e a segunda para falarmos, em forma de conferência sobre a festa de Santa Catarina, que ocorre hoje. Se o tempo permitir, interrogarei algumas sobre os pensamentos que o Evangelho lido hoje lhes inspirou.

A Senhora Le Gras perguntou se eram os pensamentos da oração da manhã e o Senhor Padre Vicente respondeu:

Não, Senhora Le Gras, serão os pensamentos que ocorrem neste momento.

(1) Nome dado ao grupo de casas que serviam de morada às crianças abandonadas, R. de Faubourg-Saint-Denis. Teve mais tarde o nome de «Quatorze Maisons», quando ampliaram a Obra.

Nada mais faremos do que ler as vossas Regras simplesmente, sem vo-las explicar, por dois motivos: O primeiro porque são observadas, estão em uso entre vós e pela graça de Deus as conheceis pela prática. O segundo, porque explicando as outras Regras, verdadeiramente ficam estas explicadas.

Diz assim o artigo oitavo das Regras do emprego do dia:

«8.º Depois do silêncio devem continuar a trabalhar; poderão também, como antes, falar de alguma coisa edificante, etc.

É isto que segue à hora do silêncio, Caríssimas Irmãs, eis como o deveis passar.

9.º Às cinco horas e meia far-se-á a oração até às seis horas, etc.

Que maravilha! Ter falado com Nosso Senhor de manhã e voltar a fazê-lo de tarde. Ó Salvador que felicidade! Mas se algumas não forem fiéis em guardar esta Regra, oh! Salvador, tende por certo que irão caindo pouco a pouco num estado lastimoso. Se antes eram humildes, de futuro não o serão; se tinham amor a Deus e ao próximo, passarão a não o ter; em suma, se possuíam algum bom costume como o de falar de coisas boas, perderão tudo, por falta de fidelidade a esta Regra.

E se alguma das Irmãs tiver enfraquecido ou se viessemos a vê-las assim entre nós (Oh! que sei eu, se há ou não há)! mas se houvesse, é por não terem sido fiéis à oração e às outras práticas, mas principalmente a esta; porque é a esta hora que se tem mais dificuldade.

10.º Depois da ceia, cada, uma se empregará nas coisas do seu officio e observarão quanto se diz sobre o recreio (depois de comer) do jantar.

Trata-se depois, de fazer um bom recreio. Oh! Como desejo que o recreio seja feito como deve ser, e quanto do coração o peço a Deus!

11.º Às oito horas, juntar-se-ão no lugar destinado para fazerem em comum o exercício da noite, etc.

12.º Às sextas feiras, assistirão à pequena Conferência que se faz depois da noite na presença da Superiora ou de quem a representa.»

Este exercício é muito útil e proveitoso quando feito como deve ser. Não sei se o fazem nas paróquias. Fazem-no na sua?

— Sim, meu Pai, a não ser quando o serviço dos Pobres o impede.

— Dou graças a Deus. Muito bem, minhas Irmãs. Perseverai em tão bom costume, enquanto for possível, a não ser que o serviço dos Pobres vos impeça, porque é justo servir primeiro os Senhores. Os pobres são os nossos ams; são os reis, devemos-lhes obediência. Não é exagero dar-lhes este nome, porque Nosso está nos Pobres.

Haveis de ter presente que a conferência da Sexta-feira foi estabelecida para acusação das faltas contra as Regras da Companhia e para utilizarem os meios de se corrigirem. De joelhos, diz cada uma a sua falta. Que óptimo Mademoiselle. Costumam proceder assim?

— Meu Pai, começamos pela invocação do Espírito Santo, e depois, algumas vezes, nem sempre, aponto qualquer falta que notei, seja em geral, ou seja em particular, quando me lembro. Em seguida, acusam-se as nossas Irmãs.

— Põem-se de joelhos?

— Meu Pai, as que se acusam, sim; quando as Irmãs Conselheiras o fazem, ficam todas de joelhos.

Bendito seja Deus! Que bom costume! Recebem de boa vontade os avisos e penitências que ali dão?

Meu Pai, quanto às penitências ainda não estão em uso. Aguardamos os conselhos que nos queira dar sobre isto e procurar que nas paróquias, nos forçados e em Treize Maisons façam pouco mais ou menos o que se faz aqui. Com este exercício combateis por toda a parte o espírito maligno, porque se fazeis bem esta prática reparareis o mal cometido durante a semana.

S. Domingos viu em certa ocasião, o demónio e disse-lhe:

— Vem cá, que fazes aí? O espírito maligno respondeu: «Faço o meu officio, vou por toda a parte e em todo o lado lucro sempre alguma coisa, ganho na igreja pelas distrações nas orações; ganho à mesa pelo prazer no alimento; também ganho nas conversações: enfim, em toda a parte. Há apenas um lugar miserável onde perco tudo.»

— Em nome de Deus te mando, disse-lhe o santo, que me digas que lugar é.

«É, respondeu, no capítulo, onde se acusam das suas faltas humildemente».

É, pois, ali, minhas Irmãs que o demónio perde tudo que ganhou. Prometei a Deus fazer sempre este exercício como é necessário fazê-lo.

Nas paróquias, pode fazer-se desta maneira. A Irmã Servente começa por dizer as faltas contra as Regras, por exemplo: «Minha Irmã, parece-me que faltámos à pontualidade na oração, o que não aconteceria se tivéssemos previsto tal coisa. Ou então: «Não temos sido regulares, quanto à Missa e demais observâncias». Depois deve pedir perdão. E logo que a Irmã Servente tenha falado, a companheira deve igualmente dizer a sua culpa com a resolução de uma e outra tomarem cuidado em emendar-se das suas faltas.

13.º Às nove, depois de tomar água benta e de ter feito de joelhos uma pequena oração, etc.»

14.º Depois do fim da oração da noite até à oração da manhã do dia seguinte, guardarão silêncio rigoroso, etc.

Sêde bens fiéis a isto, Caríssimas Irmãs, porque é um tempo precioso. Mosteiros há em que não ousam sequer abrir a boca nas horas de silêncio. E se houver grande necessidade de falar, fazem sinal e pedem licença de dizerem uma palavrinha.

15.º As que têm licença para aprender a ler e a escrever, empregarão, de manhã, meia hora para ler, etc.

Isto há-de entender-se, Irmãs, quando sobrar tempo, depois de servidos os doentes, porque se os Pobres necessitarem dos vossos serviços, não fareis a leitura e direis: «O meu Senhor que está neste Pobre, manda-me ir ter com ele, tem de ser servido em primeiro lugar.»

Chegámos ao artigo 16.º. Ficaremos aqui. Vamos agora ao segundo ponto que propusemos.

Caríssimas Irmãs, o Evangelho que a Igreja nos manda ler no dia de hoje na Santa Missa, referente à vida de Santa Catarina, ou seja a parábola do Evangelho, merece bem que nele detenhamos a nossa atenção. Apresenta-nos a parábola as duas classes de pessoas que vivem em religião ou Comunidade, das quais rejeitou, umas e aceitou as outras. Das dez virgens de que fala o Evangelho, cinco rejeitou-as o esposo, quer dizer foram condenadas. Dizer que rejeita alguém, significa que Deus o manda para o inferno. As outras cinco tiveram a felicidade de receber o Esposo, merecendo o paraíso porque estavam preparadas. O esposo levou-as a fim de tomarem parte na glória que possui. Escutai, pois, Caríssimas Irmãs, o que disse Nosso Senhor: «Eram dez virgens, das quais cinco se condenaram e cinco se salvaram.» Dez virgens viviam juntas; metade foi rejeitada por Deus e a outra metade foi bem-aventurada. Se o Evangelho que é a própria verdade não fosse o Evangelho, se não estivéssemos inteiramente certos disto, ainda poderíamos objectar alguma coisa, mas «principium verborum veritas», a verdade é o princípio destas palavras. E, por esta razão não podemos duvidar desta verdade, porque as palavras de Deus são efectivas e produzem sempre os seus efeitos. Se é, como o Evangelho nos diz que dez virgens se condenaram, não será isto de temer para as Filhas de Caridade?

Considerai Irmãs que estão aqui umas quarenta ou cinquenta. Se houvesse metade que se salvasse e outra metade fizesse parte do número dessas infelizes virgens, ah! Salvador, teria cada uma razão para dizer: «Numquid ego sum, Domine?» Serei eu daquelas que se condenam? Ou então: «Terei eu a dita de ter a mesma

sorte das virgens que agradaram a Nosso Senhor?» As palavras de Deus são verdadeiras; falam por si mesmas. Como não temer vendo o que aconteceu às virgens loucas? É esta uma razão para temer não só pelas Filhas da Caridade, mas temê-lo tanto por todas as outras pessoas, pelas Carmelitas e pelas Irmãs da Visitação, como por vós. E, Caríssimas Irmãs, se tendes motivo para o sentir, quanto mais não o terei eu, miserável, pelas iniquidades da minha vida, pelas obrigações do meu ministério, tão grandes, e que estou longe de cumprir como devo!

Diz a parábola que eram todas virgens e que metade foi para o inferno. Tendes motivo para temer, especialmente as que forem como as loucas, e perguntar-se. «Serei eu tão infeliz que venha a ter a mesma sorte daquelas desgraçadas? As que tinham as lâmpadas acesas foram introduzidas no paraíso, mas as que não tinham azeite nas lâmpadas foram repelidas. E, assim, pois, Caríssimas Irmãs as que não têm o azeite da caridade, bem podem recear fazer parte daquelas. As que não vivem como é devido, na observância das Regras e aquelas a quem a consciência diz: «Se sigo como até agora e não mortifico as minhas paixões, estou perdida», Oh! Salvador! Como elas devem fazer o possível por sair deste estado.

Magnífica lição esta de hoje! Que faremos para que nos seja proveitosa? Conduzir-nos de maneira que sejamos do número das prudentes, vivendo como elas, e saindo do estado em que se encontravam as infelizes, como se fôssemos como elas.

Disse-vos já, minhas Filhas, que vos interrogaria sobre os vossos pensamentos a este respeito; familiarmente. Diz o Evangelho que cinco virgens não estavam vigilantes, mas dormiam e só as outras cinco foram ao encontro do esposo. Dizei-me que pensastes sobre o assunto? Qual foi a causa de assim adormecerem e o que levou as prudentes a estarem prontas a ir ao encontro do esposo?

Minha Irmã, o que pensais a este respeito?

— Meu Pai, creio que, quando a Filha da Caridade não segue as Regras, está adormecida.

— Bendito seja Deus! O Evangelho refere que as virgens não estavam vigilantes e vós dizeis que uma Filha da Caridade que não cumpre as suas Regras está adormecida e não vela. Por conseguinte, as cinco virgens infelizes foram repelidas porque não faziam as coisas a que estavam obrigadas. Assim, minhas Irmãs, as Filhas da Caridade que não vivem na observância das suas Regras, podem conservar-se adormecidas e neste estado se não despertarem serão desgraçadas, porque surpreendidas pelo sono da morte serão encontradas como as virgens loucas, sem azeite.

Por isso, serão condenadas. Não vos parece que a Irmã respondeu bem e que Nosso Senhor agirá com justiça, tratando-as dessa maneira? Elegeu-vos Deus para Suas Esposas, separou-vos da corrupção do mundo e como vosso Senhor, deu-vos Regras para que as observásseis, dizendo: «Fazei isto, são coisas fáceis que não ultrapassam as vossas forças.» Minhas Irmãs, não as observar é adormecer como as Virgens loucas.

Irmã Vicente, diga-me: «A Irmã Antoinette respondeu-me que as Filhas da Caridade que não guardam as Regras estão adormecidas e se não despertarem, o esposo não as receberá como esposas. Que vos parece? E quais são as que podem considerar-se adormecidas?»

Meu Pai, creio que uma Irmã que não faz o que está obrigada pela sua vocação está adormecida, porque deixa de realizar as obras que a deviam salvar ou porque não as faz como deve.

— Mas, minha Filha, ela vai visitar os Pobres!

— Meu Pai, não me parece que seja grande coisa se não for bem feito.

— Dizeis bem, minha Irmã, porque não é bastante servir os Pobres. O principal é trabalhar na sua própria perfeição, faltar a isso, é dormir, como dissetes nas obras da salvação; por isso dormem, as Irmãs que não guardam as Regras como devem, fazem-no, mas não como as circunstâncias o exigem, com os olhos em Deus, e o mais perfeitamente possível, quer sejam grandes ou pequenas tudo fazem por amor de Deus que é o único fim com que devem ser feitas todas as coisas.

Irmã Françoise, de quem mais se pode dizer que estão adormecidas como aquelas Virgens?

Creio, meu Pai, que estar adormecida é fazer as coisas com negligência, sem atenção, misturando com elas alguma coisa do mundo, como o affecto aos parentes, à terra em que se nasceu; procurando o que agrada e estando indecisa sem saber se perseverará ou não; desempenhando os officios só por obrigação e não por amor à obediência.

— A estas, Caríssimas Irmãs, pertence propriamente o nome de adormecidas, porque não fazem as suas obras por amor do Esposo. Esperam a vindá d'Ele como as loucas que, sem dúvida, estiveram ocupadas noutra coisa e não se prepararam para recebê-lo, visto que adormeceram. Ora, minhas Irmãs, se as Filhas da Caridade e nós, Padres da Missão, não observamos as nossas Regras para agradarmos a este Esposo, se, no que fizemos, não for Deus o único fim, se não desejamos dar-Lhe gosto em tudo, bem podemos temer. Porquê? Porque se executa bem o que é ex-

terior, mas não é pelo esposo. Por esta razão, são semelhantes às virgens loucas, as Irmãs que assim procedem.

Não falarei mais sobre isto, mas tende presente que todas as obras devem preparar-vos à vinda do esposo, e, com este fim, fazei logo de manhã a intenção de lhe agradar em tudo, sem mistura de respeito humano. Cumprido isto, logo que venha o Esposo vos abraçará como Suas esposas, porque tem muito amor às almas que Lhe são fieis, pois não há Esposo que tanto queira à esposa como Ele quer a essas almas. Portanto, essas têm razão em esperar fazer parte das que podem ser do número das bem-aventuradas virgens que entraram com o Esposo.

A Senhora Le Gras pediu licença para falar e disse :

Meu Pai, não se pode dizer que estão adormecidas as que não cumprem as Regras, não as estimam e pensam que a isso não estão obrigadas?

Não só dormem, mas é muito pior, estão semi mortas. Porque aquele que dorme, desperta, mas o que está meio morto não pode levantar-se. Como?! Então uma Filha da Caridade recebe as Regras de Nosso Senhor e julga não estar obrigada a observá-las! A que permanece num estado de indolência ou não faz todas as obras por amor do Esposo; a que comunga, a que ouve a missa, ou faz qualquer outra coisa sem a preocupação de a fazer bem, como a isso está obrigada, essa é pior que as virgens do Evangelho, porque estas esperavam o esposo e a única falta era não terem preparado o que deviam para a Sua vinda. A Irmã que despreza as ordens de Deus, não se importando de as observar, nem faz o que deve fazer, essa Irmã, se não se corrigir, cedo ou tarde, fará parte das que foram excluídas. Se alguma das Irmãs quiser viver assim, segundo o seu capricho, sem se sujeitar às Regras, tem em grande perigo a salvação e pode dizer-se que está no caminho da perdição, se não estiver já perdida! Aquelas virgens estavam condenadas na mente de Deus antes da chegada do Esposo; as que não se preparam para se apresentar devidamente ao Esposo como as virgens prudentes, estão perdidas diante de Deus que vê o seu miserável estado. Não o estão porque Ele as viu, simplesmente as viu porque o estão. Ele vê naturalmente a verdade. Por isso, minhas Irmãs, podemos temer se nos encontramos nessa disposição.

Tudo que dissemos, minhas Caríssimas Irmãs, deve impelir-nos à generosidade para fazermos o que Jesus quer de nós como Santa Catarina que ao ouvir narrar a mortandade ordenada pelo Imperador Maximiano, movida de compaixão, foi corajosamente ao seu encontro para lhe dizer que estranhava muitíssimo que ele se atravessasse a fazer derramar tanto sangue de cristãos.

Ela fê-lo para o persuadir a deixar de fazer tanto mal. Oh! Como vigiava esta jovem! Que bem guardava as Regras que Deus lhe tinha dado. Velava pela observância das Regras Cristãs. Nunca faltava. E, punha também em pratica as Regras da Caridade para com o próximo, como consta na sua vida.

Minhas Filhas, tende devoção a Santa Catarina. Pedi a Deus a graça de velar como ela que teve o atrevimento de falar com o Imperador e repreendê-lo da sua crueldade. Mas nada obtendo dele, conseguiu ganhar cinquenta filósofos, Porffrio, com duzentos soldados e a própria mulher de Maximiano, todos martirizados na presença da santa. O rei não podendo suportar na mulher as máximas do cristianismo, e porque era muito cruel, fê-la morrer em primeiro lugar.

Ai! minhas Filhas. Não temos oportunidade de nos apresentar aos tiranos como Santa Catarina, mas podemos guardar as nossas Regras por amor do Esposo. Se falamos, se desejamos fazer alguma acção, ofereçamo-la a Deus para que tudo se dirija ao Esposo e tenhamos sempre a intenção de tudo fazer por Ele.

Oh! Companhia das Filhas da Caridade, se aprouvesse a Deus comunicar te o Seu espírito para que não tivesses outro fim senão Deus em todas as tuas acções e sofrimentos, oh! como veriam todos a santidade da tua vida. Assim seria, minhas Filhas, se tivesses este espírito de Deus e amor às Regras. As que não tiverem estas disposições é de temer que se percam, porque é muito estreita a porta do Paraiso. Desterremos do nosso coração o affecto pelos nossos parentes, pelas nossas pátrias, a preferência duma Irmã por outra, o desejo de estar em tal paróquia, a simpatia por tal Senhora. Ah! Salvador! Afastemos tudo isto de nós e o cuidado de nós próprios para não pensarmos senão na vinda do Esposo. E se alguma coisa há a temer é estarmos presas ao que não seja o Esposo da nossa alma. As que têm afeição ao que acabamos de dizer, esperam o Esposo mas não se preparam para o receber. Por isso, devemos pôr todo o nosso cuidado em nos afastarmos do que possa levar-nos à infelicidade das virgens loucas. Tomai neste momento este propósito para que à hora da morte o Esposo não tenha a dizer-vos: Dormistes na observância das Regras; agora não vos conheço, ide! Abandono-vos!

Minhas Caríssimas Irmãs. Portemo-nos de maneira a livrar-nos desta desgraça pela nossa infidelidade, afim de vermos para sempre este Esposo e sermos vistas por Ele.

Salvador! A quem pudesse contemplar o amor que Deus tem às almas boas, seria impossível não ficar preso de amor por um Esposo que tanto carinho tem pelas Suas esposas. É fogo que abraza todos que d'Ele se aproximam com as devidas disposições.

As que não estão atentas, que despertam e não esperam pelo dia seguinte, para não suceder que chegue o Esposo e não lhes dê entrada. Minhas Filhas, tomemos a resolução de fazer todas as coisas para agradar ao Senhor. Mas porque nada podemos por nós mesmos, rogo a Nosso Senhor nos conceda esta graça, e em Seu Nome, pronuncio as palavras de Bênção.

107 — CONFERÊNCIA DE 8 DE DEZEMBRO DE 1658

REZA DO TERÇO. OCUPAÇÃO DOS DOMINGOS E DIAS DE FESTA

(Emprego do dia, artigo (16 e 17))

O nosso Muito Venerando Pai, depois de invocar o Espírito Santo segundo o costume, começou desta maneira :

Bendito seja Deus, minhas Irmãs! «In nomine Domini! Continuaremos a leitura das Regras e hoje com muita pressa.

Diz este artigo a respeito do terço: «16º. Além do que ficou dito mais acima, rezarão o terço, em várias partes.»

É importante cumprir bem esta devoção, porque, entre todas as orações, o Pai Nosso é a única que foi ensinada por Nosso Senhor aos seus apóstolos; esta oração encerra, pelo menos, a parte principal do terço. «Quando rezardes dizei assim: Pai Nosso que estais no céu, etc.!» (Evangelho de S. Mateus VI,9). Minhas Irmãs, imaginemos que Nosso Senhor está no meio de nós e nos diz a mesma coisa.

A outra oração que compõe o terço, é a Avé Maria inspirada pelo Espírito Santo. O Anjo principiou-a com a saudação à Santíssima Virgem, Santa Isabel disse uma parte quando foi visitada por sua prima e a Igreja concluiu-na. Por isso, dissemos que foi o Espírito Santo que inspirou esta oração.

Portanto, minhas Irmãs, o Terço é uma oração muito eficaz, se a rezarmos bem. Há quatrocentos ou quinhentos anos que Deus inspirou a S. Domingos a reza do terço. Este glorioso Santo ao ver o mundo cheio de pecado, pensou que se ensinasse ao povo estas duas orações, daria muito prazer a Deus; ele e seus filhos puseram mãos à obra e começaram a ensinar a reza do terço por onde passavam. Os Papas ao notarem a importância desta oração, propagaram-na entre os cristãos, particularmente entre as pessoas simples e concederam muitas indulgências aos que a recitassem. E assim se unem tantas almas santas para louvar a Deus e a Santíssima Virgem. Agora, em todas as horas

do dia se reza o terço. Os próprios turcos acharam isto tão bonito, que, por vezes, usam o terço ao pescoço ou a tiracolo.

Sabeis como rezam o terço? Não rezam como nós Pai Nosso e a Avé Maria, porque não acreditam em Jesus Cristo e não o consideram como Soberano Senhor, embora O respeitem assim como à Santíssima Virgem, de tal maneira que se ouvirem alguém blasfemar contra Nosso Senhor, matam-no. Pegam no terço e dizem: «Allah, alla; meu Deus, tem piedade de mim. Deus justo, Deus misericordioso, Deus poderoso.» São os epítetos que lhe dão.

Se os turcos, têm uma espécie de devoção ao terço, vede se não é muito razoável que nós também tenhamos muita devoção à Santíssima Virgem.

A regra indica vários momentos para a reza do terço para que não vos ausenteis durante muito tempo do serviço dos pobres. Deveis rezar uma dezena de manhã depois da reza, duas na igreja e as outras duas depois do «Angelus» do meio dia e da tarde.

Desta maneira, minhas Irmãs, tendes tempo para rezar o vosso terço. Mas procurai rezá-lo bem, porque é o vosso breviário. E assim como os sacerdotes devem recitar o breviário pelas intenções da Igreja, também, deveis rezar o vosso terço pelas intenções da Comunidade, para que Deus a santifique e abençoe o seu trabalho e tudo o que fizer pelo serviço dos pobres. Os sacerdotes não dizem outras orações em prejuizo da obrigação de recitar o breviário; da mesma maneira não deveis rezar outras orações que vos tirem o tempo de rezar o terço. E, como também os sacerdotes devem rezar com atenção o seu breviário, assim deveis rezar o vosso terço, com grande atenção, devoção e referência; para obterdes de Deus, pelas orações da Santíssima Virgem, as graças que a Companhia necessita para Lhe ser agradável. Eis minhas Irmãs, como deveis rezar esta oração tão agradável a Deus e à Santíssima Virgem! Tomai a resolução de nunca lhe faltar.

«17º Nos domingos e festas, seguirão a mesma ordem do dia, à excepção das horas que, nos dias úteis são dedicadas aos trabalhos manuais. Passá-las-ão em exercícios espirituais, como, a leitura de livros devotos, etc.»

Neste artigo tendes indicada a maneira de empregar bem o tempo nos domingos e dias santos. A leitura das vossas regras, se as imprimirem, vo-lo indicará. Contudo, exorto-vos, minhas Irmãs, a que vos prepareis para o ensino do Catecismo. Se as que estão nas paróquias, souberem que há um lugar onde o catecismo é bem ensinado, procurarão assistir sempre que puderem. Quanto a irem às Filhas da Cruz e às Ursulinas, veremos, com o

tempo, se o podemos permitir. Procurai, minhas Irmãs, preparar-vos bem para o ensino do Catecismo às crianças.

Rogo a Nosso Senhor que vos abençoe e vos encha de graças, para que, como Ele, sejais humildes e obedientes. Assim, vivereis da Sua própria vida. Meu Salvador! peço-vos que as nossas Irmãs vivam da Vossa vida pela imitação das vossas virtudes. Minhas Filhas, para obterdes esta graça recorrei à Mãe de misericórdia, a Santíssima Virgem, vossa padroeira. Dizei-Lhe: «Já que a Companhia se fundou sob o vosso estandarte e protecção e vos invocámos como nossa Mãe, pedimo-Vos que recebaís a oferta que dela fazemos em geral e de cada uma em particular. É porque permitis que vos chamemos Mãe e sois a Mãe de misericórdia, o canal de onde ela brota, que obtiveste de Deus, como é de crêr, o estabelecimento desta Companhia, tomai-a sob a vossa protecção. «Minhas Irmãs, punhamo-nos sob a Sua protecção, consagramo-nos a Seu Filho e a Ela sem reserva, para que governe a Companhia em geral e a cada uma em particular.

108—CONFERÊNCIA DE 16 DE MARÇO DE 1649

**CATECISMO — ACTOS DE ADORAÇÃO Á SAÍDA — JEJUNS E
ABSTINÊNCIAS — CONFISSÕES — COMUNHÃO —
COMUNICAÇÕES — RETIROS — CONFERÊNCIAS**

(Emprego do dia, art. 17-23)

Continuaremos e terminaremos minhas Irmãs, se pudermos, a explicação das vossas Regras. Chegámos ao artigo desassete que trata das vossas occupações ao domingo e dias de festa. Na explicação das Regras, já vos falaram do trabalho dos outros dias da semana, resta-nos ver o que se segue: «Nos domingos e dias de festa, seguirão a mesma ordem, excepto nas horas em que, nos dias úteis, se ocupam no trabalho manual, que as empregarão em exercícios espirituais, como ouvir o sermão, o catecismo, os officios divinos, as práticas de piedade e a prepararem-se com suas Irmãs para ensinar catecismo, afim de se tornarem aptas para instruir os pobres e as crianças, nas coisas necessárias à salvação».

Este artigo, minhas Irmãs não requer explicação, pois por si está bem claro. Direi apenas duas palavras, sobre o assunto: primeiramente, que os domingos e festas são mandados por Deus para os empregar no seu serviço e excluir todas as obras servis;

segundo, que deveis empregar as horas que nos outros dias são dedicadas ao trabalho, em fazer Catecismo e outras coisas indicadas pela Regra. É para notar que este artigo diz que façais o Catecismo entre vós. Podem-no fazer noutro lado, quando for justo e necessário.

Senhora Le Gras, têm feito assim?

— Sim, meu Pai, há uma Irmã do Conselho ou alguma mais antiga que instrui as outras sobre o catecismo, explicando o Pater por petições, e o Credo por artigos. Por vezes, também, falam sobre o que ouviram no sermão, se assistiram.

— Muito bem, Senhora Le Gras. É já que vistes que era oportuno fazer assim, deveis continuar. Nomeai Irmãs para fazerem catecismo, uma interroga e as outras respondem. As que escutam o Catecismo têm de ouvir com grande modéstia e respeito. A que preside, ouve as respostas e explica o que não fôr bem compreendido por todas. E se cometerem alguma falta, deve advertir a Superiora, porque, minhas Irmãs, este é um meio de vos instruídes pessoalmente, e se o fizerdes, estareis logo aptas para ensinardes o Catecismo aos pobres.

Isto é conforme ao que se faz na santa Igreja ou nas assembleias. Sempre há dois que discutem um assunto, um argumenta e outro defende e assim se vão instruindo. O mesmo se faz nos Seminários, e em muitos lugares. E como o melhor meio de aprender é ver, em S. Nicolas-du-Chardonnet, têm por costume não deixar nenhum sacerdote baptizar sem antes lhe apresentarem um menino para nele fazer todas as cerimónias prescritas para o Baptismo. É da mesma maneira para a confissão. Um clero do Seminário faz como se se confessasse dizendo em voz alta os peccados que podem cometer-se e o padre que o atende, se este não acusa bem, interroga o penitente. É o mesmo para a comunhão. Tudo isto é para se tornarem aptos para administrarem os sacramentos e desempenharem bem as suas funções aptas para ensinar o Catecismo aos pobres, é aprendê-lo entre vós. É necessário que vos exerciteis nisto, tanto quanto puderdes, por isso, deve haver uma que interrogue e outra que responda diante da Superiora e se esta estiver ausente que a sua substituta depois lhe participe como fizeram.

Senhora Le Gras acha que há inconveniente em fazer desta maneira?

— Não meu Pai, parece-me melhor como Vossa caridade nos ensinou. — Dá-me licença que diga o que pensei sobre o que acabais de dizer?

Tendo-lhe consentido, a Senhora Le Gras disse:

Meu Pai, parece-me que não só devemos fazer como nos di-

zeis a respeito da instrução das Irmãs, mas também, que as mais antigas ensinem o catecismo às mais novas, não às mesmas horas em que se ensina na Casa, porque creio que têm menos tempo nos domingos do que nos outros dias; indicai-nos uma hora para isto.

Pareceu ao nosso muito venerando Pai, muito útil e necessário o que a Senhora Le Gras propunha, e uma Irmã disse:

— Meu Pai, não podemos faze-lo porque não temos tempo. Quando voltamos das visitas dos doentes temos ainda muito que fazer em casa com a preparação dos medicamentos, e, além disso, temos que atender os que nos vem pedir umas vezes tisana, outras vezes xarope. Enfim, não podemos nunca dispor duma hora. Temos depois as sangrias. Por isso, não creio que possamos fazer isto.

— Minha Filha, até hoje nunca o pudemos fazer; mas doravante direis aos pobres que não venham até determinada hora. Assim tereis tempo.

— Meu Pai, continuou a mesma Irmã, é muito difícil marcar-lhes uma hora porque não são só os doentes que vêm aqui, são também outras pessoas, como o médico ou aquele que inscreve os doentes.

Vêde, minha Irmã, a Sagrada Escritura diz que a caridade bem entendida começa por si mesma e a alma deve ser preferida ao corpo. Ora é necessário que as Filhas da Caridade instruem os pobres acerca das coisas necessárias à salvação; para isso é preciso que elas próprias se instruem antes de ensinar os outros.

Outras Irmãs apresentaram ao Senhor Padre Vicente mais ou menos as mesmas dificuldades, dizendo que não tinham tempo, pois os pobres vinham a toda a hora e que se os faziam esperar, murmuravam, e até diriam que estavam obrigadas a servi-los. Ele respondeu, dizendo, que era preciso pedir às Senhoras que lhes concedessem algum tempo para si próprias e que avisassem os pobres para não vir até determinada hora. Elas não podem levar a mal que gasteis meia hora a adquirir conhecimento das coisas que são da vossa obrigação.

— Meu Pai, disse uma Irmã, se dissermos isso às senhoras podem dizer que temos uma casa para a instrução das meninas e que viemos aqui para servir, e não para outra coisa.

— Minha Irmã, é justo, que servindo os outros cuidemos da nossa alma. Tendes, como eu, obrigação de formar a Companhia. Quem nos poderá censurar se cumprirmos esta obrigação? Quando fizerdes compreender isto ao Prior e às senhoras, certamente não levarão nada a mal. Quanto aos pobres que digam o que quiserem. É verdade que os deveis servir, mas antes de tudo, tendes que

tratar da vossa salvação. Na nossa casa fazemos assim e eles submetem-se. Quando dizemos: «Só confessaremos em tal hora», não aparecem mais cedo porque sabem que é uma ordem que se mantem. Porque é que priores e outros eclesiásticos não levam os sacramentos de noite com tanta frequência em Paris, como o fazem nos campos? Porque têm o cuidado de advertir nas práticas do domingo, que os chamem com antecedência. E só nos casos muito urgentes e extraordinários, é que dão os sacramentos de noite.

«18.º — Antes de sair de casa, tomarão água benta e por-se-ão de joelhos diante da imagem de Nosso Senhor para pedir a bênção de Deus e a graça de não O ofender. No regresso farão o mesmo para agradecer, etc».

Minhas Irmãs, penso que observais esta prática. Peço-vos que a continueis e se até agora não a tendes observado, tomai a resolução de a praticar. É um meio que vos é dado para continuar com a familiaridade que de manhã tivestes com Nosso Senhor na oração. Quando saís, ofereci-lhe a vossa viagem. Sobretudo pedi-lhe a graça de andar com modéstia como costumais fazer, por graça de Deus, porque há algumas Irmãs que são edificantes. Quando passais diante duma igreja, recolhei-vos e adorai o Santíssimo Sacramento. Ora, para que a vossa viagem ou o que ides fazer seja agradável a Deus, deveis adorar Nosso Senhor nas pessoas com quem ides tratar. Se forem homens, imaginai que é com Nosso Senhor que falais; se forem mulheres, imaginai falar com a Santíssima Virgem. Logo que tiverdes feito o que vos mandaram, voltaí com a mesma modéstia e examinaí-vos para ver se fizestes bem a vossa viagem, e daí graças a Deus; e se cometestes alguma falta, pedi-Lhe perdão. Se observardes esta prática, minhas Irmãs, sereis abençoadas por Deus no exterior, abençoadas no interior e abençoadas em tudo quanto fizerdes.

Tende em conta, queridas Irmãs o que manda este artigo: Não deveis sair de casa sem irdes à capela, e de joelhos, vos humilhades diante de Nosso Senhor para O adorar e pedir-Lhe a graça de fazer bem o que vos mandarem fazer. «Senhor, vou servir os pobres, peço-vos que me alcanceis a graça de os servir com o Vosso espírito e como Vós os servistes»; porque Nosso Senhor serviu e visitou os doentes, minhas Irmãs.

Depois tomai água benta; e no regresso fazei a mesma coisa para agradecer a Deus O ter-vos preservado; se cometestes alguma falta, pedi-Lhe perdão. Isto é o que deveis fazer. Nunca deveis sair de casa, seja para o que for, sem oferecer a Deus o que ides fazer, porque, em virtude deste oferecimento tudo o que fizerdes, ser-Lhe-á agradável.

Se me preguntardes em que baseio esta prática, dir-vos-ei, minhas Irmãs, que é conforme ao que observavam os primeiros cristãos. Tertuliano diz que eles faziam o sinal da cruz entrando ou saindo de casa, levantando-se, sentando-se à mesa, numa palavra, usavam este sinal antes de qualquer acção, porque o costume de se pôr de joelhos não se praticava naquele tempo. Serviam-se do sinal da cruz para oferecer a Deus todas as suas acções, conforme aconselha S. Paulo quando diz: «Quer comais quer bebais, fazei tudo em nome de Nosso Senhor» (Primeira Epístola aos Coríntios X, 31). Portanto, minhas Irmãs, entregai-vos a Deus para lhes serdes fiéis neste ponto e Ele abençoará tudo o que fizerdes.

«19.^a — Jejuarão todas as sextas feiras e vésperas das festas de Nosso Senhor e da Santíssima Virgem, e todas as quartas feiras do advento guardarão abstinência, excepto as doentes, etc.»

Eis o que diz o artigo. Podeis, mesmo nos dias de jejum de preceito, expor as vossas necessidades ao confessor ou ao Director, porque a ele compete julgar se deveis ou não jejuar. Podeis expor o vosso estado. Por exemplo, dirá alguma: «Senhor, quando vou visitar os doentes, sinto-me enfraquecida, noto em mim uma espécie de desfalecimento.» Neste caso ele vos mandará tomar alguma coisa. É pois o confessor que deve julgar se uma Irmã pode ou não jejuar, dispensando-a se tiver jurisdição para isso.

A Senhora Le Gras disse, a este respeito, o seguinte:

— Meu Pai, tomei a liberdade de mandar tomar alguma coisa a uma Irmã, quando ela necessita, mas não pedi licença.

Senhora, tendes poder para proceder assim quando julgardes oportuno. Todas as Superiores de Santa Maria têm um papel, onde apontam todas as licenças que me pedem. Entre outras, há uma em que a Superiora me pede para dar caldos de carne às suas filhas, no caso de terem essa necessidade, mesmo antes do médico as ter examinado.

«20.^a. Todos os sábados e vésperas de festas, confessar-se-ão aos confessores que o Superior nomear e não a outros sem licença, e comungarão nos domingos e festas».

Minhas Irmãs, para impedir muitos abusos que poderiam sobrevir da licença geral de comungar nos dias acima indicados, parece conveniente que as Irmãs peçam esta licença à Senhora Le Gras, isto é. aquelas que aqui estão, e as que estão nas outras casas, pedi-la-ão à sua Irmã Servente, pondo-se de joelhos e dizendo: «Minha Irmã, acha que devo comungar?» Fareis isto, minhas Irmãs, para dardes mais apreço à Comunhão, e porque é mais agradável a Deus feita por obediência. Nunca deveis

comungar sem pedir licença à vossa Superiora. (1) Compete ao confessor permitir a comunhão, porque conhece a disposição daquela que se confessa, por isso a primeira autorização para comungar, depende da sua jurisdição. Mas depois é preciso pedi-la à Senhora Le Gras, porque ao pedirem esta licença, supõe-se que o confessor já a concedeu pois conhece o estado da vossa alma e pode melhor julgar se deveis ou não comungar; renovaís o vosso pedido, para tornar a comunhão mais meritória.

Quanto ao que está dito neste mesmo artigo: «Confessar-se-ão aos confessores nomeados pelo Superior», merece ser mais explicado. Deveis saber que um pároco na sua paróquia, dá autorização aos paroquianos para se confessarem aos confessores a quem deu poder para isso; se fossem a outros, não fariam bem, porque só se podem confessar, àqueles que o prior deu jurisdição. O mesmo acontece com o Superior de qualquer religião ou Comunidade, como de Santa Maria e de varias outras. Compete aos superiores escolher os confessores para as suas ordens. Não está, pois, permitido a uma Filha da Caridade, confessar-se a um confessor não designado.

— «Mas esse confessor repreende-me sempre pela mesma coisa! Não tenho disposição de me confessar a ele! ou então; o confessor nunca vem à hora que me convém. Minhas Irmãs, nestas circunstâncias nunca deveis mudar de confessor. Porquê? Porque se mudásseis, diriam que a Irmã cometeu algum pecado que não pode declarar ao seu confessor. Isto é o que pensação. Por esta razão, é melhor deferir do que mudar. Aqui nomeamos um ou dois confessores: e todos os da casa são obrigados a confessarem-se a eles e não a outros. Quando estiverem ausentes e algum precisar de se confessar venha ter comigo: «Senhor, não está o confessor designado, posso-me confessar a outro». É-lhe concedida a licença, porque nunca a recusamos a ninguém. Mas, fora disto, ninguém se confessa senão aos nomeados. Porque razão? Porque só o Superior pode dar o poder para isso. Deu jurisdição a dois confessores e não a outros; por isso só eles é que vos podem atender. (2)

Minhas Irmãs, lembrai-vos bem disto, vós que ides para as paróquias, lembrai-vos que não tendes autorização de mudar de

(1) Esta observância em uso durante muito tempo em diversas comunidades está abolida; não é conforme às instruções dadas actualmente pela Santa Sé.

(2) Aqui, também, S. Vicente é o eco duma opinião adquirida no seu tempo e posta de parte nos nossos dias, depois das decisões da Santa Sé. As Filhas da Caridade podem confessar-se a qualquer sacerdote aprovado pelo Ordinário do lugar.

confessor sem licença. Ainda hoje, tive de dar um confessor extraordinário a Santa Maria, porque a Madre Superiora me pediu para a Comunidade se confessar extraordinariamente, como é costume fazer quatro vezes por ano.

Depois da confissão está indicado: «Comungarão nos domingos e festas, e não mais vezes sem licença do mesmo Superior».

É preciso compreender por festas principais, as de Nosso Senhor, de Nossa Senhora, dos Apóstolos, do Santo do nosso nome e do Padroeiro do lugar; pode-se acrescentar a estas festas, o dia da tomada de hábito, e aquelas que o já fizeram, o dia em que fizeram os santos votos. São estes os dias em que podeis comungar. Contentai-vos com isto; querer fazer o contrário é querer parecer mais do que as outras, o que seria orgulho! Como? Considerar-se digna de comungar mais vezes do que as outras Irmãs? Meu Salvador! Lembrai-vos bem, Irmãs, as que desejais comungar mais vezes, que houve santos que só comungavam de oito em oito dias, outros uma vez por mês, outros uma vez por ano, e outros que nunca comungaram, e não deixaram por isso de ser santos. Santa Maria, a egípcia, comungaria ela no seu deserto? Não — Temos ainda o dia do aniversário do Baptismo. Ora, como deveis ser exactas em não comungar senão nos dias prescritos, também não deveis deixar de comungar por vossa livre vontade. (1)

«21º. Todos os meses farão a sua comunicação ao director que o Superior tiver nomeado e da mesma maneira se apresentarão à Superiora».

«22º. Todos os anos, farão, se puderem, o retiro espiritual e a sua confissão geral das faltas cometidas desde a última confissão geral».

«Se puderem», vede, minhas Irmãs, isto não depende de vós. A experiência já nos mostrou, que, assim como o Sol, com a sua influência, contribue para a produção de todos os bens da terra, o mesmo acontece com os exercícios espirituais. Dizemos, por vezes, falando do Retiro: «Meu Salvador, quantas graças e bênçãos concedeis aos Exercícios Espirituais!» E o que digo de nós, digo-o das outras Comunidades; é a opinião duma Superiora de Santa Maria que, falando dos Exercícios Espirituais, me dizia há tempos: «Senhor, quantas graças recebemos por meio deles! Tudo fica renovado».

«Se puderem», entende-se pois, que é da parte da Superiora

(1) Já não está permitido às Comunidades limitarem, por regra, a Comunhão a determinados dias particulares, excluindo os outros. Se a Comunhão quotidiana é recomendada a todos, é-o mais particularmente às pessoas consagradas a Deus.

e não das Irmãs, porque o que compete às Irmãs, é pedir todos os anos esta graça e a Superiora é quem destina quando convém que uma Irmã faça o Retiro. Nós fazemo-lo em quatro turnos; as de Santa Maria fazem-no de seis em seis. Compreendei bem, minhas Irmãs, que esta palavra, «se puderem» recai sobre a superiora e, por isso, recomendo-vos uma devoção muito particular pelos santos exercícios, pois, é um meio de viverdes unidas a Deus.

«23ª. Todas as vezes que forem avisadas de que há conferências, etc.»

Minhas Irmãs, aqui estamos. Embora não digamos coisas muito elevadas e não façamos grandes assembleias, deveis ter gosto em vir aqui assistir. É a fonte onde deveis vir beber. Porque, assim como a cabeça comunica a vida a todos os membros do corpo, também cumpre ao Superior, infundir em todos os membros da Companhia, cuja cabeça é ele mesmo, a vida e o espírito que os deve animar, pela união que tem com os seus inferiores. Deveis assimilar tudo o que ~~vos dizem aqui~~, como o menino assimila o leite de sua mãe. Não quer isto dizer que não seja bom ouvir os sermões que pregam noutras partes, quando puderdes. Mas tendo-vos Deus ligado ao corpo duma Companhia, deveis estar unidas ao vosso chefe, porque Deus lhe deu virtude para animar os membros que lhe são sujeitos. E é muito certo, que os Superiores tem graça especial para isto. Por isso, minhas Irmãs, por eles recebereis as ordens de Deus que por seu intermédio vos manifestará a sua vontade. Por esta razão, embora seja bom ouvir os sermões, quando para isso vos derem licença, deveis ter devoção especial em vir aqui, para receberdes os avisos que os Superiores vos derem. Pois, diz Nosso Senhor, o bom pastor conhece as suas ovelhas e elas conhecem a sua voz.

Bendito seja Deus, minhas Irmãs! Aqui temos o meio para regular bem tudo o que diz respeito às vossas pessoas e ao vosso procedimento para com o próximo. Guardai bem as Regras que vos deram, segui este conselho e não as achareis tão difíceis como parecem. Podeis dizê-lo aos Párcos e às Senhoras. E, porque é certo que em todas as coisas que se referem à glória de Deus e ao proveito do próximo, sempre se encontram contradições, dirigi-vos a Nosso Senhor e ponde a vossa confiança na Sua bondade. Considerai o exemplo de Santa Maria Madalena e das suas companheiras. Ao irem para o sepulcro, diziam umas às outras: «Meu Deus, quem nos tirará a pedra do sepulcro»? Mas um Anjo já a tinha removido quando lá chegaram. Portanto, minhas Irmãs, se me perguntardes: «Como poderemos fazer tudo o que nos ensinastes»? Respondo-vos que, aquilo que não

fordes capazes de fazer pessoalmente, Deus o fará por vós; enviará o seu Anjo que removerá a pedra.

Previno-vos, também, doutra coisa: é que, quando tiverdes dificuldades, nunca as digais em público. Se há alguma coisa que mereça ser esclarecida, dirigi-vos à Superiora, ela o remediará, mas nunca o digais diante das outras, porque pode haver espíritos fracos que tomem as coisas de maneira diferente do que são. Nas Comunidades bem regulares é assim que se faz.

Terminaremos, pois, pedindo a Deus a graça de guardardes bem as vossas regras, especialmente esta. O vosso maior desejo, deve consistir em que todas as que formam a Companhia, observem bem as regras. Deus dê um zelo ardente a todas as nossas Irmãs, para que ponham da sua parte tudo o que puderem, para que reine a boa ordem na Companhia em geral e que cada qual cumpra bem as suas obrigações! Peço-vos minhas Irmãs, que a primeira comunhão que fizerdes seja por esta intenção, para que o Senhor se digne animar todas as Irmãs com este espírito, especialmente as que estão encarregadas de ensinar a Comunidade e os pobres.

Espero, queridas Irmãs, que, para este fim, empregareis todos os meios ao vosso alcance. Peço a Nosso Senhor Jesus Cristo, a própria caridade, e que fundou a Companhia da Caridade, vos conceda esta graça, ao mesmo tempo que eu, miserável como sou, pronunciarei, em Seu nome, as palavras de bênção. Humilhai-vos pois, para vos tornardes dignas dela. Lembrai-vos de que aquelas em que notardes um ardente zelo pelo bem da Companhia e pelo seu ardente aproveitamento espiritual, têm uma das principais características das verdadeiras filhas da Caridade.

No aviso que o Nosso Muito Venerando Pai deu às Filhas da Caridade para que não digam diante das companheiras as suas dificuldades, as Irmãs puderam apreciar a sua habitual tolerância para com o próximo, a sua grande paciência, esperando o final da Conferência para dar o aviso e consentindo que as Irmãs dissessem coisas fora de propósito sem as mandar calar nem humilhar. As Irmãs confessando a sua falta, pediram perdão ao nosso muito venerando Pai. Esta nota foi escrita por ordem da Senhora Le Gras.

109 — CONFERÊNCIA DE 27 DE ABRIL, DE 1659

SOBRE AS VIRTUDES DA IRMÃ BÁRBARA ANGIBOUST

Domingo, dia vinte sete de Abril de 1659, o Nosso Honora-

tíssimo Pai fez-nos a conferência sobre as virtudes da nossa Irmã Bárbara Angiboust falecida a 27 de Dezembro de mil seiscentos e cinquenta e oito, no Hôtel-Dieu de Chateaudun, onde servia os doentes.

Foi recebida na Companhia pela Senhora Le Gras, nossa Honoratíssima Mãe, no primeiro dia de Julho de mil seiscentos e trinta e quatro. O pai Mathurin Angiboust e sua mãe Perrine Blanne eram habitantes da paróquia de São Pedro de Sevilha (1) diocese de Chartres, onde foi baptizada a 6 de Julho de 1605. Fez os votos perpétuos com a Senhora Le Gras e as três primeiras Irmãs, na Companhia, a 25 de Março de 1642.

Minhas Irmãs, disse o Padre Vicente, o assunto a tratar nesta conferência é sobre a nossa estimada Irmã Angiboust que Deus chamou a Si. Constará de três pontos, como de ordinário.

Comecemos pelo primeiro. Minha Irmã, porque razão é conveniente falar das Irmãs falecidas?

Meu Pai, entre várias razões a que me parece de maior importância é porque referindo-nos às virtudes da nossa Irmã, honraremos Deus nela e a segunda para nos servir de estímulo na prática das virtudes.

Que Deus vos abençoe, minha Filha! Bendito seja Deus, minhas Caríssimas Irmãs! A nossa Irmã disse que a primeira razão a termos em conta, neste bom costume, é porque Deus é glorificado pelo relato das virtudes das Filhas da Caridade, visto ser obra de Deus, nelas. Recordar as virtudes que praticaram é honrar o Autor dessas mesmas virtudes. E, assim, com muita razão, ao ver-se um lindo quadro, honra-se e estima-se o pintor que o fez, e como todos os que vêem o quadro não louvam o quadro, mas sim o pintor, assim também, filhas minhas, ao considerar as virtudes das nossas Irmãs, referimos a Deus toda a glória, porque não são tanto virtudes suas, como virtudes de Deus nelas.

A segunda razão apresentada é que as Irmãs têm nisso um estímulo, porque podem dizer: «Se a Irmã Bárbara com o auxílio de Deus foi tão virtuosa e perseverou até à morte na prática de tal e tal virtude, com a graça de Deus posso fazer o mesmo. Venceu todas as dificuldades que se lhe apresentaram. Oh! meu Deus! Não poderei eu fazer o mesmo, se ela o fez?! Sim, posso, como a Irmã Angiboust e quero! Portanto, com a graça de Deus, sairei das minhas misérias, da minha cobardia, dos meus vícios e imperfeições. Porque o não farei, se ela o conseguiu? Se Deus

(1) Lugar da circunscrição de Dreux.

lhe concedeu esta graça, espero que também ma fará. Vamos, corajosamente!»

É este o proveito, Caríssimas Irmãs, que cada qual há-de tirar desta conferência, vós, e eu, e todos os que aqui estão. Ainda que estivessem presentes cem pessoas, todos teríamos a aproveitar.

Sua Caridade, interrogou outra Irmã :

— E a Irmã, tem outras razões que a façam ver a obrigação das Filhas da Caridade de conservarem este santo costume, que sempre se deve manter, de falar das virtudes das Irmãs falecidas?

— Pensei, meu Pai, a mesma coisa que a minha Irmã acaba de dizer.

A uma outra Irmã :

— Tem outro motivo que mostre a necessidade de se manter tão santo costume de se falar das virtudes das Irmãs falecidas ?

— Tenho as mesmas razões, meu Pai, que as indicadas pelas minhas Irmãs.

— Pois, Deus seja bendito! Essas razões são suficientes. Não precisamos de procurar mais motivos para fazer isso, pois sabemos que Deus será glorificado e que nós nos edificaremos. Deus inspirará um novo desejo a cada uma de praticar a virtude, porque, se não me engano, direis ao ouvir o relato da vida das vossas Irmãs: «Que maravilha! Porque não farei assim? Vêde uma pessoa que viveu tanto tempo na Companhia na qual tenho a felicidade de estar e, no entanto, a minha vida é inteiramente diferente da sua. Oh! quero corrigir-me.»

Cada uma de vós dirá assim, e se algumas houvesse que não sentissem o desejo de aproveitar do que aqui se diz, poderíamos afirmar que não eram Filhas da Caridade e que se têm o Hábito não têm o espírito. Prometei, pois, a Deus aproveitar esta santa prática e eu também. Podeis pensar desta maneira: «Se até agora tenho sido desobediente à Irmã Servente, se desgostei os meus Superiores e superiores, eu quero, com o auxílio da graça de Deus, tornar-me mais dócil e submissa, não só à minha Superiora, mas a todas as da casa. E bem infeliz serei eu se o não fizer, como a outra Irmã o praticou. É isto quanto ao primeiro ponto.

A Irmã Ana Vallin disse que viveu em Saint-Denis com a Irmã falecida.

— Pois bem, que verificastes nela, minha filha ?

— Meu Pai, uma grande pontualidade na observância das nossas Regras. Não tinha respeito humano naquilo que sabia ser sua obrigação e não deixava de negar a entrada a homens, ainda que fossem sacerdotes, no nosso aposento.

— São, pois, dois pontos que notastes: o primeiro, a fidelidade às Santas Regras e o segundo que não tinha respeito humano. Minhas filhas, disse-vos anteriormente que é impossível ser bem-aventurada a Filha da Caridade que não observar as suas Regras.

O segundo ponto que temos a salientar, é a pontualidade em observar a Regra que proíbe a entrada de homens nos quartos das Irmãs. Não está permitido que as Filhas da Caridade deixem entrar homens nos seus aposentos, nem mesmo os Padres, a não ser quando a necessidade a isso obrigue, como em caso de doença, e deveis ser pontuais em as observar e fazer observar. Fora disso, não convém porque não sendo religiosas de clausura os vossos aposentos são o vosso claustro e assim como a ninguém é permitido entrar na clausura, tão pouco convém que entrem nas vossas habitações; ainda que fosse eu terleis direito a negar-me a entrada.

Prometei ao Senhor, a fidelidade a esta Regra, porque é de tanta importância que algumas não fazendo como a Irmã Bárbara, foram muito prejudicadas com isso. Deixaram entrar em casa sacerdotes. E ainda que não houvesse mal, não deixou, porém, de diminuir o bom conceito que tinham delas. E, Deus sabe o escândalo que tal facto causou no lugar onde isso succedeu. E se não tiverdes cuidado nisto, nem firmeza no que acabo de dizer, será essa a porta de que o demónio se servirá para perder a Companhia. Porque razão? Porque foi a boa fama de que gozam que deu origem a serem as Filhas da Caridade pedidas para tantos lugares. Quem duvida que não tenha sido a fidelidade às Santas Regras? Mas logo que vejam que decaem na observância, não vos pedirão para novas fundações, e afastar-vos-ão daquelas que Deus vos confiou. Prometei, pois, ao Senhor, ser fiéis. Pela minha parte prometo, desde agora. Igualmente o Padre Portalí e a Senhora Le Gras, tomarão a resolução de fazerem cumprir esta Regra, não permitindo nunca que entrem homens nos seus aposentos, ainda mesmo que sejam sacerdotes. Oh! Salvador meu! Concedei-nos a graça de comprehendermos a importância disto. Como?! Minhas Irmãs, as Senhoras da Caridade a quem disserem que as Irmãs são exactas neste ponto e não permitem a entrada de pessoas de outro sexo nos seus aposentos, e depois souberem o contrário, dirão: As nossas não o fazem! E, assim pensarão que aquela que permite a entrada na sua habitação ao confessor, sem dúvida alguma, não procede bem e certamente tem apego a esse Padre. Prometei a Deus, pois, proceder como a Irmã Bárbara. Estou certo que esta alma bem-aventurada vos oferece a Deus de muito boa vontade e pede à

Bondade divina que conceda a toda a Companhia a graça de fazer como ela, porque vê melhor do que nunca a necessidade que têm todas as Filhas da Caridade de bem observarem as suas Regras.

Uma Irmã disse ter notado que a Irmã falecida, não tinha respeito humano.

O Senhor Padre Vicente explicou :

Que maravilha ! Não ter respeito humano ! É verdade, Irmãs, e assim me pareceu, porque nunca vi a Irmã Bárbara fazer senão o que devia fazer como Filha da Caridade. Poderia dar-vos muitos exemplos. Mas basta dizer que ao tratar-se da glória de Deus ou de fazer qualquer coisa contra as Regras desprezava o que quer que fosse, sem respeito humano nenhum. Há pois um caso que merece ser citado.

Uma senhora de grande condição⁽¹⁾ então com maior autoridade no reino do que outra, depois das pessoas reais, quis uma Filha da Caridade junto de si: «Padre, gosto tanto das Filhas da Caridade que quero ter comigo uma delas. Peço-lhe que autorize a sua vinda.» — Falarei à Senhora Le Gras. E pensando-se quem havia de ser, foi escolhida a nossa Irmã. Disse-lhe eu :

Minha Irmã, há uma senhora que deseja ter uma Irmã da Caridade com ela. Pensámos em si para isso. Não quer, minha Filha? Incontinenti, vieram-lhe as lágrimas aos olhos, sem que nada dissesse como desculpa nem sequer que era uma pobre camponesa que não podia ser empregada em tal ocorrência, ou ainda que não tinha esse espírito. Desta vez nada disse. Mas eu repliquei-lhe:» Oh! Bem, minha Filha, ofereça essas lágrimas a Nosso Senhor e qualquer dia Ele saberá tirar delas a Sua Glória.

E, depois como esta senhora tinha pressa, indiquei-lhe o dia em que devia encontrar-se no local, em que eu também estaria. O que aconteceu. A Senhora foi avisada da chegada da Irmã que tinha pedido. Mandou-a buscar por duas Senhoras que conhecendo a causa da sua vinda, lhe disseram: Sêde benvinda, minha Irmã. A Senhora deseja-a. E eu, disse-lhe: «Vá, minha Filha.» E a Irmã Bárbara seguiu-as, enxugando as lágrimas conforme pôde.

Ao entrar no pátio do palácio viu tantos carros, quase como os que há no Louvre. Surpreendida disse às Senhoras:» Esqueci-me de dizer uma palavra ao Padre Vicente; dão-me licença que eu vá». Responderam, sim minha Irmã, esperá-la-emos aqui. E veio dizer-me:

Ah! Meu Pai, para onde me mandou? Ali é a Côrte. Vá disse-lhe! Há lá uma pessoa que tem muito amor aos pobres. A pobre

(1) A duquesa d'Aiguillon.

Irmã retrocedeu. Conduziram-na à Senhora interessada que a abraçou e lhe manifestou grande affecto, esperando ficar só para lhe dizer o que queria dela. E ainda que a Irmã sabia que estando allí podia fazer muito bem aos pobres, estava triste e não fazia senão suspirar, não comendo quase nada. A Senhora notou-o e perguntou-lhe: Minha Filha, porque não gosta de estar comigo. Sem occultar o motivo da sua pena, respondeu: «Minha Senhora, saí de casa para servir os Pobres e vós sois uma grande Senhora, rica e poderosa. Se fosse pobre, servi-la-ia com muito gosto». E dizia o mesmo a todos.» Se a Senhora fosse pobre, consagrar-me-ia de muito boa vontade ao seu serviço, mas é rica. Por último a Senhora vendo-a sempre triste, deixou-a regressar ao fim de poucos dias.

Meu Pai, disse uma Irmã. Tinha também muita arte e geito especial no ensino da juventude e sabia atraír as meninas crescidas ao catecismo, que vinham em grande número dando este meio grande resultado em Saint-Denis.

Bendito seja Deus! É como fino perfume que atrai as almas a si.

Disse a Irmã Joana Luce:

Meu Pai, estive nas galeras com ela. Era muito paciente em sofrer os maus trabalhos que allí se padecem por causa do mau carácter de toda aquella gente. E algumas vezes se voltaram contra ela e atiraram-lhe a sopa e o caldo, dizendo-lhe tudo quanto lhes vinha à ponta da língua. Tudo sofria sem dizer palavra e corrigia-os com mansidão, mostrando-lhes boa cara como se nada tivessem feito nem dito.

Oh! Que bem feito! apresentar boa cara, como antes.

Meu pai, não é só isso, mas seis vezes impediu que os guardas lhes batessem.

Minhas Irmãs, se algumas houve que estiveram nas galès e tenham tentado fazer frente a esses desditosos, retribuindo mal por mal e injúria com injúria, arrependam-se, vendo que uma das vossas Irmãs com o mesmo Hábito que usais, não lhes dirigiu uma palavra quando lhè lançaram a carne que lhes levava e não consentiu que, por isso, fossem castigados. Como devem afligir-se as que se portaram de outra maneira, respondendo aos guardas.

Minhas Caríssimas Irmãs, porque as que aqui se encontram podem todas ser empregadas nos serviços desses pobres infelizes, aprendei da nossa Irmã a lição que deixou, não só nas Galeras, mas em toda a parte. Aprendei com ela como se deve suportar o Pobre com paciência.

Nosso Senhor quando o injuriaram nada respondeu; pois, diz-se

dEle que foi levado ao matadouro como manso cordeiro, sem abrir a boca para se queixar. Não pagueis nunca injúria com injúria. Se procederdes de outra maneira, ficarão revoltados e sereis a causa de ofenderem mais a Deus.

A mesma Irmã disse :

Meu Pai, notei também nela grande cuidado em não permitir a entrada de homens nos nossos quartos. Uma vez que um bom sacerdote a veio visitar, mandou-nos dizer que não estava.

— Que Deus vos abençõe, minha Filha ! Imitemos o seu exemplo, minhas Irmãs, e sirvamo-nos de algum meio para o fazer. Mandou dizer que não estava para não desgostar aquele bom sacerdote.

«Mas Senhor, dir-me-à alguma, se for o meu confessor?» Por isso mesmo não o deveis deixar entrar porque a confiança que tem convosco, poderia levá-lo a adquirir algum mau costume, pela má inclinação da nossa natureza. Portanto, deveis evitar semelhantes visitas, tanto quanto puderdes.

«Mas, dir-me-à outra, é uma pessoa de condição». Não importa ! Terão mais respeito pela Companhia se lhes negardes sempre a entrada nos vossos aposentos. E que podem eles dizer, senão : «Vede, são verdadeiras Religiosas!»

A mesma Irmã disse :

Meu Pai, ela tinha muita paciência e caridade para com as Irmãs.

Como isso é edificante, minha Filha ! Não lhe parece, Senhor Padre Portail, que aquela alma era como uma árvore, e que tudo o que dela vão contando, são os seus frutos ? Não digais, minhas Irmãs, que não podeis suportar o vosso próximo, visto que ela o suportou. Prometei a Deus suportar-vos mutuamente, seja onde for que vos encontreis. Estamos todos cheios de defeitos, por isso, temos não apenas que sofrer o mau humor dos outros, mas até suportarmo-nos a nós próprios, porque continuamente mudamos de disposição. É como que uma mó que nunca ou quase nunca está em descanso.

— Enfim, meu Pai, só notei nela virtudes durante o tempo que vivi ao seu lado. Nunca mais acabaria nem que estivesse a falar dela até à noite.

— Meu Salvador ! Que bonito é isto ! Diz a Sagrada Escritura que nem no mundo todo caberia os livros que seria preciso escrever com as palavras e acções Nosso Senhor Jesus Cristo. E a nossa Irmã afirma que não teria tempo de contar tudo o que notou na Irmã Bárbara nem que ficasse a falar até à noite. Oh ! que confusão, ser Irmã e não fazer como ela fez ; ser membro duma Companhia em que viveram tantas almas cheias de virtudes

e não possuir essas mesmas virtudes! Vamos, minhas Irmãs, que isto nos sirva para alguma coisa e quando, por sugestão do espírito maligno, tiverdes dificuldades, dizei. «A Irmã Bárbara fez assim, porque não o farei eu?»

Quem mais viveu com ela?

A Irmã Maria Joly:

Meu Pai, estive com ela desde a origem da Companhia. Notei que fugia dos homens e era muito alegre quando estava entre as suas Irmãs.

— É verdade! Ela era muito alegre o que não a impediu de ser muito recolhida quando necessário. Tinha um aspecto muito agradável. Minhas Irmãs, nunca recomendarei demasiado, o procedimento desta Irmã. Que desculpa podeis ter para deixardes entrar os homens nos vossos quartos? Prometei observar bem esta prática e vigiar-vos umas às outras. Não consentais que as Irmãs falem a esta Regra. Meu Salvador! Consentir que uma Irmã converse com homens no seu quarto! Deveis tê-los sempre fechados como as Religiosas têm os seus claustros! E se souberdes que há Irmãs que não são fiéis a isto, deveis avisar o Senhor Padre Portail e a Senhora Le Gras e falar entre vós da beleza desta virtude.

Irmã Maria Poulet:

Meu Pai, tive a felicidade de viver com a Irmã Bárbara e notei como ela tinha grande caridade para com as companheiras porque, quando uma quis deixar a sua vocação, ela fez o que pôde para o impedir, até se pôs de joelhos a seus pés para lhe implorar que não fizesse tal coisa. Disse-me muitas coisas para meu bem, e para minha confusão, confesso que nem sempre aproveitei muito delas.

Em segundo lugar, tinha muito zelo em servir os pobres e muita solicitude em ensinar as crianças. Tinha também muita influência sobre as Senhoras e levava-as a terem caridade para com os pobres.

Era muito pontual na observância das Regras. Quando estávamos em Châlon, embora tivéssemos muito pouco tempo, mandava-nos fazer oração uma depois da outra e ela própria, também a fazia.

— Oh! Como isto é bonito! Minhas Irmãs, estáveis em Sainte-Menehould na ocasião do cerco?

— Sim, meu Pai, algumas de nós ali estiveram, mas levaram os feridos para o Hôtel-Dieu de Châlon.

— Deus seja bendito!

Outra Irmã:

— Meu Pai estive com ela em Saint-Denis onde fez muito

bem com os seus ensinamentos. Reunia todas as jovens e mulheres que vinham ao Hospital para assistir umas vezes ao Catecismo, outras vezes à leitura da vida dos Santos. Numa ocasião reuniu sessenta; obrigava-as a fazer oração, depois da instrução.

Aconteceu-lhe um dia dizer qualquer palavra que desgostou uma Irmã, e sabendo que esta se foi deitar sem lhe pedir perdão, a Irmã Bárbara levantou-se da cama, foi ela própria pedir-lhe perdão e acalmá-la.

Durante a primeira guerra de Paris, sendo o hospital muito pobre, mandaram retirar as camas. Mas fez tantas diligências que obteve autorização para vir aqui e com vossa licença, meu Pai, recolheu esmolas para manter suficientemente o dito hospital.

Por fim, afastou do mal muitas almas e há ainda pessoas que se lembram dela, apesar de já há nove anos não estar connosco.

Tinha tanta veneração pelos Superiores, que lia de joelhos as suas cartas.

— Minhas Irmãs, que lindo quadro tendes diante de vós! Senhora Le Gras, dissei-nos o que notastes nela.

— Meu Pai, notei nela tudo o que as nossas Irmãs acabam de narrar e reconheço, tudo como verdadeiro. Amava muito as santas Regras e tinha muito zelo pelo ensino da juventude. Logo que conheceu bem as Regras, procurou não deixar nunca de as observar, nem mudar coisa alguma nelas indicado.

Por toda a parte onde esteve, nas crianças expostas, que visitou por várias vezes, nunca vi que alguma coisa lhe repugnasse. Quando souberam da sua morte, em todas as casas onde ela esteve, escreveram as suas virtudes.

Quando me escrevia, assinava: A orgulhosa, impelida pelo desejo que tinha de se humilhar e nesta virtude trabalhou toda a sua vida sem descanso.

Tinha muita paciência com as Irmãs. Uma delas que esteve com ela em Châteaudun, humilhou-a, mas depois teve remorsos e pediu-lhe perdão. Vendo-a doente e com a doença que lhe deu a morte, disse-lhe: «Minha Irmã, não é verdade que devemos fazer assim», como se dissesse que é com paciência que se atrai aquelas que faltam ao seu dever.

As Irmãs que viveram com ela nos últimos tempos da sua vida, mandam-me dizer que admiraram nela tantas virtudes que não chegariam oito cadernos de papel para descrevê-las todas.

Nunca desistiu das suas boas resoluções. Amava ternamente a Companhia, e sentia muito desgosto quando sabia que alguma coisa não ia bem.

Tenho aqui a carta em que me dão a notícia da sua morte: Já deveis ter conhecimento da morte da Irmã Bárbara pela carta

que vos enviámos. Hoje, por esta, confirmamos que morreu na graça do Senhor, etc».

Meu Pai, veio uma mulher de Châteaudun. que lhe assistiu à morte e nos repetiu tudo quanto está escrito na carta; entre outras coisas disse que se não a tivesse visto dar o último suspiro, não teria dado pela sua morte, tão bonita ficou depois de falecer (o mesmo afirma a carta), e a tal ponto que todos diziam que a tínhamos pintado.

— Minhas Irmãs, que magnifico quadro! Como somos felizes por termos conversado com uma alma que possuía tantas virtudes! Deus, minhas Irmãs, quis pôr diante de nós esta linda pintura, para nos dar a esperança de que, com a sua graça, chegaremos a praticar essas mesmas virtudes. As que estiverem desanimadas que retomem coragem e digam a Deus: «Se até hoje não fiz tais obras, se não tive forças para cumprir isto ou aquilo, prometo ser fiel e sobretudo guardar as Regras que ela observou tão exactamente.»

Demos graças a Deus por ter trazido à Comunidade Irmãs com tantas virtudes. Demos-lhe graças pela maneira com a nossa Irmã aproveitou da graça da sua vocação; peçamos-lhe que atraia para a Companhia muitas almas que sejam tão fiéis como ela; façamos tudo da nossa parte para seguirmos o seu exemplo. E, visto o terceiro ponto desta conferência foi esquecido, prometamos trabalhar na prática das virtudes desta Irmã, Serva de Deus, mas verdadeira Filha da Caridade, que quer filha de Deus,

Uma Irmã pediu licença para falar e disse:

Meu Pai, quando a nossa Irmã esteve em Saint-Jacques-de-l'Hôpital⁽¹⁾ um sacerdote pediu para vir de vez em quando falar-lhe. Ao que ela respondeu: «Deus não permita que eu cometa tão grande falta contra as Regras.» E como o sacerdote lhe perguntasse a razão dessa recusa, visto que não éramos religiosas, ela disse: «Não somos religiosas mas não deixamos nenhum homem entrar nos nossos quartos, porque os nossos aposentos são o nosso claustro».

Ajudou muito uma Irmã que morreu na Companhia, nas suas tentações contra a vocação.

Tinha muito carinho pelas crianças e dizia que via neles o Menino Jesus, e nunca se lamentava do trabalho que elas lhe davam. E às vezes, como nem todos tinham berço, fazia-as dormir toda a noite nos seus braços.

Irmã Vicente Aucher:

(¹) Assim se chamava o Hospital edificado no século XVI na rua de S. Dinis para receber os peregrinos que passavam por Paris Este hospital. tinha a sua Igreja.

Meu Pai, depois de Deus devo à Irmã Bárbara a graça da minha vocação. Morava eu no mesmo prédio onde habitam as Irmãs de Richelieu quando ela e a Irmã Ganset vieram fazer a fundação da obra. Não pensava, nem pouco nem muito, consagrar-me ao serviço de Deus; pelo contrário fazia já esforços para me estabelecer no mundo. A Irmã Bárbara quando soube disse-me que não me achava própria para o casamento e que Deus queria outra coisa de mim e ofereceu-se para me ajudar em tudo o que pudesse. (1).

Era muito sóbria na alimentação e praticava grandes austeridades.

Senhora Le Gras.

— Assim foi toda a vida, mesmo em circunstâncias em que poderia comer diferente do que ordinariamente se alimenta a Comunidade. Contentava-se com um pouco de carne de má qualidade.

Irmã Maria Poulet :

— Meu Pai, uma vez fiz uma viagem com ela e vi que ela não quis sentar-se à mesa com uma senhora de condição embora esta insistisse muito. Retirámo-nos para um canto para tomar as nossas refeições, dizendo que éramos pobres e por isso devíamos fazer como os pobres.

— Minhas Irmãs, que maravilha: É verdadeiramente consolador! Que grande exemplo para as Filhas da Caridade! Não deveis, minhas Irmãs, pôr-vos ao mesmo nível dessas Senhoras ainda que vos manifestem muita estima. É um sermão sem palavras que Deus prègou a vós e a mim.

Uma Irmã pediu perdão e as orações da Companhia para pôr em prática tudo o que tinha acabado de ouvir. E Sua Caridade disse :

Peço a Deus, minha Filha, que vos conceda essa graça e a todos nós; suplico à Bondade Divina que aceite com agrado o acto de humildade que fizestes para sua glória.

110 — CONFERÊNCIA DE 11 DE AGOSTO DE 1659

RELAÇÕES DAS IRMÃS DAS CASAS AFASTADAS COM OS SUPERIORES DE PARIS. — ELEIÇÃO DOS CONFESSORES. — EMPREGO DO TEMPO LIVRE. AS REGRAS NÃO OBRIGAM EM CASOS DE NECESSIDADE EXTRAORDINARIOS. — LEITURA DAS REGRAS

(Distribuição do dia, artigos 24-27)

Minhas Irmãs, o assunto da conferência, é a continuação das

(1) Passagem tirada dos mans. Déf. 2, p. 76.

vossas Regras. Espero que acabaremos hoje e assim todas ficarão explicadas. A Regra vinte e quatro diz o seguinte :

As que vivem nas paróquias afastadas da casa da Superiora e que por consequência não podem ir ali tantas vezes como as outras, virão aqui para tudo o que já indicámos quando o possam fazer sem inconveniente, de maneira que as que vivem longe um dia ou dois possam ao menos uma vez, durante o ano uma após outra, fazer o seu retiro anual. Mas devem previamente pedir autorização por escrito ou de outro modo».

Notai que é preciso autorização, porque nunca deveis deixar a casa sem a licença vos ter sido concedida por escrito, ou por outro meio. Assim manda a Regra.

«As que estão muito longe, a sessenta ou a oitenta léguas, não virão aqui sem que as mandem vir. E, quanto aos retiros, conferências, confissões mensais, comunicações e outros socorros espirituais, recorrerão aos directores ordinários, que lhes serão dados para esse efeito nesses lugares. E quando houver um extraordinário para as visitar durante alguns dias, dirigir-se-ão a ele para tudo o que acima se disse».

Por isso, segundo as vossas regras e como foi dito, aquelas que estão próximo de Paris — uma ou duas léguas — podem vir ; mas acrescento que a Irmã antes de vir, deve procurar uma jovem de boa reputação para que durma com a sua companheira, pois, não é conveniente deixá-la sózinha, nem pôr-se a caminho sem a avisar. Mas também podeis pedir autorização para virdes aqui, pelo menos uma vez por ano, fazerdes o que fazem as que estão em Paris ; vós que sois da Casa, tendes esta graça todos os meses. Quanto às que estão afastadas como as de Santa Maria, Richelieu, Metz, Cahors e Arras não sairão de suas casas sem que lhes tenham mandado, e farão o que acima foi dito, segundo a opinião dos directores que lhe serão dados nesses lugares. E, quando for enviado o Visitador para as visitar durante alguns dias, digir-se-ão a ele para tudo isso, isto é, para as suas confissões, comunicações e outros socorros espirituais.

Minhas Irmãs, sobre este assunto peço-vos, que vos lembreis que a Regra vos manda confessar só aos confessores designados. Quando uma Irmã sai daqui com destino a outro lugar, dizemos-lhe : «Confessai-vos a tal sacerdote.» Deveis fazê-lo e não vos confessardes a outros que não estejam designados (1). Isto é de grande importância, e por isso, não deveis esquecer.

As Filhas da Caridade têm por Superior, o Geral da Missão, ou o que o substitui ; portanto, só ele tem jurisdição espiritual

(1) Ver página 882, nota 2.

sobre toda a Companhia e não outros, se o dito Superior lha não confere. O mesmo acontece nos conventos; o Geral tem jurisdição sobre todos os religiosos e não outro, a não ser o visitador ao qual confere o poder de agir na sua ausência. Portanto, vede como importa não mudar de confessor. Sabeis o motivo porque o pároco, quando dá absolvição geral na igreja pede que se retirem todos os que não são seus paroquianos? É porque só tem jurisdição para absolver estes; e é em vão que uma pessoa se confessa a um sacerdote numa paróquia sem esta autorização. Por isso, entre nós, não há um padre que ouse confessar sem que eu lhe tenha dado essa autorização. Porquê? Porque a jurisdição reside na pessoa principal e não noutras se esta não lhe der jurisdição. Um Pároco tem poder sobre os seus paroquianos; daqui vem que nenhum padre pode confessar numa paróquia sem ter recebido do mesmo a devida jurisdição. O mesmo acontece com um Superior da Comunidade. Como vos disse, na nossa Comunidade não há nenhum sacerdote que absolva sem que este miserável lhe confira esse poder, porque o próprio Deus concedeu-me jurisdição para isso, e nem um a pode ter se eu não lha der. Sou muito indigno, mas é esta a ordem estabelecida por Deus. Se viesseis à nossa sacristia verieis que no caso do designado estar ausente quando alguém precisa de se confessar, me vem perguntar a quem o pode fazer, então, digo-lhe: «Vá ao Padre X».

«25.º Se depois de cumprido o que está prescrito lhes sobrar tempo e não tenham em que o empregar precisamente por não terem que coser ou fiar, pedirão à Superiora ou à assistente, etc».

«26.º Embora tenham que fazer todo o possível para cumprir exactamente o regulamento da ordem do dia, não farão escrupulo de mudar as horas e até de deixarem certos trabalhos quando as necessidades dos doentes, das crianças ou outras semelhantes necessidades o exigirem, etc.» (1)

Minhas Irmãs, só falta um artigo das vossas Regras Comuns para explicar, mas esse não precisa de explicação porque está muito explicito; não nos deteremos nele apenas o leremos: «27.º Lerão ou ouvirão ler as Regras juntamente com as dos seus officios uma vez por mês se o puderem fazer, examinando-se para ver se as têm ou não observado bem, e agradecerão a Deus ou pedir-lhe-ão perdão conforme as tenham ou não praticado».

Vede, minhas Irmãs, por si mesmo isto comprehende-se bem. Tereis as vossas Regras, impressas ou escritas, e tê-las-eis juntamente com as dos vossos officios como sejam o de Assistente, Te-

(1) O copista escreveu o seguinte: supõe-se que o que Senhor Vicente disse sobre estes dois artigos não foi anotado nem o resto da Instrução.

soureira, Servente e outros; depois, tereis de as ler uma vez por mês, se o puderdes fazer. Porque, às vezes nas paróquias muito grandes, há tanto trabalho que não tereis ocasião para isso, mas é preciso lê-las sempre que puderdes. Os Padres Capuchinhos têm as suas regras todas as sextas feiras; e porquê? Estes homens de valorjá as sabem muito bem! Minhas Irmãs, fazem-no porque sempre aproveitam com a leitura das Santas Regras e podem examinar-se se as têm ou não bem observado para agradecer a Deus ou pedir-lhe perdão.

Minhas Irmãs, deveis trazer sempre convosco as Regras. As pessoas duma Comunidade bem regular trazem consigo as Regras e têm-nas sempre em qualquer parte que o possam fazer. Assim deveis proceder.

Estas são, pois, as Regras Comuns, isto é, aquelas que todas devem observar. São comuns a todas, mas há Regras Particulares para as Irmãs das Paróquias de Paris e para as que estão nos campos, outras para as Irmãs de aulas, porque são officios particulares.

111 — CONFERÊNCIA DE 24 DE AGOSTO DE 1659

PERFEIÇÃO NECESSÁRIA ÀS IRMÃS DAS PARÓQUIAS.— APEGO AOS CONFESSORES. MOSTEIRO, CELA, CAPELA, CLAUSTRO, GRADE E VEU DAS IRMÃS DAS PARÓQUIAS

(Regras das Irmãs das paróquias, art., 1 e 2)

Minhas queridas Irmãs, resta-nos apenas um artigo das vossas regras para explicar, mas que não precisa de explicação pois, está por si bastante claro. Não nos deteremos nele mas apenas o leremos.

As Regras para as Irmãs das paróquias são as seguintes:

«I. — Considerarão que como os seus officios a obrigam a estar a maior parte do tempo fora de casa e no meio do mundo e mesmo com frequência sós, têm por isso necessidade de maior perfeição que as Irmãs dos hospitais ou outros lugares semelhantes, donde raras vezes saiem; para este fim, esforçar-se-ão duma maneira particular, em adiantar nas virtudes que lhes são recomendadas nas Regras Comuns, sobretudo as que lhes dizem respeito como são as seguintes».

Certamente, minhas queridas Irmãs, não sois religiosas de nome, mas deveis sê-lo de obras, e estais mais obrigadas do que as outras à perfeição; mas se entre vós se meter algum espírito revoltado, idólatra que diga: «Era mais bonito se fôssemos reli-

giosas !, minhas Irmãs, a Companhia estaria na agonia. Tende horror a isto e se ainda estiverdes com vida impedi-o ; chorai, gemei e comunicai-o ao Superior. Porque Religiosa quer dizer enclausurada e as Filhas da Caridade têm de ir para toda a parte ; por isso, minhas Irmãs, embora não estejais enclausuradas, deveis, no entanto, ser tão virtuosas ou mais do que as Filhas de Santa Maria. Porquê ? Porque estão na clausura e quando uma religiosa quer fazer o mal encontra a grade fechada ; e a ocasião de fazê-lo desaparece. Ora, não há ninguém que ande tanto no meio do mundo como as Filhas da Caridade, nem quem tenha tantas ocasiões de se encontrar com o mal como vós, minhas Irmãs. Portanto, é absolutamente necessário que sejais virtuosas do que as religiosas. Se elas têm de alcançar um grau de perfeição, as Filhas da Caridade têm de alcançar dois, porque estais sempre em perigo de vos perder, se não fordes virtuosas, como por exemplo, se vos deixardes seduzir pelo amor ao dinheiro, a desejar guardar aquilo que pertence aos pobres. Minhas Irmãs, guardai-vos bem disto.

Evitai a convivência com os homens. Fugi do prazer de lhes falar sobretudo com os padres. Sob pretexto de piedade busca-se, a própria satisfação embora ordinariamente começa com boa intenção segundo o parecer de ambos. A afeição desenvolve-se pouco a pouco e com aspecto espiritual depois chega a manifestar-se por estas palavras: «Senhor, peço-lhe, em nome de Deus, que pense em mim ; ajude a santificar-me ; diga-me o que devo fazer sem me poupar». Isto parece muito bom. O confessor responderá :

Assim farei. Procurarei manifestar-lhe a minha afeição. Também o pobre confessor não pensa no mal. Caríssimas Irmãs, esta satisfação em palavras que começou por ser espiritual, tornar-se-à carnal e não há no mundo outro confessor que possa agradar-lhe.» Um outro não me diz nada. Um tal não me satisfaz.» Depois, pouco a pouco prende-se o coração. Pode suceder que o mal venha do confessor. Muitas vezes a Irmã só quer o confessor que a satisfaz ; ela quer este confessor e o confessor esta Irmã. Por sua vez a Irmã diz : «Encontro alguma satisfação no meu confessor.» Quere-o custe o que custar. E, deixa-se, quantas vezes, a vocação para sentir este gosto. Logo que sintais apego ao confessor deveis deixá-lo imediatamente porque seria a vossa perdição. Se soubésseis, Irmãs, o mal que há em se prender a um confessor ! Não o podeis supor !

Qual o remédio para isto ! No mundo, se se trata de mulher, que tenha um director ao qual diga : «Sinto-me atraída para o confessor, que devo fazer ? A resposta deve ser : «Deixe-o imediatamente». Acabo de receber uma carta de duas Irmãs da Ca-

ridade que ainda não conheceis. A Senhora Le Gras sabe. Desgostou-me muito ver o mal que succedeu por causa do apego de uma das Irmãs ao confessor. Ambos se compraziam mutuamente, e passou a mais. Fora suspeitaram. Houve alguém de condição que a advertiu e lhe disse: «Minha Irmã, é desregrada a tendência que tem pelo seu confessor!» E a pobre Irmã que estava cega, respondeu mal. É este o efeito do apego aos confessores.

Direi: «Vejo Senhor que aproveitou muito com a sua direcção. Ilusão, Irmã, ilusão! Não é o confessor a causa do vosso adiantamento, é Deus. Isso é um ardil do demónio que vos faz acreditar em tal. Logo que alguma Irmã sinta apego ao confessor que mo diga, ou ao Padre Portail ou à Senhora Le Gras.

Minhas Irmãs, ainda que só isto se tivesse aprendido hoje, já seria muito, se fosse posto em prática, sendo como é uma das coisas mais importantes que se pode ouvir. É um dos maiores sacrifícios que se podem oferecer a Deus por obrigarem a grande mortificação que servirá para destruir um ardil do demónio. Certamente que é um acto de virtude afastar-se duma pessoa a quem se tem afeição. É, porém, necessário proceder assim porque o exige a pureza. Não me responsabilizaria pelo confessor que continuasse a confessar aquella que lhe está afeiçãoada. Certamente, minhas Irmãs, corre grande perigo a castidade de ambos. Sendo assim, peço-vos, por amor de Deus, que apenas sintais tendência para tal afeição, a manifesteis imediatamente, porque será por meio dos confessores que o demónio procurará acabar com a Companhia das Filhas da Caridade. Tal não sucederá se houver a coragem de descobrir este sentimento que tende à sensualidade. Será a perda da Irmã e contribuirá para que a Companhia seja desprezada. Quando se ouve que uma Irmã se afeiçãoou a este ou àquele em tal lugar, não é preciso mais; basta uma só. Dirão: Tíhamos esperança nela e, no entanto, vejam como é má; não serve para nada. Guarda o dinheiro dos pobres».

Esta é a segunda coisa, minhas Irmãs. Guardar o dinheiro dos pobres, minhas Irmãs tomem muito cuidado com isto. Os outros dirão: «Eram veneradas como anjos e são umas ladras. Não queremos nada com elas». Vejam, minhas Irmãs, como é necessário terem maior virtude do que as religiosas e maior pureza do que elas.

Segundo artigo. «2.º Ainda que não sejam religiosas, pois este estado não seria conveniente aos trabalhos da sua vocação, e estando mais expostas do que as religiosas, não tendo ordinariamente por mosteiro seuão as casas dos doentes, por cela um quarto de aluguer, por capela a igreja da paróquia, por claustro as ruas da cidade e as salas dos hospitais, por clausura a obe-

diência, por grade o temor de Deus, por véu a santa modéstia e não fazendo outra profissão para manter a sua vocação, senão a contínua confiança na divina Providência e oferecendo-se inteiramente para o seu serviço na pessoa dos pobres, e por todas estas considerações vêm-se obrigadas a levar uma vida tão virtuosa, como se fossem professoras numa religião e a portarem-se em todos os lugares, onde se encontrarem no meio do mundo, com tanto recolhimento, pureza de coração e de corpo como as religiosas no retiro próprio ao seu mosteiro. Para o conseguir procurarão aplicar-se à aquisição de todas as virtudes que lhes são recomendadas nas Regras, mas particularmente uma profunda humildade, uma perfeita obediência, um grande desprendimento das criaturas e sobretudo a tomar todas as precauções para conservar perfeita, castidade de corpo e de espírito».

Minhas Irmãs, aqui tendes o que contém esta Regra. Lembrai-vos bem disto, repito. O vosso mosteiro é a casa dos doentes e onde reside a vossa superiora; a vossa cela é um quarto de aluguer. Nisto imitais Nonso Senhor. Por capela tereis a igreja da pároquia onde sempre deveis assistir à Missa e dar bom exemplo e edificar o povo, mas, no entanto, não deveis por isso, deixar de prestar o serviço indispensável aos doentes. Por claustro tereis as ruas da cidade onde deveis passar para o serviço dos doentes. Por clausura e obediência, porque a obediência deve ser o vosso claustro, não ultrapassando o que vos é ordenado, mantendo-vos como que enclausuradas na obediência. Por grade o temor de Deus. Por véu a Santa modéstia.

Senhor, dou-vos graças pelo favor que concedestes às vossas filhas, fazendo-as participantes da vossa modéstia! Continuai, minhas filhas, continuai, com a graça de Deus; até agora têm-vos distinguido por isto. Sereis professoras se fordes modestas. Que a vossa modéstia chegue ao ponto de não olhar um homem de frente; e quando for preciso falar com eles fazei-o com brevidade.

«E não fazendo outra profissão para manter a sua vocação senão a confiança na divina Providência, hão-de ter tanta ou mais virtude como se fossem professoras numa religião.» Portanto, haveis de ser muito observantes do vosso regulamento e principalmente deveis possuir uma humildade profunda, que consiste em desejar ser desprezadas; em segundo lugar, uma perfeita obediência; e por último um grande desprendimento das criaturas do pai e da mãe, das riquezas e de vós próprias, de maneira que só ameis a Deus. Sim, minhas Irmãs, deveis desprender-vos de vós próprias e se Deus vos conceder a graça de chegar a isto, realizareis muito bem. Fareis, minhas Irmãs, o que a boa Se-

nhora de Goussault me disse antes de morrer : «Senhor, vi esta noite as Filhas da Caridade. Ah! Quanto bem elas farão! Quanto bem!» Estou certo, minhas Irmãs que era Deus quem a iluminava e fazia ver estas coisas. Mas acontecerá assim se fordes fieis em observar as vossas Regras.

Temos ainda uma quarta virtude : «E sobretudo tomarão todas as precauções possíveis para conservar a pureza e a castidade.» Dizei : «Quero honrar a pureza de Nosso Senhor e da Santíssima Virgem. Sendo Deus a própria pureza quero prender-me só a Ele para me conservar pura.» O que vos disse sobre o apego ao confessor é totalmente oposto à virtude da castidade. Só devem ter em vista agradar a Deus. Sim, minhas filhas, amai só a Deus.

Estas são as quatro virtudes de que necessitais e o apego ao confessor, a uma Senhora, a uma paróquia, a uma pequena satisfação, é muito contrário a essas virtudes e, por isso, muito perigoso para a vossa alma. Sim, minhas Filhas, amai só a Deus.

Este ponto das vossas Regras bem merece ser repetido, é o que passo a fazer. O vosso mosteiro e a vossa casa é a dos doentes; só tendes uma. A vossa paróquia é a vossa igreja, onde deveis assistir ao sacrifício divino com devoção; a vossa cela é um quarto de aluguer, por isso deveis dizer : «A minha cela é um quarto de aluguer»; o vosso claustro são as ruas da cidade, por onde passais no inverno ou em qualquer outra estação para irdes tratar os pobres doentes.

Meu Salvador! Que grande caridade chegaremos a ver. Esta boa senhora bem dizia que as Irmãs fariam grandes coisas. E o que será o paraíso duma Filha da Caridade que tiver vivido neste mundo da maneira como acabo de indicar e que não tiver tido por cela senão um quarto de aluguer, por claustro a obediência! Sim, minhas Irmãs, se tiverdes o espírito de obediência, estareis mais enclausuradas do que as religiosas fechadas nos seus conventos. Por grade o temor de Deus! Minhas Irmãs, o temor de Deus é uma boa grade. Por véu a santa modéstia. Se tiverdes estas virtudes, sereis professoras.

A confiança em Deus. O que é que vos prende à Companhia? A confiança em Deus; tende isto bem presente e arreigai-o no vosso coração. Se assim o fizerdes realizar-se-à o que disse a Senhora de Goussault e tenho a certeza de que foi o Espírito Santo que lhe inspirou estas palavras : «Oh! Que grande bem elas farão!»

Minhas Irmãs, os meios para o realizardes é conservar-vos bem dentro do vosso claustro. Que a bondade divina nos conceda esta graça! Ao mesmo tempo que, em seu nome, pronunciarei as palavras de benção; peço-Lhe que vos dê este espírito e a graça de gravar nas vossas almas o que acabo de dizer. Guardai estas

quatro virtudes: humildade, obediência, desprendimento das criaturas e a santa modéstia que por sua beleza vos tem distinguido até agora. Conservai-a, minhas Irmãs, e desprendei-vos de tudo o que não seja Deus e encontrareis a maior satisfação que podemos aspirar na terra. Peço a Nosso Senhor que ilumine o vosso entendimento, abraze a vossa vontade para que doravante só ameis a Ele, n'Ele e por Ele.

112 — CONFRÊNCIA DE SETEMBRO DE 1659

ÀS IRMÃS ENVIADAS PARA NARBONNE E CAHORS

Avisos e breve conferência feita às quatro Irmãs enviadas para Narbonne, das quais três iam para este sítio, a saber: Irmã Francisca Garcireux, de Beauvais, Ana Denoual e Maria Chesse, de Bretanha, e a Irmã Maria Marta Trumeau, próximo de Saint-Germain-en-Laye. (1)

O nosso muito Venerando Pai, como de costume invocou o Espírito Santo antes de começar depois disse às nossas Irmãs:

Sois escolhidas pela Providência, minhas queridas Irmãs, para esta viagem tão importante e desejada por Monsenhor de Narbonne. Já vos tinha pedido para a sua diocese de Agde. Mas ainda não tinha chegado a hora, minhas queridas Irmãs. E, era esta terra que vos estava reservada. É um servo de Deus que tem grande desejo de socorrer os Pobres. Minhas Irmãs, fostes, pois, escolhidas, por Deus para cumprirdes os Seus desígnios. Não posso dizer-vos o que fareis ali, porque não sei, nem tão pouco saberá esse bom senhor. Mas do que estou certo é que, ides para ali para a glória de Deus e serviço do próximo. Talvez funde um hospital ou estabeleça a Caridade na cidade, e trabalhareis num e noutro, segundo o costume das Filhas da Caridade, com grande humildade e respeito por todos.

Vejamos, minhas Irmãs, a razão porque fostes destinadas por Deus para esta santa obra, de preferência às religiosas Hospitalarias da Caridade e a tantas outras que poderiam ter sido preferidas. Assim o quis Nosso Senhor. E porquê? A primeira razão: é para manifestar a Sua Providência. Que maravilha! Deus escolhe e reúne jovens de várias partes para as unir e ligar com o mesmo laço da sua caridade, manifestando assim aos homens, o amor e o cuidado que a sua Providência tem para os socorrer nas

(1) Maria Marta Trumeau, destinada para a Casa de Cahors.

suas necessidades. Minhas Irmãs, que motivo tendes para vos humilhades e vos dardes a Deus para que vos conceda as graças necessárias para trabalhar na Obra que Ele próprio quer realizar! Preparai-vos para sofrer; não penseis que só tereis rosas; também encontrareis os espinhos. Aquela gente é de espírito subtil e delicado. Farão troça de vós. É bom povo mas em toda a parte há a propensão para o mal. Reina ali sobretudo o vício da impureza. Por isso, minhas Irmãs, tomai as vossas precauções por meio da modéstia e do recato no falar e no ouvir. É muito perigoso falar com os homens! Lembrai-vos que muitas vezes vos tenho dito que as suas primeiras conversas parecem boas e devotas, mas é para vos apanharem. Tende cautela; não permaneçais sós com eles, nem manifesteis gosto pelas suas conversas. Quando fordes obrigadas a falar com algum doente, ou a estar junto dele nunca lhe deis motivo para julgar que lhe tendes affecto ou estima. Sede muito modestas e recatadas no falar, no olhar e nunca deixeis transparecer affectação dum ou noutro, pois, seria para vós um grande perigo.

A segunda razão porque Deus vos escolheu entre tantas outras: é para irdes trabalhar na Sua obra e realizardes nesse lugar o que o Filho de Deus fez sobre a terra. Se conheceis a grandeza da graça de Deus sobre vós, ficareis maravilhadas por se ter servido de vós para tão grandes coisas. Que maravilha Deus ter os olhos postos sobre vós, ter-vos tirado das vossas terras, do nada e da ignorância para as enviar a uma província afastada! E para quê? Para ali trabalhades na salvação das almas.

113 — CONFERÊNCIA DE 19 DE OUTUBRO DE 1659

SOBRE O SERVIÇO DOS DOENTES

(Regras das Irmãs das paróquias, art. 3-5)

Minhas Irmãs, a terceira Regra relativa às Irmãs das paróquias vamos apenas lê-la, pois não tem necessidade de explicação porque por si mesma diz tudo:

«Pensarão frequentemente no fim principal para que Deus as chamou para a paróquia onde estão, que é servir os pobres doentes e não somente corporalmente, proporcionando-lhes os medicamentos e a alimentação, mas também espiritualmente procurando que recebam dignamente e a tempo todos os sacramentos; de maneira que aqueles que estiverem para morrer saiam deste

mundo em bom estado e os que curarem tomem uma boa resolução de viver bem para o futuro.»

Minhas Irmãs, isto é o que diz a regra e não precisa de explicação pois está bem clara. Sois enviadas para as paróquias afim de ajudardes os pobres doentes a bem viver e a bem morrer. Para isto é que sois enviadas para as paróquias.

A quarta Regra diz o seguinte: «O auxílio espiritual que procurão dispensar-lhes na medida das suas forças e segundo a disposição dos doentes, será principalmente consolá-los animá-los e instruí-los em tudo o que for necessário à salvação, levando-os a formular actos de fé, esperança e caridade para com Deus e para com o próximo; de contrição, de reconciliação com os seus inimigos, pedindo perdão àqueles a quem ofenderam; de conformidade com a vontade de Deus, seja para sofrer, curar ou morrer e outros actos semelhantes, que lhes devem sugerir, não todos duma vez, mas apenas alguns em cada dia e muito sucintamente para não os aborrecer.»

Portanto, minhas Irmãs, o vosso cuidado deve ser consolar os doentes, levá-los a fazer esses actos com brevidade e procurar que eles os saibam praticar. Isto fala por si mesmo. É preciso ensinar-lhes o meio de viverem e morrerem como bons cristãos.

Já é tarde, por isso ficaremos por aqui.

Depois de algumas Irmãs terem pedido perdão das faltas cometidas contra os ensinamentos recebidos, o Nosso muito Venerando Pai, disse:

— Deus vos abençoe, minhas Irmãs. Deus vos abençoe e vos conceda a graça de aumentar cada vez mais em vós esta virtude da caridade mútua que vos impedirá de vos queixardes umas às outras.

Peço-vos, minhas Irmãs, uma oração pelo Rei, pela Rainha e pelos assuntos do reino. Assim, como também pelo Rei e pela Rainha da Polónia, pelas nossas Irmãs tão estimadas da Rainha que quis ter uma consigo, que é a Irmã Margarida. Confiou-lhe, o cargo dos pobres que estava destinado à Senhora de Villers, e quer que ela a acompanhe nas suas viagens. Que honra esta boa Rainha fez à vossa Companhia e como a estima! Que consolação ter uma de vós junto dela! Vede se isto não é motivo para que vos ameis umas às outras, Se uma Rainha ama tanto a Companhia, que não deveis vós fazer para aumentar a caridade de Deus em todas! Se notardes defeitos não vos admireis, quem os não tem? Desculpai sempre como quereis que Deus vos desculpe.

Deus vos abençoe, minhas Irmãs!

114 — CONFERÊNCIA DE 11 DE NOVEMBRO DE 1659

SERVIÇO DOS DOENTES VIRTUDES DA IRMÃ BÁRBARA ANGIBOUST

(Regras das Irmãs das paróquias, art. 6-II)

Minhas queridas Irmãs, a nossa palestra será sobre as regras que dizem respeito às Irmãs das paróquias. Vimos anteriormente as regras comuns que dizem respeito a todas as comunidades. E como entre vós há as que estão empregadas nas paróquias de Paris, outras nas aldeias, outras nos hospitais, todas deveis ter o vosso emprego particular.

Eis-nos no sexto artigo que diz: «Se os doentes convalescessem e depois recaissem uma ou mais vezes, terão cuidado de os exortar a receber outra vez os sacramentos, mesmo o da Extrema-Unção e de lhes proporcionar esse grande bem nos últimos momentos. Ajudá-los-eis a morrer bem, fazendo com eles algum dos actos acima citados.» Minhas Irmãs: falámos anteriormente do que é preciso fazer, pedir por eles, aspergir água benta, adverti-los para que possam lucrar uma indulgência plenária por meio de alguma medalha, e em artigo de morte, a pronunciarem o nome de Jesus. Se não puderem falar, que o façam com o coração; depois de morrerem, deveis ajudar a vesti-los, se o puderdes fazer comodamente, se a Irmã Servente o permitir. Creio bem, minhas Irmãs, que isto é muito difícil nas paróquias de Paris por causa da muita ocupação, mas no campo, pode fazer-se mais à vontade.

A Senhora Le Gras respondeu dizendo:

Meu Pai, as nossas Irmãs têm o cuidado de pedir a Deus por eles e, às senhoras, roupa para os amortilhar; em caso de necessidade, amortilham-nos elas.

O sétimo artigo diz: «Se se curarem, redobrarão os seus cuidados para os excitar a aproveitar da sua doença e da cura, mostrando-lhes que Deus lhes deu a doença corporal para curar as suas almas e que lhes concedeu a cura para fazerem penitência e levarem uma vida boa: portanto devem tomar sérias resoluções de as cumprir, de renovar as que fizeram no auge da doença, aconselhando-os a fazer algumas pequenas práticas ao seu alcance, como; rezar de joelhos à noite e de manhã, confessarem-se e comungarem muitas vezes ao ano, fugir das ocasiões do pecado e semelhantes, tudo isto, breve e humildemente.»

Vêde minhas Irmãs, os vossos cuidados não dizem só respeito aos corpos, mas sobretudo às almas.

Nosso Senhor não cuidou só dos doentes do corpo mas também dos da alma. Sucedestes Lhe; deveis procurar imitá-lo, como os Apóstolos que cuidaram dos corpos e das almas. Quando fordes visitar um doente, deveis dizer intimamente: «Deus confiou-me este doente não só para tratar do seu corpo, mas também da sua alma.» E, junto deles deveis ensinar-lhes como devem fazer para viver como bons cristãos, se Deus lhes der a saúde; se não têm cura, proporcionai-lhes os meios para bem morrerem, excitando-os a um grande desejo de ver Deus, mas brevemente, com palavras ardentes que partam do espírito como diz S. Paulo; uma oração jaculatória, bem fervorosa, procurando que partam deste mundo em estado de graça, e os que se curarem façam firmes resoluções de viver bem. Oh! Se uma Filha da Caridade fizer isto, como será feliz!

É isto, minhas Carissimas Irmãs, o que Deus pede.

O oitavo artigo diz: E para que os serviços espirituais que lhes prestam não prejudiquem em nada os corporais, o que pode acontecer se se demorarem a falar mais tempo com o doente, fazendo assim sofrer os outros pelo atraso nos remédios e alimentação. Por isso, procurarão regular o seu tempo e exercícios, segundo o número e necessidade dos doentes. E, como de tarde têm mais tempo livre, tomarão esse tempo para os instruir e exortar, pela forma acima citada, especialmente quando lhes levam os medicamentos.»

Tende cuidado, minhas Irmãs, em não fazerdes esperar os doentes pelos remédios e pelo alimento. Isto é muito importante. Há algumas que se têm excedido neste ponto por um zelo indiscreto da salvação das almas. É necessária uma grande prudência. Uma Irmã que ficasse muito tempo a instruir um doente em prejuízo de outros, faria muito mal. É preciso que reguleis o vosso tempo de forma a não dardes mais a Pedro que a João. A Irmã que não proceder assim corre o perigo de cometer grandes faltas. Por isso, minhas Irmãs, recomendo-vos muita prudência. Sei que algumas, levadas pelo desejo de cooperar na salvação das almas, empregam nisso muito tempo, e procedendo assim, fazem sofrer os outros. Por isso, minhas Irmãs, sêde muito prudentes. Se há pessoas no mundo que necessitam dela, são as Filhas da Caridade; porque não se trata de fazer olaria, nem hábitos, mas trata-se de proporcionar a salvação eterna a essas pobres almas. Portanto, minhas Irmãs, cuidai bem das necessidades desses pobres doentes, de modo a que nunca lhes falte o necessário, nem ao corpo nem à alma.

Nono artigo: «Se o socorro espiritual que prestam a um doente pode ser aproveitado pelos outros que estão na mesma sala, pro-

curarão fazê-lo com a devida descrição ; isto pode fazer-se à vontade quando há crianças que se podem interrogar sobre os principais mistérios da nossa fé, ou a recomendar-lhes o dever ; os pais e as mães e os presentes poderão aproveitar sem que se apercebam que é principalmente para elles que se fala.»

Eis, minhas Irmãs, como deveis fazer. Se há crianças, interrogai-as, perguntando, por exemplo : quantos Deuses há ? Quantas pessoas há em Deus ? Qual delas se fez homen ? E todo o resto. Dizer-lhes que se deve rezar de joelhos de manhã e à noite. E, dizendo pouco, de cada vez, falais ao mesmo tempo aos pais e às mães. Vi senhoras que faziam assim, o que era excelente para essas pobres pessoas ; creio que ainda se faz assim.

«10.º Terão por dever de consciência não faltar ao mais pequeno serviço que lhes devem prestar, particularmente dar-lhes os remédios na dose e tempo marcado pelo médico a não ser que uma grande necessidade as obrigasse a proceder doutro modo, como quando um doente piorar, ou nos calafrios, suores ou outro impedimento parecido.»

Eis, minhas Irmãs, como deveis ser exactas a fazer tudo como os médicos ordenam, porque se succedesse algum inconveniente a um doente, seríeis responsáveis, a não ser, como dissémos, que sobreviesse qualquer obstáculo notável como estes que citei : ter piorado o doente com calafrios ou suores e coisas semelhantes.

Além da obediência que deveis aos médicos é preciso também que os honreis e respeiteis ; mais ainda, recomendo-vos um grande respeito aos médicos e às senhoras, particularmente às conselheiras, minhas Irmãs, grande respeito e obediência. Se, como me têm dito, algumas seguirem os seu próprio critério e fizerem coisas contra o desejo das senhoras, desobedecendo-lhes, cometerão uma grande falta. Minhas Irmãs, deveis obedecer-lhes em tudo o que diga respeito aos doentes. Pensai que fazeis a vontade de Deus fazendo a delas ; pedem isso de vós, e, por esse meio, mantereis a Companhia. Vede, minhas Irmãs, há mais facilidade em aniquilar a vossa Companhia do que outra qualquer. Por exemplo, se desobedecerdes aos médicos, não querendo seguir as suas ordens, elles vos desacreditarão em toda a parte ; o mesmo succederá com as senhoras se lhes desobedecerdes e faltardes ao respeito, e dirão : «Estas jovens não servem para nada, só querem fazer o que lhes agrada ; vale mais trabalhar com as jovens da paróquia, porque farão o que lhes dissermos. Minhas Irmãs, não é tudo ; não é apenas por esta razão, mas porque as vossas Santas Regras a isso vos obrigam. Recomendo-vos muito isto, minhas Irmãs.

O décimo primeiro artigo diz : «Servindo os doentes, só devem

ter em vista Deus, não fazer caso dos elogios, nem das injúrias de que sejam vítimas a não ser para fazer bom uso destas, respondendo interiormente às primeiras, pensando no seu nada, e aceitando com gosto o que lhes custar para honrar o desprezo feito ao Filho de Deus, na cruz, por aqueles que tantos favores d'Ele receberam.»

Minhas Irmãs este artigo diz: servindo os doentes só deveis ter Deus em vista. Oh! é uma grande coisa ver só Deus em tudo o que fazemos. Uns louvam-vos, outros desprezam-vos, em tudo isto, vêde só Deus. Se vos louvaremizei: «Meu Deus, não fui eu que fiz isto fostes Vós.» Humilhai-vos interiormente e aceitai de bom grado os desprezos que se apresentarem, pensando na forma como o Filho de Deus os accitava.

Depois o Senhor Vicente, sabendo que havia Irmãs que vinham dos campos e que tinham visto morrer a nossa Irmã Angiboust disse:

Minhas queridas Irmãs, ficarei consolado em saber como observou esta regra uma das nossas Irmãs que foi para Deus: a nossa Irmã Bárbara Angiboust. Onde estão as Irmãs que estavam com ela?

Desejava saber como a nossa Irmã Bárbara observou as regras. Peço-lhe, minha Irmã, que nos diga o que sabe dela: Então, minha Irmã, a nossa Irmã Bárbara Angiboust observou com exactidão as regras?

Sim meu Pai, nunca notei que tivesse faltado a elas...

Ó Salvador! Ó Salvador! Ó Papa tinha razão quando dizia que não precisava de milagres para canonizar um religioso que tivesse cumprido exactamente a regra do Instituto.

Meu pai, apesar de muito doente nunca deixou de se levantar às quatro horas. E quando alguma vez não ouvia o relógio, e se levantava antes, pedia-nos perdão.

Tinha uma grande caridade para com suas Irmãs e era ciosa para que não faltassem à Regra. Ela mesma nos ia buscar para ouvirmos a leitura das duas horas e fazermos juntas o Acto de Adoração, às três horas.

Fez regulamentos para separar os doentes do sexo masculino do sexo feminino; e mesmo para impedir que os sacerdotes entrassem nos nossos aposentos. Não tinha nenhum respeito humano para isto. Um dia que um sacerdote queria entrar nos aposentos pegou-lhe no braço e disse-lhe: «O quê, senhor, quer entrar onde há mulheres?»

— Oh! Que exemplo, minhas Irmãs! Como é belo!

Outra vez um burguês queria também entrar e ella impediu-o corajosamente. Ao princípio achavam isto estranho e chegou

a ser falado, mas depois louvaram-na e aprovaram a sua virtude.

— Ó minhas Irmãs, que vos parece isto? É uma das vossas Irmãs que tem esta coragem e porque não a tereis vós?

— Meu Pai a cidade reconheceu de tal forma a sua virtude que, depois da sua morte diziam que, se podessem, comprariam-na a dinheiro. Perto da morte, dizia muitas vezes: «Ah! minhas Irmãs, meus queridos Superiores, se soubésseis em que estado estou!» Estava completamente resignada com a vontade de Deus, e recomendava-nos muito que vivessemos em grande união, e dizia que pediria a Deus esta graça para toda a Companhia. Encorajava-nos para não nos pouparmos no serviço dos Pobres, recomendando-nos de não recearmos as doenças e dizia: «Há vinte anos que estou na Companhia. Graças a Deus nunca estive doente. . . Trabalhai minhas Irmãs, tende coragem e não temeis.»

Antes de morrer, mandou vir os pequeninos do hospital para lhes recomendar o seu dever e exortá-los a bem viver.

Minha Irmã, dizei-nos como agia ela com os doentes?

Meu Pai, tinha um grande cuidado em assistir à sua morte, procurava que ganhassem indulgências por meio de alguma medalha ou cruz, converteu um homem pelo seu cuidado para com ele.

Tinha um grande amor ao Santíssimo Sacramento, e porque não podia recebê-lo pediu que lho trouxessem para O adorar! e fê-lo com muita devoção, deixando transparecer no seu rosto a alegria que lhe ia na alma.

Ó minhas Irmãs, que alegria deveis sentir por uma de entre vós ter deixado um tão grande exemplo de exactidão na observância das suas Santas Regras! Que bela ocasião para louvar a Deus! minhas Irmãs! Sim, ela está no céu, e Deus faz-lhe ver o que acabamos de dizer e aumenta-lhe a sua glória.

Depois dirigindo-se a outra, perguntou:

E vós que notastes nela?

Meu Pai, logo que chegou, como disse a Irmã que acaba de falar, procurou impedir a entrada de eclesiásticos entre nós assim como o convívio com o mundo. As pessoas a princípio não aprovaram e murmuravam deste procedimento, mas depois acharam muito bem. Era tão exacta nas Regras que não queria faltar fosse ao que fosse. Um dia, um criado dos sacerdotes, queria entrar para acender a sua candeia quando já nos tínhamos retirado. Ela não permitiu, apesar das suas instâncias, e ele bateu-lhe. A Irmã sofreu esta afronta com tanta paz que daí a pouco o delinquente veio pedir-lhe perdão.

A? ! minhas Irmãs, que exemplo para nós! Sejamos firmes na obediência às Regras. E se nos quiserem estorvar, lembremo-nos

que lhe bateram por observar a Regra. Ah! Salvador, que vemos na vida dos santos, senão isto!

A Irmã retomou a conversa e continuou:

Meu Pai, quando era a hora dos exercícios e estava com alguém de fora, dizia: «Minha senhora, desculpe mas temos que a deixar» e partia. Tinha muito a peito conservar a união entre as Irmãs. Um dia descontentei-a muito; suportou-me com muita caridade.

Ora bem, minhas Irmãs, coragem! Entre vós não há nenhuma que não possa esperar a mesma graça. Ela era carne e osso como vós.

Animemo-nos duma grande esperança e digamos: «Está bem! Até agora não tenho sido fiel às minhas Regras, tenho tido respeito humano, não tenho seguido o exemplo da minha Irmã, mas espero com o auxílio da Vossa graça, meu Salvador, imitá-la e vigiar com mais cuidado as minhas acções. E se por desgraça me desleixar, dar-me-ei uma penitência.»

Que isto nos sirva para nos animar a uma santa confiança, de que Deus não nos recusará as mesmas graças que deu à nossa Irmã. E como por nós nada podemos, peçamo-las muitas vezes a Deus. Ó como seria belo que toda a Companhia fosse composta de Irmãs como esta! Ó Salvador, bendito sejas pelas graças que concedestes à nossa querida Irmã, dando-lhe uma tão grande firmeza para fazer com que as Regras fossem tão bem observadas e uma tão grande caridade para com suas Irmãs. Minhas Irmãs, ela deixou-vos esta lição: não consentir que os homens entrem nos vossos quartos. E se até aqui não tendes sido exactas a esta santa regra, fazei uma boa resolução de serdes mais exactas para o futuro, mediante a ajuda de Deus.

A Irmã retomando a palavra disse:

Meu Pai, depois de lhe levarem o Santíssimo Sacramento, estive tanto tempo em adoração que parecia que alguma coisa de extraordinário se passava, e dizem que, em transportes de amor, dizia muitas vezes: «Ó meu amor!»

Perguntou ainda o Padre Vicente: Que se passou depois da sua morte?

Meu Pai, depois da sua morte vieram em grande número, durante o dia, lançar-lhe água benta. Estava tão bonita que algumas pessoas me vieram perguntar se a tinham pintado. No enterro tomaram parte todos os senhores comissários e muita gente. Muitos pediam para tocar os terços no corpo da Irmã.

O quê minha Irmã! Pediam para lhe tocar os terços?!

Sim, meu Pai.

— Ora bem, minhas Irmãs, demos graças a Deus de querer animar a Companhia com o relato de tais coisas. Peçamos-lhe que

nos dê a graça de a imitar no seu fervor, no sofrimento das injúrias e que sejamos ciosos, como ela, na observância da Regra. Peçamos a Nosso Senhor que nos ajude e dê força para vencer todas as dificuldades que nos possam impedir de a imitar e que nos faça a graça de vencermos o respeito humano. É o que lhe peço de todo o coração; e em seu nome dou-vos a bênção, e suplico-Lhe a graça de aproveitarmos de tão belo exemplo. Isto Lhe peço proferindo as palavras de bênção:

Benedictio Domini Nostris...

115 — CONFERÊNCIA DE 25 DE NOVEMBRO DE 1659

SERVIÇO DOS DOENTES:—PREVENIR A SENHORA LE GRAS QUANDO UMA IRMÃ ESTIVER DOENTE.—GUARDA DO DINHEIRO RETIRADO AOS POBRES.—RESUMO DAS REGRAS COMUNS RELATIVA MAIS ESPECIALMENTE ÀS IRMÃS DA PARÓQUIA :

(Regras das Irmãs das paróquias art. 12-18 e apêndice)

Minhas queridas Irmãs, o segundo artigo diz: «Ainda que não facilitem nem sejam muito condescendentes quando recusem os remédios, sendo às vezes muito insolentes, nunca os tratarão rudemente nem os desprezarão; antes ao contrário, tratá-los-ão com respeito e humildade, lembrando-se que a maneira de os tratar boa ou má vai directamente a Nosso Senhor». Isto, minhas Irmãs, fala por si mesmo, isto é, deveis tratar os pobres com grande doçura e respeito: com doçura pensando que vos devem abrir o Céu, pois têm essa facilidade, segundo a palavra de Nosso Senhor: «Arranjai amigos com as vossas riquezas para que eles vos recebam nos tabernáculos eternos» (S. Luc. XVI, 9). Por isso é preciso tratá-los com doçura e respeito, lembrando-vos que é a Nosso Senhor que prestais serviço, pois o considera como feito a Ele mesmo: «Cum ipso sum in tribulatione» (Salmo XC, 15) falando dos pobres. Se alguém está doente, também Eu estou; se está preso, também eu; se tem algemas nos pés, também Eu as tenho. Há ainda outra razão, é que deveis olhar os pobres como vossos senhores.

Vejam os décimo terceiro artigo: «Não receberão nenhum presente, ainda que pequeno, dos pobres que assistem, não pensarão que eles lhes devem alguma coisa antes, ao contrário elas é que lhes devem pois que, por um pouco de bem que lhes fazem com os seus cuidados, arranjam amigos que um dia poderão dar-

-lhes entrada no Céu; e mesmo já nesta vida recebem mais honra e contentamento que não poderiam esperar no mundo; não devem abusar mas humilhem-se à vista da sua indignidade.

Já disse as razões porque deveis tratar os pobres com doçura e respeito. Há ainda uma outra: é que tendes a promessa de Nosso Senhor, que dará cem por um nesta vida aos que O seguirem e por fim a vida eterna. Não é verdade, minhas Irmãs, que tendes todas a vossa vida assegurada? Deus tem fundos para prover às vossas necessidades e retirou-vos dos cuidados da vida. As pessoas casadas têm mil cuidados: como passarão o ano e se poderão manter as suas casas. As Irmãs Caridade não precisam disso. Por um pai, por uma mãe e pela casa que deixaram encontraram muitas e tendes mais irmãs do que se estivésseis no mundo. E não é verdade, minhas Irmãs, que vos amais reciprocamente como às vossas próprias Irmãs? Enfim, não estais preocupadas como as pessoas do mundo, com o futuro; Deus provê a tudo isso. E, assim, tendes a recompensa de cem por um. Vede como é grande o prazer de servir a Deus. «Ele assegura-me a vida; serei vestida e alimentada. Não tenho cuidado com isso. Quanto ao prazer que tenho de servir a Deus servindo os pobres, é maior que o de todas as pessoas casadas». Uma criada de servir quantos aborrecimentos tem nessa condição! Um e outras estão cheias de cuidados e descontentamento; e o prazer que possam ter não se pode comparar ao prazer e à consolação duma Irmã da Caridade que serve os pobres. Confesso, minhas Irmãs, que nunca tive maior consolação que quando tive a honra de servir os pobres. É o que faz o prazer e a consolação das Filhas da Caridade. *Jucundus homo*. O homem é feliz quando exerce a caridade. Entre todas as obras de caridade não há nenhuma que dê tanta consolação como a visita aos pobres.

Há três coisas que dão consolação: o bem, o prazer e a honra. Vede se não tendes isto, se não tendes mais nestas três coisas do que tínheis a esperar no mundo: Para mim, se não fosse padre, estaria ainda a guardar porcos, como fazia então. E a maior parte de vós teria ousado esperar no mundo tanta honra como recebeis na vossa Companhia? Nunca. Mas logo que uma Filha da Caridade tem o santo Hábito é honrada na paróquia onde trabalha.

Quando encontrais alguma senhora, ficariam penalizadas se não pudessem cumprimentar-vos. Que dizer da Companhia? Há rainhas que vos honram! Quando falam de vós, é com grande estima. Oh! A rainha da Polónia está consolada por ter junto dela uma de vós para a ajudar a tratar dos pobres.

Tudo isto, minhas Irmãs, são motivos de confusão diante de Deus. As Filhas da Caridade estão numa Companhia onde nada

lhes faltará, com a graça de Deus. A honra que elas recebem é muita. Encontram muito prazer no serviço dos pobres. Minhas Irmãs, quanto deveis agradecer a Deus e dizer: «Deus colocou-me numa Companhia onde tenho o bem, a honra e o prazer como nunca teria no mundo». Isto merece que sejais reconhecidas pela graça que Deus vos fez e deve resolver-vos a terdes cada vez maior respeito pelas vossas Irmãs, grande estima e respeito pelos pobres e nunca vos zangardes com elles. Há uns que vos injuriam, outros que vos louvam. Mas isto não vos deve alterar; quer vos louvem, quer vos injuriem, deve ser para vós uma e a mesma coisa. E se tivéssemos de escolher, deveríamos escolher e querer mais aos pobres que nos injuriam do que aos que nos louvam.

14.º artigo. «Para evitar grandes inconvenientes que poderiam dar-se, não velarão os doentes, nem mulheres prestes a serem mães, nem criaturas de má vida. E se são pedidas para os pobres vizinhos ou outros, dir-lhes ão muito humildemente que estão proibidas pelos Superiores. Se, algum caso de necessidade urgente, parecer obrigá-las em consciência, a servir alguma dessas categoria de pessoas, não o farão sem uma ordem muito expressa da superiora da Caridade, e mesmo se for, tomarão conselho com a superiora da casa sem dizer a ninguém o que fizeram».

Minhas Irmãs, eis pois, três coisas que deveis observar: não deveis velar doentes, porque daí vêm grandes inconvenientes, e por isso, somos obrigados a proibi-lo; mesmo as religiosas do Hospital Geral que outrora o faziam, não o fazem agora; nem deveis ir às mulheres que estejam para dar à luz, que não é a propósito para vós e poderia da-vos mil e um maus pensamentos; também não deveis ir tratar de mulheres de má vida porque ordinariamente ellas vivem em lugares suspeitos. Quem sabe se não apparecá algum homem? Ordinariamente, o mal não os impede. Enfim não é bom! São-vos proibidas estas três espécies de assistência e podeis dizê-lo se pedirem para o fazerdes, a não ser em em caso de grande necessidade, pedindo licença à superiora e antes à Senhora Le Gras, sem que se saiba.

15.º artigo: «Se houver doentes tão abandonados que não tenham ninguém para lhes fazer a cama, ou prestar-lhes quaisquer outros serviços ainda mais abjectos, poderão fazê-lo segundo o seu tempo disponível, se a Irmã servente achar a propósito. No entanto, procurarão arranjar qualquer pessoa que possa fazer a mesma caridade, para que o seu tempo não falte aos outros pobres. Isto, minhas Irmãs, não se pode fazer nas grandes paróquias, mas pode pedir-se alguém da casa para fazer esta caridade.

16.º artigo: «Quando alguma Irmã estiver doente e de cama, avisarão a superiora o mais tardar ao terceiro dia da sua doença,

afim de que seja visitada e assistida no que for necessário».

Este artigo, minhas Irmãs, recomenda que aviseis a Superiora, o mais tardar ao terceiro dia quando alguma das vossas Irmãs se encontrar doente.

Acontece às vezes não se cumprir esta ordem porque, quando duas Irmãs se estimam e vivem juntas em perfeita harmonia, custa-lhes a separação e pensam que as vão retirar da paróquia em que se sentiam felizes. Por isso, não dão parte da doença. Porém, deveis participar, o mais tardar ao terceiro dia, quando as Irmãs ficarem de cama. Se não o fizerdes, deveis confessar-vos por faltardes a um dos pontos da Regra.

17.º artigo: «Terão muito cuidado com o dinheiro que manejam. Por isso a Irmã servente fechará à chave o que é destinado aos pobres; e a sua Assistente guardará o que é para elas, mas não comprará nada sem o consentimento da Irmã Servente, a não ser em necessidade urgente, e em coisa necessária e de pouca importância.

Minhas Irmãs, isto foi muito prudentemente examinado. É muito bem que a Irmã Servente tenha fechado o dinheiro dos pobres e a assistente o que é para elas. É preciso fazer assim, minhas Irmãs; porém, como tendes uma confiança recíproca poderíeis ter as chaves nos cofres sem os fechardes; mas não deveis fazê-lo, porque pode ter inconvenientes. Pode entrar qualquer pessoa no vosso gabinete e acontecer alguma coisa desagradável. Não deveis fazer isso, deveis fechá-los. Não quer isto dizer que não tenhais dois cofres, mas fechados.

18.º artigo: «Farão ainda uma atenção especial a alguns outros artigos das suas regras comuns que lhes dizem mais particularmente respeito.» Eis as regras, que dizem respeito às Irmãs das paróquias. Há ainda um resumo das regras comuns que deveis observar, a saber:

«1.º Preferir o serviço dos pobres doentes a todos os exercícios, que sejam corporais ou espirituais, e não ter escrúpulo de deixar tudo para os assistir quando seja de necessidade absoluta e não por preguiça.

2.º. Ter um grande respeito às Senhoras da Caridade, aos médicos e sobretudo aos párocos, aos confessores dos pobres e outros eclesiásticos, tratando com todas estas pessoas mui respeitadamente, sem se familiarizarem ou apegarem.» Portanto, minhas Irmãs, respeito e amor às senhoras, mas nada de apegos e não com um amor de inclinação. Isso é carnal. O santo bispo de Genebra diz que é um amor animal. Não deveis entreter-vos a falar com os externos, nas idas e vindas nas ruas e casas a que têm obrigação de ir, se houver grande necessidade, devem ser

visitas breves, particularmente com pessoas de outro sexo.

Minhas Irmãs, insisto sempre no mesmo assunto: suplico-vos que sejais cuidadosas em não deixar entrar nos vossos quartos, ninguém, particularmente os padres e confessores. Não vos posso dizer o mal que tem acontecido nos lugares onde esta regra não se tem observado. Não me causo de vo-lo recomendar.

«4.º Não tratar nenhum doente, nem dar nada a nenhum pobre contra a ordem prescrita ou intenção das senhoras encarregadas.» Entendei bem: não deveis procurar tratar, nem dar nada contra as intenções das senhoras encarregadas.

Oh! é agora que clamarei contra uma Irmã (não sei se ela está aqui; não a nomearei) a quem tinha sido dado ordem de não receber nenhum doente sem licença do médico e as senhoras tinham-lhe dito o que deviam fazer. (Deus lhe perdôe!) seguiu o seu parecer e fez o contrário do que lhe tinham dito, se não foi no mesmo dia, foi no dia seguinte; e não contente de desobedecer, mentiu, pois disse que o não tinha feito. Quê! Minhas Irmãs, uma Irmã desobediente e ainda em cima mentirosa! Oh! Eis o que fez desordem, e não pequena, que ainda não está remediada! E o que dirão, sabendo que uma Irmã mentiu, todas sofrerão com isso. Minhas Irmãs deveis obedecer e nunca mentir.

«5.º Não usar nenhum medicamento nem sangrias para si próprias, nem consultar o médico sem licença da superiora da casa.

«6.º Quando estiverem doentes devem contentar-se com o tratamento semelhante ao dos pobres que assistem, porque não está bem que as servas sejam mais bem tratadas que os seus senhores. Se porém tiverem grande necessidade de qualquer doçura que as senhoras ou a superiora lhes permitam, podem utilizar-se dela.» Minhas Irmãs, isto é imitar Nosso Senhor que amou tanto a pobreza, que não tinha uma pedra para descansar a cabeça. Ah! Minhas Irmãs é preciso gostar de ser tratadas como os pobres. Pensai quantas pessoas há no mundo que vivem tão pobremente! Conheço bispos que vivem só de pão e água, ou de pão e algumas ervas. Contentemo-nos de sermos alimentadas à maneira de Nosso Senhor, cuja vida e morte foi o mais pobre possível.

«7.º Não comprar nada para vestuário, nem móveis, mas contentarem-se com o que a superiora lhes der; e se fôr preciso qualquer coisa de pouco valor, pedir-lhe licença.» Nunca deveis comprar nada sem licença.

«8.º Entregar à Superiora, o mais tardar no fim do ano, as sobras de dinheiro para pagar o vestuário que ela vos forneceu.» Minhas queridas Irmãs deveis ter uma devoção e afeição muito particulares a esta regra, porque a Providência a estabeleceu assim. Em segundo lugar as Filhas da Caridade devem ser como

filhos que já ganham a sua vida e economizam para o darem aos pais nas suas necessidades. A vossa mãe é a Companhia; ela tem filhas a educar; deveis socorrê-la; e com isso fareis uma acção muito agradável a Deus; e se procederdes assim, imitareis Nosso Senhor que, com a Santíssima Virgem, ganhou a Sua vida até à idade de trinta anos. Mas, logo que começou a prégar, a ter discípulos, as boas mulheres que O seguiam começaram a dizer: O Nosso Mestre não tem dinheiro; não o pode ganhar, é preciso dar-Lho. É justo elogiar o vosso sexo; as senhoras forneciam o que era necessário a Nosso Senhor e aos Seus apóstolos. Como teria feito Nosso Senhor se aqueles que O seguiam não cuidassem d'Ele. Ousarei dizê-lo, minhas Irmãs; se não fizerdes assim, não sei se a Companhia poderá subsistir.

Não sei como pudestes chegar ao estado em que estais, só por uma graça muito particular de Deus e pela boa direcção da Senhora Le Gras. Deveis pedir muito a Deus que a conserve. Ela tem dirigido tão bem a Companhia, que, pela graça de Deus, creio que só a vossa comunidade não tem dívidas pela forma como ela a tem governado. Deveis alguma coisa dos sinos e de pequenas coisas mas é pouco. Deus abençoa mais um escudo, dado por esmola de boa vontade, do que muito que não é dado de boa vontade. Um dia Nosso Senhor viu uma boa velhinha com a sua bengala aproximar-se do gazofilácio, que era o que nós hoje chamamos tronco, e deitou uma pequena esmola. Era só o que tinha. O Senhor elogiou mais esta esmola do que as esmolas avultas. É muito verdade que Deus só olha à boa vontade. É assim, minhas Irmãs, só se vos pede o que restar dos vossos gastos.

Se tendes precisão guardai-o para o que vos é necessário; as que estão perto da casa principal, facilmente podem recorrer a ela em caso de necessidade. Mas se alguma quisesse gastar para o seu particular ou para os seus parentes, ó, minhas Irmãs, isso seria um grande mal. Uma Irmã que se deu a Deus, deve renunciar aos parentes, só deve pertencer à Companhia. É vossa mãe, a Companhia à qual vos destes e é para ajudar a manter os seus filhos que sois suas Irmãs.

«9.º Não devem afeiçoar-se demasiado a paróquia onde estão, por sentirem grande satisfação de estar com uma Irmã, ou de falar com as senhoras, ou ainda de se entreterem com o confessor. Se isto acontecer, deveis procurar romper estes apegos de princípio, expondo essa fraqueza à superiora para que ela providencie».

Minhas filhas, recomendo-vos, que não vos afeiçoeis a uma paróquia, a certas pessoas, aos confessores, e se isto acontecer,

comunicai-o logo a quem de direito. Se vos disse o mal que isso tem causado em certos lugares! . . . Vale mais calar-me. Não se afeiçoar ao confessor, nem a coisa nenhuma. Ah! minhas Irmãs há certas coisas que são capazes de destruir a Companhia. Eis uma! Um bom meio para impedir esse apego, se o sentirdes, é avisar o Sr. Padre Portail, a mim ou à Senhora Le Gras: «Sinto-me atraída para esta pessoa ou aquela coisa, peço-vos que me mudéis.» Minhas Irmãs, se assim o fizerdes, não podeis calcular o bem e vantagem que disso advirá.

«10.º Não comer nem beber em casa de ninguém, mesmo em casa das senhoras da Caridade, mas sempre nas suas casas.

«11.º Não deixar os externos entrar nos seus aposentos, nem para sangrar ou curar qualquer pobre, muito menos dar-lhes de comer ou dormida, mesmo que fossem seus parentes, sobretudo doutro sexo.

«12.º Não ir a casa dos sacerdotes, se não são pobres nem doentes; mas se for necessário irão duas e nunca uma só; se não puderem ir duas, a que for, levará na sua companhia uma mulher ou rapariga vizinha.» Minhas Irmãs, não deixeis ir sós a casa dos sacerdotes; pois tem acontecido vários acidentes. Temei, porque o demónio não dorme. Como ele vê o progresso da Companhia, procura todos os meios para a perder, não duvideis, e será um de que se servirá se o conseguir. Tende cuidado!

«13.º Não devem sair das suas paróquias, sem necessidade, nem para ouvir um sermão ou ganhar indulgências, a não ser com licença da superiora ou do superior, a quem pedirão licença, e não a outros.

«14.º Devem ser diligentes no trabalho, e sobrando tempo, devem trabalhar em costura ou a fiar, e se não têm trabalho, devem pedi-lo à superiora.

«15.º Devem ser bem submissas à Irmã Servente e ter-lhe um grande respeito, ainda que seja mais nova, não empreendendo nada sem a sua ordem ou licença, nem mesmo dar um ovo ou porção maior, nem nenhum remédio, nem ir a casa das senhoras, nem falar de coisa alguma a não ser que sejam interrogadas.

«16.º Ao menos uma vez por mês devem dar conta da sua consciência ao confessor da casa e à Irmã Superiora, dos seus empregos.» É preciso ter devoção a esta regra.

«17.º Com relação à ordem do emprego do dia, sujeitar-se-ão, tanto quanto possível, aos usos na Companhia, preferindo, no entanto, o serviço dos doentes; eis pouco mais ou menos a ordem que seguirão:

«1.º Logo depois da oração da manhã, ou da leitura do ponto da meditação, terão o cuidado de levar os remédios aos doentes,

e na volta irão à Missa, durante a qual farão oração quando a não puderem fazer de manhã às quatro horas.

«2.º Depois da Missa almoçarão no refeitório um pouco de pão.

«3.º Pouco depois irão a casa da senhora onde está a marmitta dos doentes à hora marcada ou antes, se for preciso, afim de que o jantar possa estar pronto à hora marcada.

«4.º Depois de jantar, terão cuidado de recolher as receitas médicas e aprontar os remédios para os levar aos doentes à hora indicada, e pôr a marmitta em casa da senhora a quem compete, para o dia seguinte.

«5.º Depois da ceia, aprontarão os remédios para o dia seguinte, de manhã; e se houver alguma coisa a fazer com pressa, despaçar-se-ão, de forma que às nove horas estejam deitadas.

6.º Quando puderem instruir as meninas da paróquia, sem que isso as impeça de ir aos doentes, uma aplicar-se-á a isso, podendo ser ajudada pela outra, se tiver necessidade e se a superiora achar bem. Sendo assim observarão tanto quanto puderem as regras dadas para a mestra de escola que lhes serão dadas para esse efeito.»

Minhas Irmãs, eis as regras que as Irmãs das paróquias devem praticar. Falta ainda para as dos campos. Ficará para outra vez. Desejo muito que recommencemos as palestras da maneira costumada. Será para a próxima vez se Deus quiser. Faz-se tarde. Demos graças a Deus. Minhas Irmãs, não há aborrecimentos quando se trata das coisas de Deus. Dirijamo-nos ao santificador das almas e cada uma de vós Lhe diga: «Meu Deus, eu vos agradeço de me terdes retirado do meu país para me collocardes em tão santa Companhia. Peço-Vos perdão das faltas que tenho cometido desde que me chamastes ao Vosso serviço; peço-Vos, também a graça da fidelidade e de avançar na prática das virtudes que desejas de mim». É o que peço, minhas Caríssimas Irmãs, de todo o meu coração para vós, e pedirei amanhã, na santa Missa, que celebrarei por esta intenção, pedindo a assistência de todas.

Entretanto, peço a Nosso Senhor que vos abençoe e nos encha do Seu espírito, e ao mesmo tempo pronunciarei as palavras de bênção.

116 — CONFERÊNCIA DE 8 DEZEMBRO DE 1659

SOBRE A INDIFERENÇA

O Nosso Honoratíssimo Pai, depois de ter dito o *Veni Sancte Spiritus* para invocar a assistência do Espírito Santo disse:

Muito bem, minhas queridas Irmãs, é já tarde ; podereis estar mais cedo para começarmos ?

Uma Irmã disse : Meu Pai, se estivéssemos certas que começaríeis cedo, poderíamos vir.

Mas aconteça o que acontecer, deixarei tudo.

A Senhora Le Gras disse :

Meu pai, as nossas Irmãs podiam vir mais cedo, mas foram para as Vésperas.

Ó minhas Irmãs, como é uma assembleia para assuntos de Deus, ser-lhe-á tão agradável como a assistência às Vésperas. É deixar Deus por Deus. Peço-vos que, durante o Inverno, procureis estar prontas para começarmos às três horas em ponto ; não ireis às Vésperas ; S. Tomás diz que é deixar Deus por Deus.

Minhas queridas Irmãs ; o assunto da nossa palestra consiste em três pontos : o primeiro, trata dos motivos que têm as Filhas da Caridade para serem indiferentes em relação aos empregos ; o segundo, das faltas cometidas contra essa virtude ; o terceiro, dos meios a adquirir para a praticar bem, afim de se firmarem no estado em que Deus as colocou.

— Minha Irmã, que razões têm as Filhas da Caridade para se conservarem nesta santa indiferença ?

— Meu pai, parece-me que, como nos démos a Deus, tudo o mais nos deve ser indiferente, e como já nos não pertencemos, proceder doutra maneira seria tirar a Deus o que Lhe pertence.

— Deus vos abençoe, minha Irmã ! Eis uma boa razão. A Irmã diz que nos démos a Deus e, portanto, não nos pertencemos mais ; se não formos indiferentes roubamos a Deus alguma coisa do que lhe démos. Eis uma razão com fundamento. Vede, dei-me a Deus para fazer a Sua vontade. Se quero alguma coisa, como conviver com uma determinada Irmã, num lugar ou noutro, tratar das crianças ou servir os doentes, numa palavra, se não sou indiferente a tudo, roubo alguma coisa a Deus a Quem dei tudo.

E vós, minha Irmã, tendes ainda qualquer outra razão ?

— Meu Pai, pensei ainda que nos devíamos deixar trabalhar como o vime entre as mãos daquele que o utiliza. O vime deixa-se vergar como se quer, ou por cima ou por baixo, não resiste. Assim uma Filha da Caridade que não é indiferente pelos lugares que lhe destinam, não é tão boa como o vime, não é agradável a Deus, porque não tem a flexibilidade que a torna disponível. Ah ! Minhas Irmãs que vergonha ver uma Irmã apresentar sempre as suas preferências ! Eis portanto duas razões. Peço a Nosso Senhor nos faça esta graça, a mim e a vós, de sermos indiferentes em todas as coisas, na doença, na saúde e em tudo o que Ele quiser de nós.

Depois dirigiu-se a outra Irmã:

Minha Irmã, qual a razão porque as Filhas da Caridade devem ser indiferentes a tudo?

Meu Pai, parece-me que, se queremos ser agradáveis a Deus, é preciso acatar sem discussão a vontade dos Superiores.

Minhas Irmãs, essas vontades não são deles, mas de Deus que diz aos desobedientes:

«É a Mim que desobedeceis.»

E dirigindo-se a outra Irmã:

E, vós, minha Irmã?

— Meu Pai, penso que devemos estar prontas para fazer tudo o que de nós quiserem.

Deus vos abençoe, minha Filha.

A outra Irmã:

Minha Filha,izei-me: Porque razão deveis todas ter uma santa diferença ao serdes enviadas para as escolas, para as crianças, para o Nome de Jesus, e Forçados, enfim, para qualquer parte ou para determinado emprego, com a condição de não pretenderdes lugares de destaque, como ser Irmã Servente. Se houvesse uma que tivesse esta ambição, tinha um grande defeito.

Meu Pai, a primeira razão é que cumprindo com amor a vontade dos Superiores, fazemos a Vontade de Deus; e se temos repugnância em cumpri-la, é porque queremos fazer a nossa.

Sim, minha Irmã, é a vontade da carne que é uma vontade do pecado; quando Adão pecou foi pela vontade da carne e por ela perdeu a graça. Deus tinha-lhe dado uma grande propensão para O amar; mas pela vontade da carne, praticou o mal... como por Adão a graça se perdeu, o que pede a nossa natureza é pecado; as inclinações da carne são pecado; por isso é preciso fugir delas.

A Irmã retomando a palavra apresentou uma segunda razão: se não se tem esta santa indiferença, é impossível ter paz interior.

Tendes razão, minha Filha; como terá descanso aquela que está sempre preocupada? Por exemplo, uma Irmã deseja ser Irmã Servente; outra companheira! Estas duas Irmãs poderão ter descanso?

— Não, meu pai.

— Oh! Não, nenhuma delas o tem porque uma quer que a deixem, e a outra, a que deseja ser Irmã Servente, receia que a tirem; ao mais pequeno bilhete recebido dos Superiores julgam logo que é para as retirarem. Assim, tanto uma como outra estão em contínuo sobressalto.

Minhas Irmãs, ficai sabendo que o único meio de conservar a

paz, é nada desejar. Deus vos abençoe, minha Irmã! apresentas-tes uma boa razão.

A outra Irmã:

E vós minha?

— Meu Pai, pensei que só devemos desejar que a vontade de Deus se cumpra em nós. Pensei também que era preciso estar disponível para todas as coisas.

— Deus vos abençoe minha Irmã!

A uma outra:

E vós, minha Irmã, que pensamento tivestes?

— Pensei que era preciso conformarmo-nos com a vontade de Deus.

— Outra disse:

Meu Pai: vi que devemos ouvir a voz de Deus nas ordens dos nossos superiores.

Depois, a Senhora Le Gras deu um bilhete duma Irmã que, não podendo vir, enviou os pensamentos que Deus lhe tinha dado sobre este assunto. O Nosso Honoratíssimo Pai achou muito bem, e disse:

Minhas Irmãs, é assim que se deve fazer quando se não pode vir porque é razoável apresentar à Companhia os pensamentos que Deus vos tiver dado. Eis o que diz o bilhete:

As razões que temos para recebermos bem o officio dado pelos nossos superiores, é que estamos certas de fazer a vontade de Deus que nos dá esse officio para nele trabalharmos na nossa salvação e na do próximo.

No segundo ponto vi que, recusando os officios que nos são dados, pecamos, porque vamos contra a vontade de Deus que nos quer nesse lugar e não em outro. É grande fraqueza desejar estar noutro lugar onde a maior parte das vezes a cruz é mais pesada do que nos lugares dados pelos nossos superiores.

No terceiro ponto, para praticar bem a indiferença, pensei que era preciso abandonarmo-nos inteiramente à vontade de Deus, amar todas as Suas vontades e pensar que é talvez a última da nossa vida. Oh! se tivesse força, quanto desejaria servir os pobres até ao fim da vida e do mundo, para prestar serviço a Deus!

— Como isto é belo! Boa Irmã! Deus a abençoe! Minhas Irmãs, faz-se tarde. Não podemos falar doutros pontos. Se Deus quiser, virei no próximo domingo às três horas em ponto, se não vos incomoda. O assunto é de grande importância. Peço àquelas que não tiverem feito oração sobre o assunto, a façam, e que todas reflectam bem nele e digam: «Quero viver e morrer nesta santa indiferença». E porque o assunto é muito importante faremos como às Terças Feiras, em S. Lázaro na reunião dos sacerdotes:

recomeça-se um assunto, muitas vezes, até catorze se for preciso afim de o inculcar nos espíritos.

Como o tema é de grande importância, por se tratar de vos dares bem a Deus pela santa indiferença e para ouvirmos os pensamentos que tiverdes tido sobre ele, esperamos o domingo para falar das faltas que se podem cometer contra esta virtude e dos meios a empregar para as evitar.

É porque isto repugna à natureza que quer fazer sempre a sua vontade, pedireis a Nosso Senhor esta virtude e dizei-Lhe: «Senhor, fazei-me a graça de ser como Vós fostes. «E como foi o Senhor? Ele mesmo o disse como um jumento, uma mula, ou um cavalo de carroça (Salmo LXII, 23). Oh! vede, como os cavalos dum carroça se deixam conduzir para onde os querem levar; nunca ouvi dizer que resistam à vontade dos seus condutores. Nosso Senhor para mostrar como tinha estas disposições disse: «Fui como um cavalo e como a mula que se deixam conduzir». É pena que os animais, sem uso de razão, nos dêem esta lição de indiferença, que nos custa tanto a praticar! Minhas Irmãs, retenhamos bem esta lição de Nosso Senhor, que se submeteu inteiramente à vontade de Seu Pai.

Lembraí-vos bem disto, e pedi-Lhe muito nas vossas orações a graça de aceitardes sempre com santa indiferença qualquer officio, num lugar ou outro, elevado ou não, prontas a tudo o que Ele quiser. É o que Lhe peço para vós e para mim. De todo o coração e suplico que nos faça essa graça.

Sub tuum praesidium confugimus...

Benedictio Domini Nostri...

117 — CONFERÊNCIA DE 14 DE DEZEMBRO DE 1659

SOBRE A INDIFERENÇA

O Senhor Padre Vicente, nosso Honoratíssimo Pai, como de ordinário, depois de ter dito o «Veni Sancte Spiritus» para implorar a assistência do Espírito Santo, começou desta maneira.

Minhas queridas Irmãs, o assunto desta conferência é a continuação da anterior. A virtude da indiferença; não se afeiçoar a nada, nada recusar, estar numa disposição interior de ir para onde for mandado; para as Crianças, para as paróquias, para os campos, numa palavra para toda a parte. Minhas queridas Irmãs, da última vez muitas de vós falaram, deixando-me uma profunda consolação. Mas pergunto ainda: Minha Irmã, parece-vos que seja uma coisa muito importante esta santa indiferença?

— Sim meu Pai, porque nos torna agradáveis a Deus e aos nossos superiores.

— Muito bem dito, minha Filha. Uma Irmã que não aceita qualquer emprego não faz nada bem. E porquê? Porque o seu coração está sempre despedaçado por mil inquietações. Ora a vontade de Deus é que a ela nos abandonemos de forma que uma Irmã que só quer o que Deus quer, é feliz, ao passo que uma pessoa que deseja isto ou aquilo não é feliz; é talvez mesmo infeliz.

Como vos disse o outro dia, Nosso Senhor deu-nos o exemplo disso comparando-se a um cavalo, como Ele o disse pelo profeta: *Factus sum sicut jumentum* (Salmo LXXLII, 23). O cavalo e o jumento cumprem a vontade dos seus donos, assim a minha felicidade é fazer a vontade de Deus meu Pai.

E, vós, minha Irmã?

— Meu Pai, disse a Senhora Le Gras, é a Irmã que outro dia enviou o seu bilhete.

— E vós, minha Filha, Deus vos abençoe! Fizestes bem. Minhas Filhas, quando não puderdes vir, peço-vos que escrevais e envieis o bilhete à Senhora Le Gras. Minhas Irmãs, é bom porque há sempre a aproveitar. Às terças-feiras fazemos o mesmo na Companhia com os nossos Padres.

E a uma outra Irmã:

— Minha Filha, parece-vos grande esta indiferença?

— Sim, meu Pai.

— Em que consiste?

— Em estarmos prontas para tudo que quizerem de nós.

— Eis, minhas Irmãs, a sua finalidade: é uma virtude que faz com que se não recusé nem deseje nada. Não desejar nada, nem rejeitar nada, mas aceitar de bom grado tudo o que Deus manda por intermédio dos nossos superiores, numa palavra querer só a vontade de Deus. Eis o que é a indiferença.

E vós, minha Irmã, o que é uma pessoa indiferente?

— Meu Pai, é uma pessoa que submete a sua vontade à dos superiores.

— E vós, minha Irmã, essa pessoa quer ou recusa alguma coisa?

— Não, meu Pai, ela tem uma grande paz interior.

Está bem, minha filha, Deus vos abençoe!

A uma outra Irmã:

Minha Irmã, peço-vos que me expliqueis o que é esta indiferença.

— Meu Pai, é querer o que Deus e os nossos superiores querem, nada desejando e nada recusando.

Parece-vos, minha Irmã, que este estado é um estado feliz?

— Sim meu Pai, parece-me que não amaremos a Deus, se não a possuímos, pois vemos que um criado que ama seu patrão vai contente para toda a parte.

— Uma Irmã viverá em paz quando está nesta santa indiferença?

— Sim, meu Pai.

— Oh! Minhas Irmãs, possui-la em tudo, nos empregos, quando se é Irmã Servente ou companheira, quando se está no hospital ou nas crianças, nas paróquias ou nos campos, na cidade ou em que sítio for, é o meio de termos paz interior.

Uma outra diz:

A primeira razão, é que estamos certas de que todos os empregos vêm de Deus, quando nos são dados pelos superiores e não escolhidos por nós. Uma segunda é a certeza de que nos podemos salvar em todos os empregos porque Deus nos coloca no estado mais propício à nossa perfeição.

É o segundo ponto, parece-me que faltamos a esta virtude da indiferença, quando procuramos os empregos directa ou indirectamente. Igualmente faltamos se nos apegamos de tal maneira aos empregos que temos que quando nos vêm tirá-los nos zangamos e nos relachamos, não nos preocupando com o que nos dão, desempenhando-o a custo, murmurando e lamentando-nos com facilidade. Isto pode algumas vezes ser causa da perda da vocação.

No terceiro ponto, um meio de nos conservarmos nesta indiferença é prendermo-nos só a Deus, querendo somente o que Ele quer, não buscando a nossa própria satisfação e estando certas de encontrarmos Deus em toda a espécie de empregos. Um outro, é não estar apegada à própria vontade, mas inteiramente submissa à dos superiores. Foi esta a resolução que tomei, pela graça de Deus.

— Muito bem, minha Filha, Deus vos abençoe! Senhora Le Gras, quer fazer o favor de nos dizer os vossos pensamentos?

Meu Pai, além daquelas que as nossas Irmãs apresentaram, vem-me ao espírito uma outra razão, é que Deus quer ser glorificado em nós de todas as maneiras; o que faz utilizando-nos como propriedade Sua, sob muitos títulos, e assim pode fazer por meio de nós tudo o que Lhe agradar; quer no entanto que coope-remos com a Sua vontade e é bem razoável que Lhe façamos um sacrificio desse livre arbítrio que nos deu e desta maneira desempenhamos com santa indiferença todos os empregos que Ele nos der por ordem dos nossos Superiores.

Uma outra razão é que, tendo-nos dado a Deus para formarmos um corpo na Sua Igreja, é razoável que cada um dos seus membros desempenhe as suas funções; tal não sucederia se não

estivéssemos dispostas a submeter-nos às ordens dos superiores que as comandam.

Os inconvenientes que poderiam surgir seriam : primeiramente o prejuizo para a Irmã, pondo-se num estado de não poder cumprir a vontade de Deus e de nada fazer que Lhe agradasse.

Um outro, é que sem esta disposição, havia desordem na Companhia, o serviço dos pobres soffreria, seria um mau exemplo para as outras Irmãs e talvez muitas se deixassem enredar.

Um dos meios mais poderosos que temos para nos ajudar a adquirir esta indiferença é o exemplo de Nosso Senhor, que durante a vida e em tantas ocasiões, manifestou que só estava na terra para praticar esta virtude, fazendo a vontade de Deus, Seu Pai, e obedecendo-Lhe até à idade de trinta anos.

Deus vos abençoe, Senhora Le Gras ! Como é belo ! Minhas queridas Filhas, dir-vos-ei os meus simples pensamentos : O estado de disponibilidade é o estado dos anjos ; são-ño de tal modo que estão sempre prontos a executar a vontade de Deus no céu ou na terra, no paraíso ou fora. Basta que Deus lhes mostre a Sua vontade, estão sempre prontos a cumpri-la sem olhar em quê, de forma que não desejam outra coisa senão o que Deus quer. Assim, minhas Irmãs, quem diz uma Filha da Caridade indifferente diz um anjo. E porque lhe é semelhante ? É porque está sempre pronta a fazer o que Ele quer. Que a coloquem nas Crianças, nas paróquias ou noutro officio, está sempre pronta. Nesta disposição tem o espirito dum anjo, e acrescento, porque os anjos estão sempre prontos a querer o que Deus quer. É uma Irmã que diz : «Se quereis que vá para as Crianças eu quero ! A cem léguas!... estou pronta !»

Os anjos, em qualquer emprego que estejam, nunca perdem a presença de Deus, nem o Seu olhar, contemplam-no em toda a parte. Assim, a Irmã de Caridade indifferente que olha e recebe tudo como vindo da mão paternal de Deus, regosija-se de poder cumprir a Sua Divina Vontade neste mundo. Coloquem-na onde quiserem, fica contente. Os anjos a quem Deus confia a guarda dos maus, estão contentes por cumprirem a vontade de Deus.

Uma Irmã indifferente parece-se com os anjos de três modos : está tão contente nos empregos inferiores como nos elevados ; está sempre pronta a fazer a vontade de Deus de qualquer forma que seja ; tanto lhe faz ir para junto dum mau, como dum bom, para ela todos os empregos onde Deus a coloca são iguais !

Ó Salvador ! Se aprouver a Deus dar esta graça à Companhia da Caridade, o que não farão as Irmãs ! Pedi-a muito a Nosso Senhor, minhas Irmãs. Vêde a importância desta palestra.

Ao contrário, pode dizer-se que é um demónio uma Irmã que

quer um emprego e não outro. Minhas Irmãs, notai que é espírito do demónio querer fazer a sua vontade e não a de Deus. Verdadeiramente, no inferno, o demónio faz a vontade de Deus, fazendo sofrer as almas dos condenados; mas é preciso que ele obedeça. Deus um dia mandou-o meter-se dentro dum porco e ele fê-lo contrariado.

Por isso, uma Irmã que aceita contrariada os emprêgos que lhe dão, têm o espírito do demónio. Porquê? Porque não quer submeter-se à vontade de Deus, mas seguir sempre a sua. O espírito duma Irmã que tem sempre o desejo de fazer a sua vontade é o espírito do demónio que nunca se pôde submeter à vontade de Deus nem se submeterá. E o que acontece? É que leva o inferno a toda a parte. Esteja este espírito onde estiver, mesmo no corpo dum possesso, está sempre em chamas contínuas! Assim uma Irmã que está sempre agitada por uma quantidade de desejos que quer agora um emprego e amanhã outro vive como o demónio porque não tem paz; sim, aquelas que escolhem empregos nunca têm a verdadeira paz.

Uma Irmã servente que não está despreendida prende-se ao seu officio e pensará que as outras não têm uma capacidade como a sua. Ah! Minhas Irmãs, comprazer-se nos cargos que dão honra é um estado diabólico! Que faz esta pobre Irmã? Está sempre apreensiva a pensar que a mudam ou lhe tiram o cargo. É tormento bem cruciante, um estado diabólico! E ficará por aqui? Oh! Não! Procura ganhar a sua Irmã, a sua companheira para que diga à Senhora Le Gras que tudo vai bem. Deixa a companheira à vontade para fazer o que quizer, observar os Regras ou não, levantar-se a qualquer hora. A sua única preocupação é que seja sua amiga e continuar Irmã Servente. O que vos parece, minhas Irmãs? Não é um inferno? Se vier visitar-vos perguntai-lhe como corre tudo na sua paróquia. Responderá que tudo vai muito bem e só disso falará e procurará não se referir às deficiências que aí houver. Porque o desejo diabólico de ser Irmã Servente a faz viver num contínuo inferno.

Que fará mais? Logo que a companheira vier a casa dir-lhe-á: «Vou indicar-vos a attitude a tomar junto da Senhora Le Gras ou do Senhor Padre Portail: «reparai no que lhes dizeis; se vos perguntarem tal ou tal coisa respondei desta maneira...» Minha Irmã, não digo que isto se faça; mas é impossível que uma pessoa que se apegue aos empregos não faça coisa parecida.

Provocar subterfúgios é espírito do demónio. Como?! A Irmã Servente que deve dar exemplo à companheira, aconselha-a a usar de dissimulação perante os seus superiores! Ah! Meu Salvador! É diabólico!

Como? Ver Irmãs que devem ser em tudo verdadeiras, servirem-se de trapaças! Oh! minhas Irmãs, se alguma vez caistes nesta fraqueza, pedi humildemente perdão a Deus e não recomeceis. As pessoas que não são indiferentes estão sujeitas a estas faltas.

Que succede à Irmã Servente agarrada ao seu officio se vier a cair doente? — Pobre Irmã! fica mais doente do espirito que do corpo. Que não faz com receio que a retirem da paróquia? Temendo que ponham outra no seu lugar. Faz intervir uma senhora, um médico para dizerem que não é necessário sair de casa. Ah! minhas Irmãs, que triste situação!

Algumas vezes vem uma Irmã procurar-me ou a Senhora Le Gras para dizer: «Peço-vos que me tireis do meu officio! Colocai outra no meu lugar!» Fará isto para não parecer que está presa ao officio, ou porque o cargo é muito difficil e preocupa-a muito. O peso do trabalho fatiga-a algumas vezes, ou então não está contente com a companheira e é por isso que pede para deixar de ser Irmã servente e a coloquem como companheira.

Deixando o cargo, como procederá com a Irmã Servente? Não consente que lhe peça nada, mas responderá murmurando: «Porque me manda?» Perante isto será preciso impor-lho. Se a Irmã Servente lhe fala um pouco mais rudemente, zanga-se; por isso esta não sabe como levá-la. Se lhe pede uma opinião responde: «faça como quizer, não sabe o que tem a fazer? Isso não é comigo!» Encontra sempre que dizer em tudo que a Irmã Servente faz. Se o não mostra no exterior, no interior vê tudo por terra e diz: «Não me diz respeito», ficando numa inquietação continua.

É este, minhas Irmãs, o estado duma Irmã que não é santamente indiferente. Que grande miséria! Não é verdade que é um inferno verdadeiro, ou pelo menos um purgatório?

O mesmo acontece com a Irmã companheira que não trabalha por Deus. Está em contínua inquietação, lamenta-se de estar sob a autoridade de outra, pois pensa que, sendo mais antiga na Companhia é mais competente e estará melhor como Irmã Servente. Não é isto o começo do seu inferno?

Há ainda uma outra miséria: uma companheira a quem a Irmã Servente não agrada. Que esta fale, proceda, mande, nada a satisfaz. Não é uma grande miséria? Se se encontra num lugar onde se fala da sua Irmã Servente, tudo lhe desagrade; mostra um aspecto melancólico. Pobre companheira! Faz pena! Se falar aos superiores e estes lhe perguntam: «Minha Irmã como vão as coisas na vossa casa?» Responde a meia voz: «Se soubesseis tudo...» de forma que a interpretar-se o que ela quer dizer, julgar-se-á que tudo vai mal.

Minhas Irmãs as Irmãs Serventes e as companheiras, cairão em muitas outras misérias que não menciono. Não haverá paz nestas Irmãs; não se amam. A maior parte das contendadas veem daí. Vede lá, minhas Irmãs que mal é não possuir a santa indiferença.

Outras há que não querem ser Irmãs serventes, por falta de abandono: estão sempre com receio que as nomeiem:

Tudo isto faz ver o mal da falta da obediência e de disponibilidade. Minhas queridas Irmãs, sabeis bem que isto é verdade.

O meio de sair deste estado, é pensar muitas vezes no que as nossas Irmãs disseram e no que eu acabo de dizer. Como?! Irmãs que fazem profissão de ser de Deus! Ah! meu salvador! vejo o mal que faz a falta da santa indiferença; ó meu Deus, tirai-me o desejo de ser Irmã servente ou companheira; tirai-mos; mas dai-me a graça de só querer o que Vós quizerdes.

O outro meio é pertuntar a si própria: «Estou neste estado? Tenho aversão a isto ou àquilo? Em caso afirmativo estou num estado desgraçado, diabólico! Quero sair dele». Para isso é preciso exercer a mortificação interior: mortificar a própria vontade, as afeições desordenadas e dizer: «Renuncio isso inteiramente. Logo que me aperceba deste affecto di-lo-ei aos meus superiores e combatarei enèrgicamente esta paixão.»

É preciso pedir a Deus que nos faça a graça de conhecermos bem o valor da virtude da indiferença. «Meu Deus, fazei-me saborear este estado, fazei que de futuro só queira a vontade de Deus. Ó Santíssima Virgem, a Vós recorro.»

Minhas Irmãs, não há religiosas que tenham mais necessidade desta indiferença do que vós. As religiosas estão fechadas, mas vós tendes diferentes empregos. Recorrei a Nosso Senhor que foi tão indiferente em todos as coisas que nunca quis fazer a sua vontade, mas sempre a de seu pai.

Ah! meu Salvador, que vedes o mal causado em minha alma, livrai-me destas afeições desregradas, destes desejos, Vós que comparastes aos anjos as almas santamente indiferentes. Não permitais que as nossas Irmãs caiam nesse miserável estado. Peço-vos-lo pela Vossa misericórdia; pelo Precioso Sangue que derramastes por nós, afim de que nos assemelhassemos aos anjos pela prática desta virtude. Eu sei que pela Vossa graça muitas Irmãs praticam a santa virtude da indiferença, o que contribui para que esta pobre companhia tenha no mundo tão alta estima. Peço-Vos que todos se conservem nela. Peço-Vos de todo o coração pela Vossa santa indiferença, por todas as dores que sofrestes na terra, pelos méritos da Vossa santa Mãe e pelas

nossas queridas Irmãs que estão no Céu por terem praticado esta santa virtude.

É por isso, minhas queridas Irmãs, que Vos peço para meditações amanhã neste assunto e continuardes a pensar nele muitas vezes.

Senhor, peço-vos-lo pela benção que em Vosso nome vou dar para que desça sobre as Irmãs a santa indiferença, afim de que compreendam a importancia desta verdade.

Benedictio Domini Nostri...

118 — CONFERÊNCIA DE 3 DE JULHO DE 1660

SOBRE AS VIRTUDES DE LUÍSA DE MARILLAC

Tendo chegado o nosso Honoratíssimo Pai ao lugar da conferência, invocou como de costume a assistência do Espírito Santo e disse :

Minhas Caríssimas Irmãs, dou graças a Deus por me ter conservado a vida até agora, para poder vê-las todas aqui presentes. Quanto desejei reuni-las durante a doença da Senhora Le Gras, mas, por minha vez, também adoeci e enfraqueci bastante. Foi a vontade de Deus que assim o determinou, e compreendo que foi para maior perfeição daquela de quem vou falar, Senhora Le Gras. E o Padre Portail sempre tão zeloso pela santificação da companhia também poderão dizer qualquer coisa a seu respeito, uma vez ou outra, embora não seja ele o objecto desta conferência.

A causa da nossa presença aqui é a Senhora Le Gras, para falarmos das virtudes que mais se lhe notaram e daquelas que as Irmãs mais desejarão imitar. Meu Deus sede bendito para sempre !

Depois começou a interrogar as Irmãs e disse :

O primeiro ponto desta conferência tem por assunto as razões que as Filhas da Caridade têm para comentar as virtudes das Irmãs que Deus chamou a Si e especialmente as da sua muito estimada Mãe. O segundo, é sobre as virtudes que nela notastes. O terceiro é sobre aquelas que ela praticou que mais vos impressionaram e que deveis imitar, com a graça de Deus:

Minhas Irmãs, que razões temos para falar das Irmãs falecidas, especialmente da Senhora Le Gras?

Meu Pai, a primeira razão é a obrigação que temos de dar graças a Deus; a segunda, de nos estimularmos a imitar as suas virtudes; e se não o fizermos teremos que nos humilhar diante de Deus porque foi para isso que nos deu tão boa mãe.

Quanto às virtudes que nela notei é que tinha sempre o espírito elevado para Deus, nas contrariedades e nas doenças, consi-

derando-as como enviadas pela Bondade divina. Nunca ninguém ouviu queixar-se durante as suas doenças, mas pelo contrário mantinha-se sempre contente e alegre. Amava muito os pobres e servia-os com visível prazer. Via-a receber os pobres que saíam das prisões: Lavava-lhes os pés curava-lhes as feridas e vestia-os com as roupas de seu filho.

A caridade para com as Irmãs doentes era notável. Visitava-as frequentemente na enfermaria, prestava-lhes os mais pequenos serviços e assistia-as com piedade até ao último momento. Chorava com maternal affecto a perda duma Irmã. A sua ternura pelas Irmãs doentes era de tal maneira que tínhamos de acautelar-nos para lhe anunciarmos a morte duma Irmã, sentimos que nutria também por sua família.

Era a primeira a acusar-se e a pedir perdão às Irmãs. Via-a prostrar-se no chão para que a pisassem. Lavava a loiça e queria exercer os officios mais baixos, quando as suas forças o permitiam. Servia as Irmãs no refeitório e muitas vezes ali pediu perdão, fazendo actos de penitência, como ficar com os braços em cruz ou prostrada por terra.

Meu Salvador! E a outra Irmã. Que mais notou?

Meu Pai, a Senhora Le Gras tinha grande prudência em tudo. Parece que descobria os nossos defeitos. Avisava-nos deles antes mesmo que alguém lhos manifestasse, mas era extremamente prudente ao aconselhar-nos. Recomendava-nos muitas vezes que não procurássemos comprazer-nos nas acções exteriores. Era uma alma de grande vida interior.

Esta Irmã notou, minhas Filhas, uma virtude principal que é a prudência. Declaro que não conheço quem a tenha praticado em grau tão elevado e desejo de todo o coração que a Companhia pratique esta virtude tão necessária, que consiste em examinar como devemos agir em cada circunstância, prevendo os meios, o lugar e o tempo em que devemos dar os avisos que são da nossa obrigação. Salvador meu! Não era vulgar a prudência que sempre demonstrou. Por isso, minhas Irmãs peço a Deus que vos conceda esta virtude à medida das vossas necessidades, porque não é bastante uma prudência vulgar. As Irmãs têm que tratar com pessoas de elevada categoria e com pobres; é preciso saber proceder com exactidão, a cada momento. Quem poderá ensinar isto? A prudência.

Há uma prudência falsa que não considera nem o lugar nem o tempo, e que procede inconsideradamente em todas as coisas. Consideremos Irmãs desde que se reuniram, quão cara saiu a algumas a falta de prudência! Caíram em faltas que lhes fez perder a vocação. É muito difficil não faltar à prudência. Ai,

meu Deus! Em todas as Comunidades sempre há quem falte a esta virtude.

Que males poderá ocasionar à Companhia a imprudência? Falarão mal das Irmãs em toda a parte. Pelo contrário se houver prudência, serão louvadas. Em Narbona, tecem os maiores elogios às nossas Irmãs que são admiráveis quanto a modéstia e edificação. Noutras partes, poderão dizer: «Que Irmãs imprudentes! Não consideram o que fazem».

A prudência, pois, minhas Irmãs, é tudo. Com esta virtude estareis tranquilas; sem ela, só existe a perturbação e a desordem. para o conseguir é preciso implorá-la de Deus, E quem poderá auxiliar-vos nisto? A vossa boa Mãe que está no Céu, que decerto não terá agora menos Bondade do que tinha na terra para com todas, porque os eleitos amam como Deus manda. Prudência, pois, minhas Irmãs! Deus vo-la concederá se for pedida por seu amor, invocai-a, porque apesar de não se poderem honrar os mortos com o culto público por não estarem canonizados, podemos, no entanto, pedir a Deus, por sua intercessão, a prudência.

Sede prudentes em todas as obras e tereis sempre paz e sossego; de contrário reinará a desordem. Deus seja bendito! Assim vereis quanto ela vale. Louvado seja Deus!

Certamente que a Senhora Le Gras praticou esta virtude em grau mais elevado que qualquer pessoa que eu conheça.

O nosso Honoratíssimo Pai perguntou depois.

E a outra Irmã?

Meu pai, notei que a nossa Mãe desejava conservar na Companhia o espírito de humildade e de pobreza, e com frequência dizia: «Somos Servas dos Pobres, portanto, temos que ser mais pobres do que eles.»

Esta Irmã diz uma grande verdade. Creio que estimava muito a pobreza. Bem sabeis como vestia pobremente e estava tão penetrada desta virtude que até me pedia licença para viver como pobre. A respeito da Companhia, sempre recomendou que se conservasse neste espírito. E é realmente o meio poderoso de a manter. A pobreza é uma virtude que Nosso Senhor conservou na terra e que os Apóstolos praticavam.

O Mestre e os Discípulos vestiam-se pobremente, por isso, Nosso Senhor disse; Ai, dos ricos! Donde se depreende a formula da virtude contrária à riqueza. Além disso, sois servas dos Pobres: Esse é o único título que vos dão o Santo Padre e o Parlamento.

Era este também o espírito de Nosso Senhor que foi pobre de espírito em todas as coisas, no vestir, no comer, etc. Ele próprio disse: «As raposas têm os seus covis e as aves do Céu

os seusinhos, mas o filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça.»

O Filho de Deus teve este espírito e concedeu-o à Companhia e a Senhora Le Gras procurou observa-lo durante vinte cinco anos: 'Probreza no Hábito, na alimentação, em tudo que seja necessário à vossa manutenção; a Senhora Le Gras sempre considerou que a felicidade da Companhia consistia na pobreza do refectório. Se não se contentam com o que lhes dão é porque não têm este espírito. Porque pedem as Irmãs para tantos lados? Porque pensam que são Irmãs que se contentam com cem libras para alimentação e outras despesas. Admiram esta disposição e dizem: São jovens que veem de Paris e que se contentam com pão e queijo, ou coisa parecida.

Pelo contrário. Se algumas não observarem este espírito de pobreza, pouco a pouco não lhes chegará o que lhes dão, como aconteceu com algumas que gostavam de ir comer à casa das Senhoras. Minhas Irmãs, sempre vi que a felicidade da Companhia consistia na frugalidade, enquanto fordes sóbrias, tereis a confiança de quem vos entrega a bolsa, como ainda sucede.

É próprio da virtude que quem se consagra a Deus para obedecer torna-se, de certo modo, senhor. Se uma criada obedece ao senhor ou à senhora, como se obedece a Deus e à Santíssima Virgem, depressa chega a ser senhora, porque os seus amos vendo-a tão obediente, tão boa, cedem ao que ela quer, e submetem-se. Desta maneira é ela a senhora. Estou certo que as Irmãs viram isto mesmo nas paróquias. Assim, pois, a virtude da pobreza atrairá a estima das pessoas de categoria. Se suceder que alguma diga: «Não estamos bem alimentadas, como poderemos viver? Minhas Irmãs, se tal acontecer é preciso afastar imediatamente este espírito do demónio que há-de ser combatido logo que comece. Se tal acontecer, cumpre gritar: «Ao lobo! Ainda que nos vistam de andrajos, estaremos contentes». Conservai bem o amor à Santa Pobreza e ele vos guardará.

Senhor, imprimi estas máximas no nosso coração, de maneira que ao vermos uma Filha da Caridade, se veja este espírito de pobreza. Bendito seja Deus que deu este espírito a Senhora Le Gras. Considerai como se manteve firme nele. Sigamos o seu exemplo no que respeita a esta virtude.

A Irmã voltou de novo a falar e disse:

Meu Pai, a Senhora Le Gras dedicava tanta estima a uma como a outra, procurava só dar satisfação a todas.

Direi, no entanto, Irmãs, que nem todas pensavam do mesmo modo, mas sei que a todas dedicava igual affecto.

Tinha grande preocupação com a salvação das almas. Era

uma alma de vida interior, vivia muito na presença de Deus.

Minha Irmã, que quer dizer ser interior e em que consiste isso? Tinha o pensamento muito elevado para Deus, porque há muito que tinha vida interior profunda. Vida interior consiste em se desprender das afeições do mundo, da família, e de todas as coisas da terra. Pedi esta graça a Deus, minhas Irmãs, e dissei com frequência: «Arrancai de mim, Senhor, o que vos desagrada e fazei que eu não esteja tão cheia de mim mesma. Senhora Le Gras tinha o hábito de louvar a Deus em todas as coisas.

Se, por doença, caía algumas vezes em impaciências, não é para estranhar, porque os santos diziam que não há quem não tenha imperfeições. Vemos o que aconteceu a S. Paulo e a S. Pedro. Deus permite isso porque de tudo tira a Sua Glória. Muitas vezes o que aos nossos olhos parece defeito, não é, como se prova na vida de Nosso Senhor. Diz-se d'Ele que expulsou do Templo os vendilhões. Foi um acto de piedade e de zelo da glória de Deus, em lugar de defeito. Assim há coisas que parecem defeitos e são virtudes. Assim, na Senhora Le Gras, algumas vivacidades, nada eram, e eu não poderia dizer nunca que eram pecado. Sempre se manteve firme. Por isso, minhas Irmãs, quando vos impacientardes, humilhai-vos imediatamente, como ela fazia. Oh! Vede o que é uma pessoa temente a Deus. Pedi muito a Nosso Senhor que vos conceda a graça, por intercessão da Senhora Le Gras, de adquirir muitas virtudes. Pensava há pouco na presença de Deus: «Senhor, quereis que falemos na Vossa Serva porque é obra das Vossas Mãos. E, interroguei-me: Que tens tu visto há trinta e oito anos que a conheces? Que viste nela? Lembrei-me de alguns movimentos de imperfeição, mas pecados graves, nunca! Oh! Nunca! O menor átomo de movimento da carne era-lhe insuportável. Era uma alma pura em todo o sentido, pura na juventude, no casamento e na viuvez.

Rebuscava com cuidado a sua consciência para confessar os pecados com todos os pormenores. Confessava-se muito claramente. Nunca vi quem se confessasse com tanta limpidez. Chorava de tal maneira que custava consolá-la.

Há a considerar que a vossa Mãe tinha muito boa disposição para governar a sua memória, de maneira que não se servia dela senão para Deus e da sua vontade para O amar.

As Irmãs que tem vida interior, só pensam em Deus. Que é levar vida interior senão estar sempre pensando no Senhor? É uma coisa que se vê bem. Pelo contrário, repassai na vossa memória e vêde o que é a Irmã que não leva vida interior. Já o pudestes observar nas que saíram. Infelizmente! Como procediam? Não tinham paz interior e estavam sempre mal com todos. Cui-

demos, pois, minhas Filhas, de levar profunda vida interior. As que sabem ler, leiam, para as ajudar, um livro que fale da vida interior.

E como adquiri-la? Se alguma for tentada a dar-se a esses movimentos desordenados, que diga a si mesma: «Como! Eu sou Filha da Caridade e por consequência filha da Senhora Le Gras que era uma pessoa de vida interior ainda que, por natureza, um tanto inclinada ao contrário. A seu exemplo quero vencer-me».

Consiste nisto o segredo da perfeição. Digamos frequentemente: «Não quero seguir as minhas más tendências. A elas renuncio inteiramente por amor de Deus».

Que felicidade tão grande será para quem proceder assim! Na vida interior está o caminho da perfeição.

Graças a Deus que algumas das Irmãs vivem esta prática. Não direi quem são. Quando falo com pessoas de categoria dizem-me sempre bem das Servas dos Pobres. E, há bastantes. As Irmãs não temam, porque não têm razão para apreensões. Deus nunca lhes faltará. Aquelas, às quais Deus concedeu a graça de trabalhar nesta virtude, façam o propósito firme de adiantar sempre cada vez mais. E, aquelas que, por infelicidade, se deixam dominar pelas suas paixões e apetites... Essas irmãs!...

Coragem! Tendes no Céu uma Mãe de muito valimento que alcançará de Deus a graça de vos emendardes dessas faltas. Sede firmes e corajosas, porque se afrouxais uma, duas ou três vezes, acabará por ficar tudo perdido. Oh! Salvador meu! Minhas Irmãs, pedi a Deus esta virtude. Desejai-a muitas vezes.

Ah! Deus meu! Como?! Poder uma Filha da Caridade dizer: «Fui eu a causa.» Minhas Irmãs foi a linguagem de Judas: «Numquid ego sum? Não sou eu esse malvado? Como Judas podem essas Irmãs também dizer: Não serei eu o obstáculo que impede a Companhia de progredir?! Minha Irmãs, basta uma pessoa para impedir que toda uma Companhia avance na virtude. O que impede a marcha do navio? Apenas um pouco de vento, e logo pára.

Caríssimas Irmãs, é odioso que tantas almas santas, que a maior parte do tempo trabalharam com afinco na sua perfeição, e sem embargo, se detivessem por uma coisa de pouca importância vindo a ser, uma só, causa da perda de muitas mais.

Coragem, pois, minhas Filhas! Deus sustentará a Companhia, abençoada por Ele em muitos lugares. Os nossos companheiros da Polónia mandam-me dizer que a Rainha fez uma grande viagem, durante a qual as nossas pobres Irmãs têm tido tanto cuidado no governo das suas obras que atraíram grande número de jovens. E têm tido tanta prudência que a Rainha ao regres-

sar ficou na casa das Irmãs manifestando uma satisfação e estima admiráveis.

Caríssimas Irmãs, que boa fama tem a Companhia! Sem esta reputação, tudo acabará. Que mal não faz a irmã que prejudica a fama da Companhia. Dará que falar a toda a cidade. Que digo eu? A uma província e até mais. Os sacerdotes e os próprios príncipes terão disso conhecimento. Sim, minhas Irmãs, o mal praticado por uma pessoa pode perder uma companhia toda. Minhas Filhas, este facto deve dar grande zelo pela santificação de todas em geral e cada uma em particular e vereis a Companhia multiplicar-se.

E dirigindo-se a outra Irmã: E a minha filha que notou?

Meu Pai, só sei dizer que a vida da Senhora Le Gras é um espelho em que devemos todas ver-nos. Sempre verifiquei que tinha uma grande caridade e suporte connosco e tanto que se gastou.

Outra Irmã:

Meu Pai, teve tanta caridade comigo que em qualquer tribulação de espírito, sempre me confortou com grande doçura.

Uma Irmã que logo no princípio foi interrogada e não pode responder porque as lágrimas a impediram de falar levantou-se e disse:

Meu Pai, se lhe parece oportuno que fale direi:

O nosso Honoratíssimo Pai respondeu:

Com muito gosto, minha Filha.

E estava tão comovido que não pôde conter as lágrimas ao ouvir a Irmã lalar.

Esta disse:

Meu Pai, a primeira razão que temos para falar da nossa Mãe é a Glória de Deus. A segunda, para nos lembrarmos durante a vida de seguirmos os seus exemplos a que estamos obrigadas, visto ter-se Deus servido da nossa Mãe para ensinar à Companhia a maneira de O servir para Lhe ser agradável. Para relatarmos as virtudes que praticou seria necessário um livro inteiro e espíritos mais esclarecidos que os nossos para as desenvolver. No entanto, porque a obediência me manda, fá-lo-ei. Mas ainda que diga tudo que a memória reteve, ficará muito por dizer.

Primeiramente, era duma admirável humildade manifestada em tantas ocasiões que não poderiam contar-se, e tratava com muitíssimo respeito a todas as Irmãs, falando-lhes sempre com rogos e súplicas e agradecendo tão affectuosamente o serviço que lhe prestavam ou outros trabalhos extraordinários que se faziam nos officios das outras Irmãs que me edificava profundamente.

Vi-a a humilhar-se ao ponto de pedir que a avisasse das suas

faltas, o que me foi difícil, por não poder notar nenhuma ainda que quisesse verdadeiramente obedecer-lhe.

Tem razão, Irmã. É o que já lhe tinha dito. Era difícil notar-se uma falta na Senhora Le Gras, não porque as não tivesse, mas eram tão leves que nem se notavam. Continuai, minha filha.

Às vezes, quando algumas das nossas Irmãs não recebiam de bom grado os avisos que lhes fazia e deixavam transparecer o seu aborrecimento na minha presença, perguntava-me se não seria ela a causa, se não lhes teria falado com certa aspereza ou de outro modo pouco inconveniente. Respondia-lhe que não o podia ter feito de outra maneira. Desculpava sempre a que se tinha zangado e também quando lhe referiam as faltas de outras, desculpava-as sempre dizendo: «É preciso sofrermos, Deus escolheu-nos para isso. Temos de dar o exemplo aos outros. É necessário muito ânimo para suportarmos as Irmãs.»

Mandou-me chamar algumas vezes para pedir-me perdão, quando julgava ter-me desgostado, embora tivesse sido eu que havia cometido a falta e antecipou-se-me muitas vezes, quando devia ter sido eu a fazê-lo.

Acusava-se sempre com grande humildade nas conferências das sextas-feiras, e considerava-se a causadora de todas as faltas da Companhia.

Também em pleno refeitório fazia frequentemente actos de humildade, e pedia perdão de braços em cruz ou prostrada por terra e servindo à mesa. Ajudava a lavar a loiça e, se pudesse, bem desejava fazer todos os officios da casa.

Tinha muita caridade para com os pobres e gostava de servi-los tanto quanto podia. Tinha um grande amor e caridade para com as Irmãs, suportava-as e desculpava-as sempre, ainda que as avisasse com severidade, quando necessário. Mas, por princípio de caridade, compadecia-se das que sofriam tribulação de corpo ou do espírito e suportou durante anos Irmãs que pelas suas imperfeições deviam ter sido mandadas embora. Esperava sempre que se emendassem.

Gonsagrava tão grande amor à santa pobreza que não se conseguia faze-la aceitar qualquer peça nova para seu uso, embora desse aos outros com a melhor boa vontade o que lhe era necessário. Guardou cinco ou seis anos a sarja que lhe deram para fazer uma capa, e não consentiu que lha fizessem. Esta sarja não foi utilizada, ainda que a capa do seu uso tivesse diferentes remendos, estivesse muito gasta e já com várias cores, tanto que tentaram muitas vezes convencê-la a deixar de a usar.

Tínhamos que a fazer acreditar que o toucado era comprado em segunda mão. Conseguiam, por vezes, fazê-la usar qualquer

coisa nova sem que o percebesse. Quando dava por isso, tirava-a imediatamente, e mostrava-se sentida por lha terem dado, e era preciso instar muito com ela para que, muito tempo depois, a pusesse.

Queria com firmeza que toda a Companhia se conservasse neste espírito de pobreza e de sobriedade em todas as coisas; sempre recomendou que depois da sua morte continuassem a manter este espírito.

Afligia-a imenso ter de alimentar-se de maneira diferente da Comunidade em virtude dos seus padecimentos. Dava-lhe isto grande perturbação, assim como não poder observar todas as Regras, do que muitas vezes pedia perdão.

Confiava admiravelmente na Providência em todas as coisas e principalmente no que dizia respeito à Companhia, aconselhando também em todas as conferências, essa confiança.

Muita era a sua conformidade com a vontade de Deus, como se viu na última enfermidade. Em todas sofreu com a maior resignação possível as dores e males que eram bem violentos. Além disso, suportou a privação das pessoas que lhe eram mais queridas no mundo sem manifestar mágoa, ainda que isso lhe fosse bem doloroso.

Apresentava grande mansidão e doçura e ninguém temia aproximar-se dela.

Teve admirável prudência no govêrno da Companhia, como se verifica, tendo-a deixado em muito bom estado pela sua prudência, tanto a parte espiritual como temporal. Referia tudo a Deus, porque, dizia, sem a Sua Graça, nada se faria. Formei o propósito, no momento da sua morte, de, com a graça de Deus, procurar imitá-la em tudo que pudesse, mas especialmente na sua humildade, caridade e amor à pobreza.

Meu Pai, escrevi alguma coisa sobre a última doença da nossa Mãe, mas temo ter-me alongado demasiado.

O Nosso Honoratíssimo Pai disse:

Minhas filhas, o que acaba de ser dito mostra bem o que era a Senhora Le Gras. Agora cumpre-nos procurar outra Mãe. Onde a encontraremos? Seria para desejar que se assemelhasse à que acabamos de perder.

A questão foi proposta: Saber se havia de procurar-se fora, ou escolher uma das que formavam a Companhia. Permitiu Deus que depois de muitas orações se decidisse a escolha dentro da Companhia. Examinai qual é aquela que mais se parece com a Senhora Le Gras. Minhas Irmãs, fareis duas coisas para que Deus dê uma boa Mãe à Companhia, formada por Ele no Céu, como

tinha formado a outra, e que lhe conceda o que para isso é necessário.

Em primeiro lugar, pedir muito a Deus. Que todas as orações que façais tenham a intenção de alcançar de Deus essa graça. Os Apóstolos, quando quiseram substituir Judas, rezaram e disseram: «Mostrai-nos, Senhor, quem quereis que seja eleito. Rogai, pois, muito a Deus que vos dê uma boa Superiora.

Em segundo lugar, a Companhia deve trabalhar em geral e em particular para que Deus se digne formá-la no Céu; sim, que forme com a sua própria mão a Companhia. Segundo isto, deve cada Irmã cortar em si mesma, dar como que um golpe, examinar-se a fundo para compreender as graças que recebeu de Deus e conhecer as suas próprias faltas. É preciso minhas filhas destruir o que não é do agrado de Deus. Assim, Deus concederá as graças necessárias àquela que vos quer dar.

Uma outra coisa, minhas Irmãs, que eu recomendo é que não faleis destes assuntos fora. Deve guardar-se segredo. Nosso Senhor recomendava sempre aos Seus Apóstolos que nada dissessem do que Ele fazia. «Guardai-vos, dizia-lhes, do fermento dos fariseus. É do conhecimento de todas que sempre lhes recomendara segredo em todas as coisas.

Direis: Que perigo pode haver em falarmos disso? Não dizemos mal algum, só bem. Sim, minhas Irmãs, em si não é mal algum. Mas porque é um mistério e negócio de Deus, deve-se guardar segredo. Desde que as coisas permanecem em segredo na Companhia, o demónio não intervém nelas, mas logo que chegam aos ouvidos do mundo o príncipe do mundo transtorna-as. Portanto, minhas filhas, é conveniente guardar-se segredo das coisas da Companhia eizei como a esposa dos Cantares: «O meu segredo é só meu!» É muito importante guardar-se segredo.

Se alguém disser: A Irmã esteve em S. Lázaro? Que fez lá? Respondam sinceramente. Falámos das virtudes da falecida Senhora Le Gras, conforme se costuma fazer entre as nossas Irmãs. Mas se ainda ousarem perguntar: Não dizem nada sobre a nomeação duma Superiora? Deveis responder: «Não nos preocupamos com isso!» Se for guardado segredo, tudo caminhará bem. Amanhã o assunto fará parte das vossas orações. E como aconteceu com outras Irmãs, noutras conferências, porque uma não foi suficiente, assim minhas Irmãs, voltaremos a falar sobre o mesmo assunto, e será feito o necessário aviso.

Entretanto, peço que rezeis e façais rezar, sem dizer o motivo, indicando que é para um assunto importante.

É isto o que tinha a dizer da vossa estimada mãe e pedi a Deus que vos dê outra parecida com ela.

Disse uma Irmã :

Meu Pai, não tínhamos pensado que se devia falar do falecido Padre Portail mas como nos disse que se poderia dizer alguma coisa referir-me-ei à sua grande caridade para com todas as Irmãs. Não se importava de ir até a «La Chapelle» para confessar uma Irmã, em pleno inverno e com lama, porque, dizia, Nosso Senhor também tinha tido bastante trabalho para ir ao encontro da Samaritana.

Tinha também muita humildade e zelo pela salvação das almas, a ponto de chorar ao ver alguma perder a vocação.

Que Deus vos abençoe, miuha Filha, e seja para sempre bendito. Eia, pois, vamo-nos.

Peço a Nosso Senhor ainda que indigno e miserável pecador que vos dê a Sua santa bênção pelos méritos da bênção que Ele deu aos Apóstolos ao separar-se deles e vos desprenda de todas as coisas da terra e vos una às do Céu.

Benedictio Domini Nostri...

Sub tuum praesidium...

119 — CONFERÊNCIA DE 24 DE JULHO DE 1660

SOBRE AS VIRTUDES DE LUISA DE MARILLAC

O nosso honoratíssimo Pai depois de ter recitado o *Veni Sancte Spiritus*, disse :

Minhas Irmãs, o assunto desta Conferência é sobre a Senhora Le Gras, mãe da Companhia. Todas vós a conhecestes e convivestes com ela. Por isso deveis seguir os seus exemplos se desejais ser boas Filhas da Caridade.

Consideremos, agora as suas virtudes. Meu Deus! Quantas obrigações nos impõe a contemplação deste belo quadro. Está já no céu, mas precisamos duma cópia desse belo modelo. Por isso Deus inspirou à Companhia falar das virtudes das Irmãs falecidas. Até agora, temo-lo feito com tanto proveito que, depois destas reuniões, ficamos maravilhados ao ver as graças que Deus concedeu a estas Irmãs, dando-lhes tanta humildade, caridade, dom de oração e outras virtudes. Temos, pois, muitos motivos para louvar estes exemplos que devemos imitar. Sendo assim, temos maior razão para considerar aquela que é a mãe da Companhia, porque a concebeu. Não foram as Irmãs que formaram a Companhia ; foi gerada por Deus e formada por ela.

O primeiro ponto desta Conferência será sobre os motivos que temos para falar sobre as virtudes das nossas Irmãs falecidas e particularmente da Senhora Le Gras; o segundo ponto, sobre as virtudes que notastes nela; e o terceiro sobre as virtudes que mais particularmente vos propondes imitar.

Não falaremos hoje do primeiro ponto; seria muito longo. Deus nos conceda a graça de fazermos bem esta Conferência!

Depois o Nosso Honoratíssimo Pai interrogou uma Irmã e disse:

Dizei, minha Irmã, que virtudes notastes na Senhora Le Gras?

— Meu Pai, notei que tinha Deus sempre presente nas suas acções e a Ele elevava o seu espírito antes de fazer uma advertência a alguma Irmã. Queria saber bem a verdade antes de dar uma repreensão. E em vez de exagerar as coisas, desculpava sempre a acusada.

— É verdade, minha Irmã, fazia-o muito bem. Desculpava sempre. Eis uma lição muito importante para que nem vós nem eu, exageremos as coisas mas desculpemos sempre o nosso próximo.

— Meu Pai, mostrava também que corrigia as nossas faltas por caridade e julgava-se pessoalmente culpada do mal que a Companhia cometia. Dizia muitas vezes que os seus pecados eram a causa desse mal.

— Deus vos abençõe minha filha! É a outra Irmã?

— Notei que a Senhora Le Gras tinha uma grande humildade. Numa sexta-feira santa, beijou os pés de todas as Irmãs com grandes sentimentos de humildade. Lavava também a louça.

Se acontecia repreender-nos com vivacidade, fazia-nos depois compreender que era para nosso bem.

Ensinava-nos o suporte mútuo e dava-nos pessoalmente o exemplo, suportando-nos com grande humildade.

— E vós, minha Irmã que dizeis?

— Meu pai, notei que as suas cartas eram escritas num estilo que revelavam muita humildade. Embora muitas vezes tivesse merecido ser repreendida, falou-me sempre com doçura e fazia recair a falta sobre si própria. Tinha também muita compaixão pelos doentes.

Tinha sempre o espírito ocupado em Deus como já o disseram, e uma caridade para com as Irmãs receando causar-lhes pena. Fazia todo o possível para não desgostar ninguém e desculpava sempre as ausentes. Contudo, repreendia quando era preciso, as nossas faltas, mas sempre com grande tacto e doçura.

Recomendava que tivéssemos muito cuidado com os pobres e tinha como feito a si mesmo os serviços que lhes prestávamos.

Por vezes aconselhava nas suas cartas que observássemos bem as Regras e vivessemos muito unidas.

E a outra Irmã ?

— Meu pai, notei que é muito verdade tudo o que disseram as nossas Irmãs. Tinha, além de tudo isto, uma paciência de santa, uma grande caridade, uma admirável humildade. Um dia saí com ela e sem dar por isso, ia à sua frente. Quando reparei, pedi-lhe desculpa, mas respondeu-me : «Minha Irmã, infelizmente, de nós as duas, sou eu a mais pecadora.»

E vós, minha Irmã?

Notei uma grande humildade em todas as suas palavras. Dizia muitas vezes que era causa de todas as faltas da Companhia. Um dia viu-se obrigada a falar um pouco severamente a um eclesiástico. Depois teve tanta pena, que antes de sair lhe pediu perdão de joelhos e com as lágrimas nos olhos.

Dizia que os seus pecados eram causa das suas enfermidades.

Quando se encontrava sòzinha punha-se em oração.

Recebia-nos com rosto alegre e nunca dava a entender que a incomodavam, embora estivesse a rezar. Por vezes, muitas Irmãs, falavam-lhe ao mesmo tempo e sobre vários assuntos, e a todas respondia com muita calma sem lhes pedir que a deixassem em paz.

Embora estivesse frequentemente muito mal, não se preocupava com isso. Cansava-se, quando falava muito, mas não queria que as Irmãs se retirassem sem lhes ter falado, mesmo que estivesse doente. Quando não podia mais, recebia-as com rosto amável e cheio de afeição. Nas enfermidades, mostrava-se sempre contente e alegre.

Tinha muita devoção à Sagrada Comunhão e derramava lágrimas tão abundantes que a toalha ficava toda molhada.

Dizia sempre que estimava todas as Irmãs e queria que todas fossem perfeitas como Jesus, nosso Modelo.

Fazia penitência pelas faltas das nossas Irmãs.

Tinha grande caridade para com os pobres. Um dia foi visitar duas ou três Irmãs que estavam doentes em Bicêtre. Quando a vimos sentimo-nos curadas e agradecemos-lhe, mas logo nos respondeu que era Deus quem nos tinha curado e não ela.

Um dia na última doença, perguntei-lhe que pediria a Deus para mim e para todas as Irmãs. Disse-me que rezaria para que obtivéssemos a graça de viver como verdadeiras Filhas da Caridade, em grande união e caridade, como era seu desejo, e as que assim fizessem, teriam grande recompensa e as que não fizessem. . . Não acabou a frase. Disse-me ainda muitas coisas; mas como as

tenho observado não as posso dizer. Peço, meu pai, humildemente perdão a Deus.

— Deus vos abençoe, minha Filha, pelo acto de humildade que acabais de praticar! Minhas Irmãs, que belo quadro pôs Deus diante dos nossos olhos para imitarmos! Devemos considerá-lo como o protótipo que nos impele a fazer o mesmo para adquirirmos esta humildade, caridade, suporte mútuo e firmeza em todas as coisas, e, como ela em todas as suas acções, só procurarmos a Deus. Fazia o que disse S. Paulo: «Não sou eu que vivo, é Jesus que vive em mim». Tinha grande preocupação em se parecer com o seu Mestre pela imitação das suas virtudes. Foi o que notaram nesta bela alma que se modelou segundo as virtudes de Nosso Senhor. É este o quadro que deveis considerar, quadro de humildade, de caridade, de doçura, de paciência nas doenças. Que belo quadro! Que fareis com ele, minhas Irmãs? Imitai-o na vossa vida!

Meu Deus, que belo quadro! Que humildade, que fé, que prudência, que bom critério e desejo de conformar as suas acções com as de Nosso Senhor! Compete-vos agora, conformar as vossas acções com este belo quadro, particularmente no que se refere à modéstia. Pela graça de Deus, esta bela virtude é observada pela maior parte de vós, assim como a moderação. Mas tende cuidado, minhas Filhas, para que esta bela virtude seja bem visível em todas as Irmãs. Ouso dizer que algumas já começaram a descuidar-se nela. Já não existe a mesma modéstia, o mesmo silêncio, a mesma recolecção. Mas, felizmente, são poucas as que a não observam bem. As verdadeiras Filhas da Caridade, praticam-na até à edificação. Houve pessoas que me disseram que se edificam muito com as Filhas da Caridade!

Sede, pois, modestas, minhas Filhas. Entrai na vida interior pela aquisição desta virtude. Lembrai-vos que esta virtude brilhou nas nossas Irmãs falecidas cujas vidas recordamos nas Conferências. Serviram de edificação para todos, viviam sempre na presença de Deus, praticavam a humildade, a caridade, a doçura, o zelo no serviço dos pobres e de tantas outras virtudes. E, de tal maneira praticam estas virtudes que é difícil encontramos mais virtude na vida de vários santos.

Deveis habituar-vos a esta vida, minhas Filhas. A que não faz assim, que traz o nome do amor de Deus e contenta-se com isso, sem se preocupar com a vida interior, deixa-se levar pela corrente das suas paixões. Que dor, minhas Irmãs, ver que uma Filha da Caridade não procede em consequência do seu nome!

Minhas Irmãs, praticai, sobretudo a santa modéstia. Há duas espécies desta virtude. A primeira diz respeito ao recato do corpo.

A modéstia exterior consiste em fazer todas as acções com calma e boas maneiras, em não deixar vaguar o olhar, em não dar ouvidos às conversas sobre os defeitos do próximo. Minhas Irmãs, não sabemos onde pode chegar a maledicência. É muito perigosa!

A segunda diz respeito à modéstia interior que consiste em ter o seu interior, vontade, memória e entendimento ocupado em Deus.

Mas que fareis para adquirir esta virtude? Deveis esforçar-vos por corrigir tudo o que desagrada a Deus, e para conseguirdes, arranjar um bom livro que vos ajude a permanecer sempre na presença de Deus.

Desta maneira, a pequena Companheira instituída por Deus, tirada da massa corrompida do mundo para O servir, ser-lhe-à agradável. Dirão de todas as Filhas da Caridade que ninguém se aproxima delas sem sentir devoção. A Irmã que é modesta atrai os outros, porque nada ganha tanto os corações como a modéstia. A Companhia fará grandes progressos, e viverá a vida de Deus.

Sêde modestas, minhas Filhas, e tende bastante zêlo pela vossa santificação. Não faleis mal umas das outras. Se caírdes nesta falta em casa da Senhora Le Gras, dizei imediatamente: «Onde estou eu, para poder falar assim?» Minhas Filhas, a seu exemplo tomai a resolução de trabalhades na perfeição e de desprender-vos de tudo o que desagrada a Deus.

Chegámos a um assunto que muito vos interessa: são os êxitos obtidos pelas Irmãs que procedem bem, e também o mal que outras fazem estragando tudo. De Norbonne escreveram-me e contam-me maravilhas das Irmãs. A Irmã Françoise esteve numa cidade, muito longe, para aonde o Senhor de Norbonne a enviou aprender um excelente método para a instrução da juventude.⁽¹⁾ Aprendeu-o, e agora está a aplicá-lo com grande edificação para todos.

Mas há outras que nem sempre são edificantes. Despedaçam a Companhia como quem despedaça uma galinha aos pedaços. Filhas que despedaçam a mãe! Minhas Irmãs, ainda há bem pouco tempo tivemos uma pessoa que assim procedeu.

Temos que pedir muito a Deus que nos dê a boa resolução de lutarmos connosco próprias. Sêde exactas na observância das regras e sobretudo da que diz que os vossos quartos devem ser um claustro e que neles nunca devem entrar os homens, sobretudo os confessores (que tendes a dizer aos confessores fora da

(1) Françoise Carcireux foi para um Instituto da diocese de Alet para se formar na maneira de instruir a juventude.

confissão?) mas também as mulheres não devem entrar sem necessidade. Recomendo-vos sobretudo esta Regra. Lembro-me do que succedeu num certo lugar. Não nomearei ninguém. Foi preciso chamar muita gente para fazer sair de casa um rapaz. Digo isto, para lhes mostrar o cuidado que deveis ter.

Mandaram-me dizer que as nossas Irmãs da Polónia têm uma Obra de muitas crianças e que as tratam com tanta edificação que o Rei e a Rainha, ao regressarem duma grande viagem, quiseram passar um dia nessa casa, tão encantados estavam com elas. Demos graças a Deus, minhas Irmãs.

Minhas Filhas, deveis vir todos os meses a esta vossa casa para dardes conta do vosso procedimento. Se nalguma paróquia houvesse duas Irmãs cada qual com o seu confessor, seria uma grande desordem e um escândalo. Que tendes a dizer aos Padres senão quando vos confessais ou lhes falais dos doentes? Minhas Filhas, tomai a resolução de nunca consentirdes que os homens entrem nos vossos quartos, nem mesmo as mulheres, sem necessidade. Os vossos quartos são um lugar de delícias. Deus tem gosto em olhar para uma Filha da Caridade que guarda bem o seu quarto. Deus gosta de estar na solidão com a sua esposa. Diz-se na Sagrada Escritura: «*Deliciae meae*», etc. Meu Deus, como isto é belo!

Uma Irmã que sair daqui e volte para a sua casa com o coração cheio de unção divina e diga: «*Não quero viver em mim, mas quero em tudo, procurar a Deus e ir directamente para Ele*», esta Irmã agrada a Deus que vê o que faz e como faz por Ele, e gosta de a ver com a marmitta ou o cesto no braço. A Senhora Le Gras e as suas Filhas que estão já no céu, vêem a verdade das minhas palavras.

Ora, minhas Irmãs, vamos concluir. Custe o que custar temos que adquirir a virtude. Meu Deus, fazei que estas Irmãs comecem a amar-Vos perfeitamente, a fazerem tudo por Vós, e a sua única preocupação seja a de Vos agradecer em tudo. Como é maravilhoso ver uma Irmã assim. Pelo contrário, não será muito desagradável uma Irmã que procede doutra maneira? E eu, miserável, que peço continuamente, não comecei ainda a fazer tudo por Deus, estou cheio de defeitos, que serei diante de Deus?

Mas, minhas Irmãs, embora veja que algumas são pouco modestas, felizmente não são muitas, pela graça de Deus, vejo noutras a imagem de Deus. Que o exemplo da Senhora Le Gras e das Irmãs que estão no céu, vos encha de coragem para vos preparardes para uma confissão geral. Quanto às que não estão neste estado, pedi a Deus que vos conceda a graça de proceder-

des cada vez melhor. Coragem, a boa Senhora Le Gras vos ajudará. Esteve bem presente a tudo o que aqui dissemos.

Minhas Irmãs, assim é que devemos fazer e eu miserável devo ser o primeiro em tudo. Agora temos que proceder à eleição de uma Superiora para substituir a Senhora Le Gras. A quem escolheremos? Temos que pedir muito a Deus e fazer mortificação. Meu Deus! onde iremos buscar uma Irmã para ocupar o lugar duma santa? Minhas Irmãs, se alguma tiver desejo de ser Superiora que diga: «Meu Deus, renuncio a este desejo». Também não deveis pensar e dizer: «Quero esta ou aquela Irmã de Conselho». Fazei como as filhas de Santa Maria que nunca devem falar de eleições. Porque, quando vos entreterdes com essas conversas, direis: «Parece-vos que tal Irmã tem as qualidades para ser Superiora?» E está tudo perdido, porque cada qual julga segundo a sua inclinação, e sugere a estima pela que sente afeição. Nunca deveis falar disto; porque, como vos disse, as coisas que vão para o exterior não são de Deus. — Mas se o meu confessor me interrogar, ou uma Senhora? — Deveis responder: «Sou filha da obediência, por isso, não posso falar dessas coisas; tenho que me submeter, ao que está proibido». Renovo, pois, a recomendação que vos fiz de guardardes segredo sobre estes assuntos. Que acontecerá minhas Irmãs, se guardardes segredo? A Senhora em vez de se zangar, cairá em si e dirá: «Aqui temos uma boa Irmã, observadora das suas Regras». Se, pelo contrário, falardes de tudo, não farão muito caso. É preciso, pois, minhas Irmãs, não dizer nada a ninguém, mas falar só a Deus.

Oh! meu Deus, quisestes escolher na nossa pequena Companhia, ainda que lama e cinzas, uma pessoa para ocupar o lugar duma santa; farei o que puder da minha parte para com o Vosso auxílio conhecer a Vossa Santa Vontade. Não queremos Superiora e Conselheiras pela mão dos homens, mas sim pela Vossa». Portanto, minhas Irmãs, ponde um cadeado na boca.

Faremos ainda uma conferência. Far-vos-ei advertir e indicarei as orações que é necessário fazer para isso. Será bom assistir o maior número possível.

Renovai a resolução que tomastes de trabalhar na vossa perfeição e sobretudo na santa modéstia. Agradeçamos a Deus as graças que nos concede para a praticar; e as que não a praticam, corrijam-se. Não quero deixar de as aconselhar para que a Companhia se aperfeiçoe. Algumas vezes acontecem acidentes na Companhia; Deus permite-os; não vos admireis, minhas Irmãs. Houve faltas na companhia dos apóstolos: Judas vendeu o seu bom Mestre e S. Pedro negou-O. Tudo isto Ele permite, para nos humilhar e para Sua glória. Ele tirou glória das faltas dos apósto-

los; pedi-Lhe que tire glória das faltas que se cometem nesta Companhia.

Meu Salvador, é a oração que faço por esta Companhia e por mim miserável pecador que tireis glória das nossas faltas e que no-las perdoeis. Peço isto a Deus de todo o meu coração.

Benedictio Domini Nostri... et Sancta Maria, succurre miseris...

120 — CONFERÊNCIA DE 27 DE AGOSTO DE 1660

ELEIÇÃO DAS CONSELHEIRAS

O Nosso Honoratíssimo Pai depois da invocação do Espírito Santo disse :

Minhas queridas Irmãs, o assunto desta assembleia é a eleição das Conselheiras. Como sabeis, o costume é a eleição ser por meio de votos, e cada uma deve pensar diante de Deus a escolha a fazer. Será para mim consolador ouvir dizer a razão que temos para fazer bem esta eleição; em segundo lugar, quais são as qualidades que uma conselheira deve possuir; em terceiro lugar, como devemos proceder nesta eleição.

Pensei em mandar-vos vir, mas uma pessoa de condição demorou-me, de forma que o tempo urge. Peço que me desculpeis. O assunto é vasto e é preciso determo-nos nele, por isso não vos interrogarei.

Em primeiro lugar, minhas Irmãs, apresentarei uma razão para reflectirdes. Todo o bem desta Companhia, e de todas as outras, depende das conselheiras e só delas! Vós o julgareis. Todo o bem dos institutos de homens ou de mulheres, depende dos Conselheiros. Ao contrário, tudo anda em desordem quando estes abandonam tudo e querem governar doutra forma e segundo o seu parecer. Minhas Irmãs, se há Companhia que tenha necessidade de boas Conselheiras é a Companhia da Caridade, por causa da diversidade dos espíritos e é preciso que informem os Superiores e dêem a sua opinião. Isto requer uma consciência bem formada. Até agora, pela graça de Deus, as Irmãs que têm feito parte do Conselho, no Governo da Companhia têm procedido segundo espírito de Deus. Pela Graça de Deus isto vai bem. Se assim não fosse, se as Irmãs não procedessem segundo o espírito de Deus, que teria acontecido? Tendo Deus chamado a sua grande serva, nada mudou como vêem. Foram escolhidas e todas parecem ter a graça de Deus e as que as precederam fizeram tudo bem. E quando se

pensava algumas vezes que tudo estava perdido tinham opiniões tão criteriosas que tudo se arranjava. Quando se tratava de dar opinião sobre certas dificuldades, davam-na, sem olhar às criaturas. Algumas vezes a Senhora Le Gras não estava de acordo, mas não deixavam de apresentar o que pensavam diante de Deus. E por sua graça, esta maneira de proceder teve bom êxito. Não é que queira dizer que não tenham imperfeições. Não! Não há ninguém que as não tenha e não terão desculpa diante de Deus.

Quanto aos meios de conhecer as Irmãs, aptas ao cargo de Conselheiras, o primeiro sinal é que seja uma Irmã nascida de bons pais, de pessoas de bem, sossegada na juventude e um exemplo na sua paróquia onde era tida por modelo e que depois tenha sido a edificação da Companhia vivendo como verdadeira Filha da Caridade, na observância das Regras, uma Irmã exemplar em toda a parte.

Aquelas que não são verdadeiras Filhas da Caridade que têm máximas contrárias ao espírito da Companhia, que têm apego às suas ideias e opinião; ó minhas Irmãs essas não servem.

Mas, disse-me: se houvesse algumas que tivessem vivido sem praticar as Regras podiam ser eleitas Conselheiras? Não. Não havendo outras, poderiam passar, mas era preciso que não recaissem muitas vezes. Dizer que não se cai em falta é dizer o impossível, pois não há ninguém a quem isso não aconteça.

Então, quais os meios para chegar a esta eleição? Minhas Irmãs, fizeram-se diversas assembleias para escolher as que tinham as qualidades requeridas. Parece-me que há algumas que deixam qualquer coisa a desejar mas pouco. Observou-se todas as coisas necessárias com relação ao exterior. Assim Deus abençoará essa escolha. Se não encontrarmos Irmãs perfeitas, Deus abençoará o conjunto.

Enfim, é preciso dizer as coisas que se referem às Irmãs, quanto às qualidades exigidas para serem propostas.

Primeiramente, é preciso Irmãs de critério, porque deveis compreender que não se trata somente de Irmãs para exercer o o seu emprego, mas de Irmãs capazes de dar uma opinião sobre o que é preciso fazer. Abreviarei, dizendo as qualidades requeridas para ser Conselheira e Superiora. Ei-las:

Primeiramente, quanto à idade: para ser Superiora, deve ter trinta anos de idade e dez de vocação, porque é necessário cabeças tão fortes porque sendo mais novas não poderiam resistir... Para Conselheiras, é preciso ao menos vinte e oito anos de idade e oito de vocação; as razões que nos levam a tal escolha é porque devem ser chamadas ao Conselho onde tudo se resolve. Vêde minhas Irmãs, tudo o que se faz é lá combinado; juntam-se e

pedem-se o parecer das Irmãs. Quando a Senhora Le Gras vivia, fazia-se assim : havia o Senhor Padre Portail, Senhora Le Gras, as Irmãs e eu. Juntávamo-nos e propunha-se o que havia a fazer. Pedia-se o parecer das nossas Irmãs, cada uma dava-o, e nós dávamos também o nosso; as Irmãs não se detinham na opinião das outras e até algumas vezes eram contra a opinião da Senhora Le Gras; numa palavra, só a Deus se tinha em vista. Minhas Irmãs, digo isto, afirmo de que vejais a grandeza da vossa condição e louveis a Deus. Minhas Filhas, vêde como é preciso que as Irmãs destinadas ao governo da Companhia, com o Superior Geral da Missão, sejam virtuosas, tenham bom senso e principalmente humildade; porque o que não é feito com humildade não é nada; uma Irmã que não faz as coisas em espírito de humildade, é Filha da Caridade só de nome.

Mas, Senhor, quando a Senhora Le Gras vivia, davam assim o seu parecer? — Sim, minhas Irmãs, faziam-no; mas fiquei sabendo que nunca se fala pormenorizadamente das faltas.

Diz-se simplesmente: «Tem tal defeito que convém remediar»; mas nunca pormenorizar.

Quanto às conselheiras devem ter vinte e oito anos de idade e oito de vocação, pois, minhas Filhas, este cargo não poderá ser bem desempenhado, quando dado a Irmãs novas que não conhecem bem as Regras.

Para ter direito a voto têm de ter seis anos de vocação. Outrora quatro chegavam mas a experiência fez ver que não basta.

As que têm mais de oito anos podem ser eleitas Conselheiras. É que esta idade é mais segura. Vinte e oito anos de idade e oito de Companhia. É de esperar que as orações da Senhora Le Gras nos ajudarão a obter de Deus a graça de escolher boas conselheiras. Tendes razão para esperar, com a ajuda de Deus e do Superior Geral que tudo irá bem, contanto que a Companhia se conserve na humildade e no desejo de se corrigir.

Se me perguntarem: «Senhor, o que pode manter a Companhia da Caridade?» responderei, minhas Irmãs, «é a humildade». E que mais ainda? A humildade unida ao desprendimento de todas as coisas da terra. Não olheis senão para Deus que vos chamou. Sim, Ele vos conservará ao seu serviço enquanto fordes humildes.

Mas, Senhor, dir-me-eis, voltemos ao assunto. Quem julga que possa ser Superiora e onde há uma boa Irmã para ser eleita? Minhas Irmãs, quanto à Superiora eis o que se passou numa doença da Senhora Le Gras, não na última, pois, como sabeis, não tive o gosto de a ver, mas na anterior disse-lhe: «Senhora, não tem em vista alguma das suas Irmãs para o seu lugar? Ela pensou, ora numa, ora noutra; por fim disse-me: «Senhor,

como me escolhestes pela divina Providência, parece-me que pela primeira vez é melhor que não seja pela pluralidade de votos, mas que a nomeeis vós. Por mim, acho que a Irmã Margarida Chetif seria muito capaz. É uma Irmã equilibrada em tudo e em toda a parte. Onde ela está, em Arrás, tem feito muito bem e é muito corajosa entre os soldados. Minhas Irmãs, é preciso uma boa cabeça em que descansemos. Por isso, sigo o seu Conselho. Será, a Irmã Margarida Chetif, Superiora. Há outras que são boas para o cargo; mas só por esta vez faço assim.

Para as conselheiras, tendes aqui seis, duas para cada officio; escolhereis uma. Não o faço por mim, mas as Irmãs que foram assistentes, deram o seu parecer, e escolheram duas, afim de que imitemos os apóstolos na eleição que fizeram dum apóstolo para o lugar de Judas. Por isso, vereis diante de Deus qual a mais indicada. É preciso ter cautela de não dárdes o parecer por quem sintais mais inclinação. Ao contrário, fazei tudo com os olhos em Deus.

Eis quais são as três conselheiras: a primeira, é Assistente; a segunda, a Tesoureira; a terceira a Ecónoma.

Viu-se bem de todos os lados e pensou-se diante de Deus. Não foi uma nomeação feita pelo espírito dos homens. Procedemos como os apóstolos. Não fostes vós nem eu que as escolhemos, mas Deus com o parecer das antigas conselheiras, do Snr. Dehorgny e eu.

Eis como se faz em Santa Maria. Faz-se uma lista das Irmãs que se julgam aptas para o cargo. O superior, a superiora, e as Irmãs eleitoras dão o seu parecer às que estão propostas; se estão de acordo está tudo feito. Fizemos o mesmo. Está aqui uma lista de todas as que julgamos aptas.

Primeiramente, parece-nos boa para Assistente a Irmã Juliana, a Irmã Joana-Cristina ⁽¹⁾ para Tesoureira, a Irmã Luísa-Cristina ⁽²⁾ e a Irmã...; para Ecónoma a Irmã Filipe ⁽³⁾ e a Irmã Maria Donjon. Diante de Deus cada uma dirá a que lhe parece melhor.

Depois as Irmãs que deixavam os cargos pediam perdão das faltas e maus exemplos que pensavam ter dado à Companhia durante o tempo do seu officio, e o nosso Honoratíssimo Pai disse-lhes:

Deus Vos abençoe, minhas filhas e Vos pague a caridade com que servistes a Companhia! Prestastes bons serviços e todas as Irmãs que vos precederam. Fizestes bem em pedir perdão porque

(1) Joana Cristina Prévost.

(2) Luísa Cristina Rideau.

(3) Filipe Bailly.

há sempre faltas cometidas. Minhas Irmãs, consolai-vos e pedi a Deus que mande boas conselheiras.

Logo que as Irmãs deram o seu parecer, o nosso Honoratíssimo Pai disse :

Minhas Irmãs, a maioria de votos recaiu sobre a Irmã Joana-Cristina. Sabei que temos muita pena e dificuldade de a retirar do lugar em que está, pois os senhores de Sedan não a deixarão partir, porque há pouco tempo ainda arranjaram um emprego extraordinário que é o cuidado dos novos convertidos. Como arrancá-la de lá? Não o permitirão. Que fazer então? Far-se-á o seguinte : «Quando a que for eleita não pode aceitar o cargo pelas suas enfermidades ou outras razões recairá sobre a que foi proposta com ela. Portanto, a Irmã Juliana fica como assistente, a Irmã Luisa-Cristina como tesoureira e a Irmã Filipe como ecónoma. Estas Irmãs ficarão nestas ocupações. Para Superiora, a Irmã Margarida Chetif, que nada sabe. Escrever-lhe-emos.

Portanto, a Irmã Margarida Chetif, superiora, assistente a Irmã Juliana Loret, ecónoma a Irmã Filipe Bailly. Tudo está em ordem. Agora, minhas Irmãs, demos graças a Deus.

Esquecia-me de vos dizer que se muda todos os anos uma das conselheiras, e a superiora de três em três.

Mais uma vez, minhas Irmãs, demos graças a Deus, e agradeçamos de todo o coração tantos favores que Ele tem feito à Companhia. Minhas filhas, peço-vos que renoveis desde já, a resolução que fizestes de novamente vos dardes a Deus.

Ah! Minhas Irmãs, se fordes fiéis a Deus e observardes as Regras, que alegria dareis à Senhora Le Gras, ao senhor Padre Portail e a todas as nossas Irmãs que estão no céu e pedem por nós!

Sim, minhas Irmãs, a Senhora Le Gras no céu pede por vós. Ali ainda vos é mais útil, contanto que sejais fiéis a Deus. Minhas Irmãs, peço-vos novamente, para guardardes segredo e não dizerdes nada a ninguém de fora o que acabámos de fazer ; pois, como vos disse, as coisas que se manifestam aos externos não são coisas de Deus.

Suplico-lhe que vos conceda a graça de Lhe serdes fiéis e de fazerdes a Sua vontade. Peço-lho de todo o meu coração.

Benedictio Domini Nostri. . .

Sancta Maria, succurre miseria. . .

ÍNDICE ANALÍTICO

| | | |
|--|----------------|-----|
| Abiron | 617; 738; | 740 |
| Acarie (Bárbara) (1566, 18 Abril 1618), a sua oração ... | | 3 |
| Adão | 747; 613; | 468 |
| Adoração ao entrar e sair de casa | 855; | 856 |
| Afecto desregrado a si mesmo | 105; | 117 |
| África: As Irmãs em | | 547 |
| Agar | | 84 |
| Agen: Seminário da Missão | | 828 |
| Aiguillon (Duquesa d' —) 1604-1675. Sua caridade | | 611 |
| Irmã Angiboust ao seu serviço | | 863 |
| Alet: Irmã Francisca Carcireux, em | | 929 |
| Ama do Rei | 591; | 596 |
| Ambroise (st. 334-Abril 397) e o imperador Teodósio (346-395) | | 254 |
| Amiens: tomada da cidade | | 735 |
| Amizades particulares | 768; | 779 |
| Amor de Deus | 305; | 317 |
| Ananias e Safira | 597; 598; | 599 |
| Ananias e S Paulo | | 642 |
| Andrée (Irmã): Serviço dos Pobres... .. | | 448 |
| Angelus: Explicação | | 821 |
| Angers | 369; 654; | 672 |
| Angers (Irmãs de)... .. | 13; 27; 44; | 147 |
| Angiboust (Irmã Bárbara) (6 de Julho de 1605, 27 de Dezembro 1658) | | 6 |
| o seu elogio | 862; 872; 883; | 889 |

A ausência sistemática de notas neste volume de textos espirituais explica e justifica as várias indicações cronológicas necessárias, embora inesperadas, neste índice alfabético.

F. Combaluzier

| | |
|--|-----|
| Ana (Irmã) Visita St. Jacques, St. Gervais em Paris ... | 174 |
| Ana de Austria (Rainha) (1601-1666) estima as Filhas da Caridade 78; | 570 |
| Emprego das Irmãs 592; 593; 594; | 630 |
| A sua oração | 280 |
| A sua vida escrita | 814 |
| «A maior rainha do mundo» | 467 |
| Ganha o jubileu (1653) a maior parte a pé | 407 |
| Annecy; A visitação | 674 |
| Ano Passado (faltas do 35; | 38 |
| Nomeações: Irmã Servente 47; | 48 |
| António (Irmão) (1590-1629) Cf. Flandin-Maillet; homem de Deus | 277 |
| Antonieta (Irmã) 382; | 400 |
| Apolline (santa) (219) | 392 |
| «Apóstolas da Caridade»: As Filhas da Caridade... .. | 531 |
| Arles | 672 |
| Arras: Governador | 609 |
| Oficial... .. | 609 |
| Duas Irmãs enviadas em 1656 a Arras ... 608; 610; | 873 |
| Irmã Margarida Chétif corajosa entre os soldados; 687; | 928 |
| Aubervilliers; Nossa Senhora das Virtudes ... 494; 498; | 572 |
| Aucher Vicent (Irmã): em Richelieu | 871 |
| Agostinho (santo) 360; 628; | 678 |
| Agostinho (santo) Religioso de | 666 |
| Irmãs de | 596 |
| Aux Couteaux (Lambert) ver Lambert: na Polónia | 387 |
| Avisos de faltas: necessário... .. 11; | 12 |
| Com discreção 152; 727; | 730 |
| Bom uso 154; 155; 213; 241; 246; | 247 |
| Bailly (Irmã Filipe): 27 de Agosto de 1660, nomeada dis- penseira | 928 |
| Bárbara (Irmã) enviada a Metz... .. | 813 |
| Bayonne (Mons. de) Jean Dolce (1643-1681) desejo Filhas da Caridade | 714 |
| Beauvais: a caridade em cada paróquia | 609 |
| Becket Thomas (Santo) (1117-29 dez.º 1170), sua morte | 254 |
| Berchmans (Jean) (13 de Agosto de 1627) «o Bem-aven- turado» | 528 |
| Bernardo (São) 1091-1153): trabalhador 323; | 647 |
| Simplicidade 692; | 621 |
| A sua vocação 516; 517; 546; | 551 |
| Citação | 626 |
| Berulle (Père de) 1575-1629) e o Oratório... .. | 38 |

| | |
|--|-----------------------------------|
| Bicetre: Irmãs doentes; visita de Mademoiselle Legras... | 919 |
| Bilhetes: resumos dos pensamentos das Irmãs | 146 |
| Boaventura (Santo) (1221-1274): oração vocal e a meditação A Cruz... .. | 21 147 |
| Bordeus: Carro de Orléans a | 828 |
| Borromeu (Carlos) (1538-1584), Santo: oração | 831 |
| Bossu Margarida (Irmã) (1649) Suas virtudes... .. | 355; 356 |
| Boucheur Luisa (Irmã): Em Cahors | 826 |
| Bourdaisé Tousaint (1618-1656): desejo das Irmãs em Madagáscar | 545 |
| Bouvard (Charles) (1572-1658), médico de Luís XIII ... | 682 |
| Brienne (Condessa de) (2 Setembro 1665): desejo das Ir- mãs em Sedan | 469 |
| Brogard Elisabeth (Irmã): à La Fère... .. | 591; 650 |
| Cabry Françoise (Irmã). Em 1654, vai a Sedan | 467 |
| Chahors, Instrução às duas Irmãs | 832; 873 |
| Irmã Trumeau | 650; 880 |
| Cahors (Mons. de): ver Solminihac (1637-1659) | |
| Calais: Em 1658, instrução a 4 Irmãs enviadas | 808 |
| Irmãs pedidas | 733 |
| Campo: dificuldades das Irmãs no... .. | 327; 328 |
| Canisius: em Arrás, confessor das Brígidas | 609 |
| Canadá: Irmãs desejadas no... .. | 783 |
| Cafarnaum | 643 |
| Capuchinhos ... 391; 544; 546; 597; 622; 657; 663; 665; | 669 |
| Lêem as suas regras todos os oito dias 453; 529;... | 875 |
| A sua pobreza | 384 |
| A sua austeridade | 690 |
| O seu ofício | 148 |
| O seu hábito | 687 |
| As suas meditações | 821 |
| Carcireux, Françoise (Irmã): enviadas para Narbonne: ins- truções | 880 |
| Em Alet | 921 |
| Carme: irmão — a sua oração | 824 |
| Carmes | 505; 597; 669 |
| Carmelitas: oração, | 700; 848 |
| Vida, | 701 |
| Austeridade, | 381 |
| Alimentação | 504 |
| Citações | 430; 529; 553; 537; 545; 547; 556 |
| Carroça do Padre Vicente | 702 |
| Cartago: as suas ruínas | 800 |
| Catecismo | 855; 859 |

| | | |
|---|--------------------------------------|-----|
| Catarina de Alexandria (307?): devoção a... .. | 848; | 853 |
| Catarina de Sena (1347-1380): paciência | 158; | 161 |
| Comunhão | 467; | 869 |
| Châlon: viagem das Irmãs | 469; | 869 |
| Hospital Geral | ... | 592 |
| Champagne | 20; 21; 22; | 825 |
| Chantal (Santa) (1572-1641): oração | 674; | 749 |
| Relações com os externos | ... | 736 |
| Citação | ... | 149 |
| Terço: valor desta oração | ... | 855 |
| Sua recitação... .. | ... | 847 |
| Capítulo | ... | 621 |
| Charenton | 753; 765; 796; | 797 |
| Caridade mútua | ... | 715 |
| Carlos-quinto (1500-1558): bisavô de Ana d'Austria: a disciplina... .. | ... | 381 |
| Cartuxos: solidão | 690; | 691 |
| Espírito | 686 | 720 |
| Morada | 391; 544; | 546 |
| Correspondência | ... | 871 |
| Citações | 826; 670; | 166 |
| Chateaudun: Irmã Angiboust falecida a 27 de Dezembro de 1658 — Dedicção | 142; 164; | 148 |
| Chatillon les Dombes: princípios de caridade... .. | ... | 880 |
| Chaudebonne (monsieur de): adormeceu de mãos juntas... .. | ... | 608 |
| Chesse Maria (Irmã) (1636-1699): enviada a Narbone em 1659; instruções | 927; | 928 |
| Chetif Marguerite (Irmã) (1621-1694): enviada a Arrás | 6; 210; 307-308; 689; 696; 723; 732; | 886 |
| A 27 de Agosto de 1660 é nomeada Superiora, | ... | 423 |
| Clemente VIII (Papa) (30 de Janeiro 1592-5 de Março 1605) visto por S. Vicente: elogio da observância das Santas Regras... .. | ... | 407 |
| Clichy: Padre Vicente. Pároco ... (2 de Maio de 1606-1626): sua fidelidade | 149; | 512 |
| Coadjuutores (Irmãos): leitura às Irmãs: bula e regras para o jubileu de 1653 | 257 | 247 |
| Repetição de oração | 151; | 860 |
| Auvergnat, uma bela alma... .. | 155; 162; 219; | 228 |
| Advertências mútuas | 381; 388; 881; | 888 |
| Comunicação: santa prática... .. | 446; | 456 |
| Comunhão: importância, meios... .. | ... | 196 |
| Companhia: o seu espírito | ... | ... |
| A sua conservação | ... | ... |
| Compiègne: vitória de Jean de Montmiral | ... | ... |

| | |
|---|-----------------------------------|
| Condé (Princesa de —) (2 de Dezembro de 1650) : e Irmã | |
| Dalmagne | 122 |
| Visita aos pobres... .. | 716 |
| Condescendência | 765; 770 |
| Condren (Charles de —) (1588-7 Janeiro de 1641): assis- tência do condenado à morte | 374 |
| Conferências: Leite da Comunidade | 861 |
| Importância | 260; 267; 863; 864 |
| Confessor: Fidelidade, | 787; 788; 873 |
| Afeição perigosa | 192; 198; 438; 439; 703; 876; 877 |
| Relações | 200; 205 |
| Confissões | 46; 191; 357; 859; 363; 860 |
| Confiança na Providência | 779 |
| Conformidade com Nosso Senhor | 791; 795 |
| Conselheiro da corte: obediência aos seus lacaios | 340; 341 |
| Cordialidade | 770; 779 |
| Core: «murmurador» | 738; 740 |
| Correspondência das Irmãs | 720 |
| Cracóvia | 386; 552 |
| Guissot Gilbert (1607-1684): Superior em Cahors | 828 |
| Dalmagne Jeanne (Irmã) (15-Janeiro 1645): suas vir- tudes | 117; 138 |
| Senhoras da Caridade: respeitá-las,... .. | 78; 79 |
| Suas obras, | 530 |
| Relações com as senhoras | 200; 204 |
| Dathan | 740; 741 |
| Dauteil Marta (Irmã) (31 de Maio de 1626-10 de Novem- bro 1675): em Nantes | 349 |
| David (rei)... .. | 614 |
| A sua culpa | 213 |
| Defuntas: conferências sobre as suas virtudes | 51 |
| Dehorgni Jean (7-Julho de 1667): admonitor do Senhor Vicente, | 29 |
| Director das Irmãs depois do Padre Portail... .. | 926 |
| Delaitre Cecile (Irmã : as suas virtudes | 358 |
| Belville Guillaume (1608-1658): Lazarista em Arrás... .. | 609 |
| Demonchy Nicolas (1626-1692): Lazarista em Toul; acom- panhou as Irmãs a Metz | 817 |
| Denoual Anne (Irmã; em Narbonne, instruções | 880; 881 |
| Dificuldades: maneira de proceder nas | 327; 335 |
| Domingos e festas: ocupações dos | 854; 862 |
| Director das Irmãs | 874 |
| Discórdias | 73 |
| Doinel Geneviève (Irmãs): vai a Hennebont | 349 |

| | |
|---|--|
| Dolce Jean (1643-1681), Bispo de Bayone... e as Irmãs Dominicanas | 714 |
| Domingos (santo) (1170-1221): o capítulo, | 690 |
| Domingos (santo) (1170-1221): o capítulo, | 847 |
| O terço | 852; 853 |
| Donjon Maria (Irmã): proposta dispenseira | 927; 928 |
| Doçura | 175; 187 |
| Durgeon Madalena (Irmão): na Polónia | 387 |
| Dubourg-Labbé E. (1679?): testemunhos sobre a Irmã Dalmagne... .. | 133; 138 |
| Dufay Isabel (Elisabeth): Senhora da Caridade, «a sua bendita coxa»... .. | 396 |
| Dufour (Perrette): ama de Luís XIV | 591; 596 |
| Duval André (1564-1638), a sua veneração pela Irmã Dalmagne | 134; 135 |
| Eclesiásticos e as Irmãs | 203; 204 |
| Eleição das Conselheiras (27 Agosto de 1660)... .. | 924 |
| Emprego do dia | 845; 846; 847 |
| Enfant-Jésus (Irmã o de): a sua oração | 825 |
| Enfants-Frouves; obra dos | 85; 93 |
| Inveja | 457; 467 |
| Espanha | 544 |
| Esperança em Deus | 780; 789 |
| Espírito oculto... .. | 506; 513 |
| Espírito da Companhia | 381; 388 |
| Espírito do mundo | 281; 287; 294 |
| Étampes: referência, 390 Ir. Maria José, Mártir da Caridade | 785 |
| Eva | 747 |
| Exame particular em S. Lázaro | 843 |
| Externos: relações com os, | 200; 205; 434, 440; 733; 743; 749; 750 |
| Convites | 667; 675 |
| Faltas das Irmãs: esconder e desculpar | 189; 199 |
| Fidelidade a Deus... .. | 408; 421 |
| Filha da Caridade: nome dado pelo povo... .. | 762 |
| «Não devem ser crianças abandonadas... mas virgens» | 387 |
| O seu Hábito | 460 |
| Espírito da Companhia | 381; 388 |
| Conservação da Companhia | 446 |
| Filhas da Cruz: referência | 827 |
| Catecismo | 853 |
| Seu hábito | 700 |
| Filhas de S. Tomás | 528; 537; 691 |
| Afilhado: um padrinho pede uma missão por alma do seu | 156 |

| | |
|--|-----|
| Flandin-Maillet: Irmão António (1590-1629) homem de Deus | 277 |
| Notícia Biográfica | 315 |
| Flandre... .. | 277 |
| Folleville: sermão de 25 de Janeiro 1617, contado pelo Senhor Padre Portail | 39 |
| Fundações: «pérolas» para as 172; | 173 |
| França: Algumas rainhas de—e o serviço dos pobres | 806 |
| Francisco de Assis (são) (1182-1226): a sua meditação: a paixão 147; | 821 |
| O seu trabalho | 531 |
| A sua prégação | 705 |
| O exemplo | 705 |
| Sua pobreza 654, | 655 |
| Suas esmolas | 324 |
| Uniformidade dos seus filhos | 665 |
| A sua ordem, reformas 661; | 432 |
| Referências 38; | 215 |
| Francisco de Sales (São) (1566-1622): o seu método de oração... .. 842; | 837 |
| Amor pelo terço | 147 |
| A sua indiferença | 642 |
| Sua mortificação... .. | 715 |
| A sua caridade: afectiva, efectiva | 312 |
| Sua paciência... .. | 104 |
| Seu respeito pelas crianças... .. | 275 |
| Sobre a Trindade... amabilidade | 707 |
| Sobre a Comunhão 222; | 223 |
| Sobre as amizades particulares 775; | 892 |
| Sobre a condescendência 70; | 181 |
| Sobre o amor-próprio | 111 |
| A Visitação: Sua Obra 674; | 737 |
| A caridade mútua 690; | 691 |
| Pobresa | 692 |
| Confidências | 749 |
| Amor do mosteiro | 701 |
| Advertências mútuas | 151 |
| A sua direcção | 548 |
| Introdução à vida devota (608) 8; 29; 333; | 384 |
| Referências | 531 |
| Francisca (Irmã): Espírito da vocação... .. | 384 |
| Ganset (Luisa Irmã): Em Richelieu com a Irmã Angiboust | 875 |
| Gault João Baptista (Mons.) (22 Dezembro 1593-23 Maio 1643) | 132 |

| | |
|--|----------|
| Missiona em 1642 em Nanteuil-le-Haudoin... .. | 133 |
| Gènes: Peste | 616 |
| Genève (Mons. de —) v. Fr. de Sales | |
| Genevieve (Santa) (512): Mortificação | 623 |
| Genes (Anne de): Suas virtudes, a sua nobresa | 351; 352 |
| Gesseaume Henriette (Irmã): Nos galerianos, vai a Calais 808... .. | 830 |
| Uma das primeiras da Companhia | 808 |
| O seu suporte caritativo | 811 |
| Gisors (Eure): ursulinas, a sua união... .. | 71 |
| Gondi (Henri de), bispo de Paris (1598-1622): é menos fe- liz que Vicente, cura de Clichy (1612-1626) | 423 |
| Gondi (Senhora e Senhor de): Vicente respeita-os sobre- naturalmente | 709 |
| Gondi (Francisca Margarida Senhora de) (1580—de 23 de Junho de 1625): Vicente obedece-lhe | 5 |
| Funda a missão... .. | 39 |
| Sua vivacidade — pede perdão | 385 |
| Aos pés do crucifixo | 329 |
| Gondi (Filipe Emmanuel) (1580 — 29 Junho 1662) seus costumes luxuosos de outrora; a sua batina remendada | 656 |
| Gondi (João Francisco — Paulo de) Arcebispo de Paris (1618 — 24 de Agosto de 1679) aprova as Regras das Filhas da Caridade | 530 |
| Goussalt (Senhora) (20 de Set. 1639): «uma grande santa» Sua predição sobre as Filhas da Caridade, 144; 350; 350; 385; 398; 538; 558; 826 | 879 |
| Seu amor ao silêncio | 149 |
| Sua dedicação no hospital Geral de Paris | 47 |
| Grand Bureau (Messieurs du) | 538 |
| Grandchamps: Senhora Pavillon, edificação da paróquia...3; | 4 |
| Gregorio Magno (S.) (540-604): Punição dos ladrões | 606 |
| Halluin (Anne, duquesa de) fundadora da casa de Nanteuil | 133 |
| Haran João Baptista e Nicole (Irmãs): em Montmirail ... | 349 |
| Hardemont Anne (Irmã): vai a Hannelont... .. | 351 |
| Em Sedan | 467 |
| Em Ussel | 763 |
| S. Vicente escreve-lhe | 810 |
| Havre de Grace: Irmãs... .. | 786 |
| Heliot Elisabeth (1641): suas cópias 171; 178; 187; 200-205; 220; 228 | 238 |
| Sua morte | 363 |
| Hennebont: envio das Irmãs Hardemont e Doinel | 349 |

| | |
|---|-----|
| Henrique II (e não I) Rei de Ing. (1189): Assassino de S. Tomás de Cantorbéry | 254 |
| Henriqueta (Irmã): cf. Gesseume | |
| Herblay (Seine e Oise): Pátria da Irmã Dalmagne | 133 |
| Holanda: Irmãs que vieram da | 181 |
| Holofernes | 511 |
| Humildade... .. 389; 392; 794; 796; | 927 |
| Inácio de Loiola (Santo) (1491-1556): envio frequente de noviços para o exército... .. | 812 |
| India: Filhas da Caridade na | 547 |
| Indiferença... 171; 174; 363; 374; 564; 578; 639; 649; 897; | 907 |
| Doentes: Cuidados das Irmãs; 702; | 703 |
| Inocencio VIII (1484-1492): uma decisão atribuída a Clemente VIII; | 649 |
| Instruções: bom uso das... .. 255; | 267 |
| João Evangelista (Santo): A sua caridade... .. | 762 |
| João o esmoler (São): arq. Melkite da Alexandria (11 de Novembro de 1620) o seu sobrinho: donativo e reconciliação | 756 |
| João de Montmirail (bemaventurado) 1165-1217): os seus sapatos o seu prior límpa-os 196; | 197 |
| Jeanne (Irmã): Em Chálon 409; | 470 |
| Jeanne de Cusa (Santa) | 808 |
| Jeanne de la Croix (Irmã) assistente | 638 |
| Jerôme (Santo) (331-420)... .. | 410 |
| Teria escrito as vidas das Irmãs 301; | 733 |
| Tê-las-ia considerado mártires... .. | 785 |
| Jesuita: os avisos... .. | 197 |
| Sábios | 382 |
| E o médico | 684 |
| Verificação das cartas | 721 |
| Jejuns e Abtinências 858; | 859 |
| Job: a sua tentação | 230 |
| Este grande santo... temia... .. | 795 |
| Joly Maria (Irmã) (3 de Abril de 1675): superiora durante um mês em S. Salvador 5-6 (Paris) Alegre com as companheiras... .. 370; | 869 |
| Jonas: arrepende-se | 790 |
| Joseé (São) Pai putativo de Nosso Senhor | 648 |
| Joseph Calasans (Santo) (1556-1648) | 461 |
| Journée (Dia) Santificação das acções do 1-9... .. | |
| Joyeuse (Padre Anje de —) (1567-1608), capuchinho... .. | 665 |
| Jubileu: Graças do — 30-34 399; 408; | 611 |
| Ana d'Austria e Luís XIV ganharam-no a pé... .. | 407 |

| | |
|---|-------------------------|
| Irmão coadjutor lê às Irmãs (1653) a bula e o breve do arc. de Paris | 407 |
| Judas: comunhão indigna | 221; 222 |
| O dinheiro... .. | 660; 662 |
| Murmuração | 739; 740 |
| Referências 541; 571; 602; 603; 687; 747; 745; 786; 797; 798; | 942 |
| Judite | 511 |
| Juramentos: uma moeda de esmola em reparação | 185 |
| La Fere (Aisne): em 1656, envio de duas Irmãs, instruções | 591; 696; 650 |
| Lambert: No «Couteaux» (1606) — 31 de Janeiro de 1653): | 387 |
| La ROCHEFOUCAULD François (14 de Fevereiro de 1645), cardinal... As suas confissões frequentes | 542 |
| O seu regulamento... .. | 127; 144 |
| Lauraine Marguerite (Irmã) os jogos da feira de S. Lourenço em Paris | 25 |
| Le Gras (Luisa de Marillac, Senhora) (12 de agosto de 1591-15-3-1660) No Hospital Geral | 6 |
| O seu amor pela vocação | 215; 216; 388; 539; 541 |
| A sua humildade | 440 |
| A sua correspondência... .. | 610 |
| Os seus conselhos | 420; 421 |
| A sua vigilância | 730 |
| As suas licenças... e autorizações | 684; 736 |
| A sua alegria de mandar Irmãs para Calais | 814; 818 |
| A sua aflicção em face de algumas deficientes, | 798 |
| A sua intervenção quanto aos confessores | 788 |
| A sua saúde... .. | 215; 216; 411 |
| Os seus avisos | 379; 577; 578; 839 |
| As suas virtudes: Grande serva de Deus | 907; 916; 917; 923 |
| Os seus pensamentos: Avisos | 296; 259; 380 |
| Catecismo | 854 |
| Confissão | 362 |
| Inveja | 465 |
| Espírito oculto... .. | 512 |
| Espírito do mundo | 288; 289 |
| Fidelidade a Deus | 411; 413 |
| Indiferença | 365; 366 |
| Mortificação... .. | 505; 506 |
| Pobreza | 648 |
| Obediência | 346; 348; 523 |
| Oração | 270 |
| Licenças | 430; 431 |

| | | |
|--|-----------------------|-----|
| Orações | 834; | 835 |
| Regulamentos | 145; 146; | 454 |
| Escândalo | | 499 |
| Tentações | | 479 |
| Vocação | 296; | 297 |
| As suas notas sobre Bárbara Angibouts | | 863 |
| Sobre Maria Lullen | | 353 |
| Sobre Marguerite Bossu | | 354 |
| Sobre Cecília Delaître | | 356 |
| Referências 395; 485; 494; 508; 509; 523, 545; 567; 575; 577; 578; 584; 600; 619; 633; 641; 648; 657; 664; 668; | 818; 819; | 891 |
| Le Gras Michel-Antoine (18 de Outubro-2-1696): as suas roupas usadas servem aos pobres | | 908 |
| Le Mans: «As pérolas em Fundações», | 172; | 175 |
| Pátria da Irmã Lullen | 353, | 354 |
| L'enfantin Radegonde (Irmã) (1637-depois de 1705) em em arrás | | 608 |
| Lepeintre Jeanne (Irmã): Em Nantes | | 433 |
| Cartas: sua verificação: prudente e virtuosa | 330; | 331 |
| Levantar: Fidelidade | 18; 23; 26; 818; 819; | 820 |
| Liancourt (Senhora de —) | (1600-1644); | 148 |
| Ler, escrever: ensinar a — | | 149 |
| Liberdade: restituição e confissão da falta | | 399 |
| Lombarde Pierre, (mestre de sentenças (1160) | | 236 |
| Loret Juliana (Irmã) (1622-1699); nomeada assistente por S. Vicente | | 927 |
| Lorene: qualidades e defeitos dos lorrenos | 813; | 814 |
| Misérias das religiosas | | 57 |
| Loudun: os possesos do — | | 699 |
| Louis IX (São) (1215-1270): visita ao Hospital; 79; 815; | | 816 |
| Louis XIII (1061 14 de maio 1643): a sua saúde (26 de abril de 1643), missa e Comunhão pelo rei, | 74; | 75 |
| A sua morte | 76; | 682 |
| Louis XIV (1638-1715): criança, como recebeu a seu pai O rei menino e o chanceler | | 224 |
| Luisa (Irmã): suas virtudes | | 87 |
| Luce Jeanne (Irmã): nos forçados | | 294 |
| Lullen Marie (Irmã); natural de Mans | | 867 |
| Seu respeito pelas crianças | 353; | 853 |
| Madagascar | | 354 |
| Desejo das Filhas da Caridade | 530; | 370 |
| Madalena (Santa): suas penitências | | 539 |
| O seu unguento precioso | | 402 |
| | | 660 |

| | |
|--|---------------|
| Magnelay (Marquesa de) (1571-25 de Agosto de 1650): Benfeitora de Nanteuil-le-Haudoin... .. | 133 |
| Maillet: Flandin-Maillet, irmão António (1590-1629): grande servo de Deus | 315 |
| Maison-Mère (Casa-Mãe) Modelo das outras casas | 686; 887 |
| Sua manutenção: nossa Mãe... .. | 690; 691 |
| Malades (Doentes): serviço dos 39; 40; 41; 44; 675; 684; 881; 882; 883; 887; 889... .. | 893 |
| Terças-feiras: assembleia das... em S. Lázaro: Reto- ma-se... 14 vezes a mesma conferência | 899 |
| Bilhetes dos ausentes | 901 |
| Marguerite de la Bigne (1546 ?-1590), biblioteca dos Pa- dres | 135 |
| Marguerite (Irmã): Superiora de S. Paulo | 6 |
| Na Polónia | 386; 387; 882 |
| Maria Egipciaca (Santa): no seu deserto | 860 |
| Maria, Irmã de Moisés: A lepra, castigo da sua murmu- ração | 739 |
| Maria da Encarnação: (Bemav.) Senhora Acaris (18 de Abril de 1618): a sua oração | 3 |
| Marie Jeanne (Irmã): Em Sedan | 467 |
| Marie Joseph (Irmã): Mártir da caridade em Etampes | 785 |
| Marie-Madalena (Santa)... .. | 511; 808 |
| Marillac (Luisa de): v. Le Gras (Senhora) | |
| Marmita: A Irmã com a (10 de Fevereiro de 1646) 162; | 163 |
| Marquemont (Denis de-): Arcebispo de Lion (1622-16 de Setembro de 1626) Clusura das Visitandinas | 530 |
| Marta (Santa) | 808 |
| Martin Elisabeth (Irmã) (princípios de 1649): em Nanteuil- -le-Haudin | 121; 131 |
| Mateus (Irmão) (1592-1669): viagens na Lorrena... .. | 478 |
| Maule (Seine-et-Oise), as Irmãs de —: a sua oração | 830; 831 |
| Máximas de Jesus Cristo e as do mundo | 552 |
| Maximino (Imperador, 307-314) e Santa Catarina... .. | 851 |
| Mazarino (Jules) (1602-1661). Cardeal, sua Irmã tratada por uma Filha da Caridade | 630 |
| Médicos: Respeito. obediência aos | 79; 200; 205 |
| Consultas sem autorização | 683 |
| Maledicências | 742 |
| Ménage Françoise | 349; 637 |
| Missa: fidelidade | 28 |
| Metz: | 786 |
| Envio de 4 Irmãs: instruções | 813; 818; 873 |
| Miguel Angelo (1475-1564): os seus quadros | 338 |

| | |
|--|--------------------|
| Michel Louise (Irmã): em Nantes... .. | 349 |
| Michel Madeleine (Irmã): em Nantes | 431 |
| Misericórdia: A —, Hospital de Paris | 608 |
| Modéstia dos olhos — moderada | 15 |
| Moisés: Obediência à lei | 218; 212 |
| Mosteiro: O — das Filhas da Caridade | 877; 888 |
| Montluel (Ain): morte do Irmão António (16 de Fevereiro de 1620) | 315 |
| Montmedy (Meuse): cerco de 1657 e a Irmã Hardemont | 763 |
| Moreau Etienne (Mons): Bispo de Arrás (1656-1670)... .. | 609 |
| Morice Barbanite, director da Irmã Dalmagne 127; 128; | 132 |
| Mortificação | 500; 505; 715; 719 |
| Mousnier François-Jean (1625-5 Maio de 1655): deseja as Filhas da Caridade para Madáscar | 540 |
| Murmurações | 736; 739 |
| Nan-Les-Pins (Var) | 402 |
| Nanterre: dedicação da Irmã Lullen... .. | 353; 354 |
| Nantes | 369; 658 |
| Viagem de Luísa de Marillac | 175 |
| Envio das Irmãs Nanteil, Ménage, Michel, | 351 |
| Envio das Irmãs a — : Instruções | 431 |
| Monsenhor Beauvais, Bispo de Rivarenes (1636-1667): pretende as Filhas da Caridade como religiosas... .. | 483 |
| Nanteuil-Le-Haudoin: envio das Irmãs, | 124; 369 |
| Doença da Irmã Dalmagne, Testemunho de Etienne Dubourg Labbé, pároco, sobre a Irmã Dalmagne | 132 |
| Narbonne: Arcebispo Claude de Rebé (1628-1659). Escrito sobre a eleição do Superior | 463 |
| Obtém Filhas da Caridade | 880 |
| Narbonne: Envio de três Irmãs (Setembro de 1659) Instruções | 880 |
| Boas notícias das Irmãs | 909; 921 |
| Naseau Marguerite (Irmã) (Fevereiro-março de 1633) a sua vocação, o seu exemplo, as suas virtudes, 52; 53; 165; 166; 298 | 299 |
| Nathan: profeta | 614 |
| Navegadores: as suas regras | 143 |
| Ninive | 790 |
| Noé: o vinho, respeito pelo pai | 37 |
| A arca... .. | 456 |
| Obediência: virtude da 45; 51; 335; 347; 514; 525; 680; | 706; 714; 898; 798 |
| Conselheiro da corte, modelo de | 518 |
| Ocupações das Irmãs nas horas livres | 872; 874 |

| | |
|---|--|
| Offício: Fidelidade dum grande personagem no seu | 416 |
| Officieres: escolha e eleição | 631; 638; 924 |
| Oração: explicação, fidelidade e método, 18; 23, 26; 147; | 148; 267; 281; 818; 822; 822; 829; 839 |
| Repetição da | 276; 366 |
| Oratório (Padres do —): a sua regra | 76 |
| Ordem do dia... 1-9... Fidelidade | 829; 846 |
| Orgulho escondido | 440 |
| Orleans | 608; 828 |
| Orfanato em Cahors | 826; 827 |
| Ozena: infecção, mau cheiro | 248 |
| Papillon Marie (Irmã): em Metz | 813 |
| Paris... .. | 555 |
| Tomada | 477 |
| Arcebispo aprova as Regras | 215; 530 |
| Superiores de | 873; 874 |
| Visita das Casas, avisos | 147; 175 |
| Casa-Mãe: queda do soalho | 48; 162 |
| «Bons Enfants» | 610 |
| Argumentos, S. Lázaro: respeito mútuo | 98; 102 |
| Pobreza | 655; 666 |
| Nome de Jesus: (Hospital) | 545; 697 |
| Forçados: | 157; 847 |
| Galerianos: | 830; 867 |
| Hospital Geral: 91; 301; 383; 389; 523; 537; 544; 557; 616; | 667 |
| Crianças abandonadas | 495; 619; 697; 755; 836 |
| Misericórdia (a) | 608 |
| Notre-Dame | 572; 616 |
| Irmãs da Praça Real | 383; 389; 544; 827 |
| Filhas da Madalena | 615 |
| Carmelitas | 127 |
| Visitação | 615 |
| Santo André... .. | 669 |
| S. Bento | 6; 142 |
| S. Germano l'Auxerrois, | 669; 829; 836 |
| São Gervásio... .. | 175 |
| S. Tiago | 147-171; 871 |
| S. João | 147 |
| S. Lourenço | 356; 403; 823 |
| Saint Leu... .. | 175 |
| S. Luís | 51; 395 |
| S. Martinho | 407 |
| S. Nicolau | 119 |
| S. Nicolau-des-Champs | 836 |

| | | |
|--|--------------------|-----|
| S. Nicolau-du-Chardonnnet | 142; 165-395; | 836 |
| S. Paulo | 147; 829; | 836 |
| S. Salvador | 50; 142; 165; 299; | 394 |
| S. Sulpício | 77; | 830 |
| Casas pequenas | | 830 |
| Treze casas | 844; | 847 |
| Paróquias: Irmãs das — Regulamento | 875; | 880 |
| Parre Jean (Irmão) (1611-1664), na Picardia | | 615 |
| Paciência | | 799 |
| Pobreza... .. | 596; 649-659; 659; | 667 |
| Pavillon (Senhora): edifica Granchamp | | 3-8 |
| Pavillon Nicolas (1597-1677): bispo de Alet... 1637 | | 463 |
| Perfeição: trabalhar | 620; | 631 |
| Permissões: pedir licenças | 421; | 431 |
| Perrine Blane: mãe da Bárbara Angiboust | | 863 |
| Pedro (São): renega N. S. | 923; | 924 |
| Plouvier Adriana (Irmã): em Cahors (1658), instruções ... | | 826 |
| Poisson Genenviève (Irmã)... .. | | 409 |
| Tesoureira | | 638 |
| Poyssy | | 592 |
| Polónia: rei Casimiro V | 552; 820; | 882 |
| Polónia: A rainha Luísa Maria de Gonzaga 418; 448; 450; | | 552 |
| 882; 810; | | 891 |
| Polónia: Irmãs edificam na... .. | 390-391; | 418 |
| Referências... .. | 370; 439; 463; | 922 |
| Poleneses: os seus hábitos | | 687 |
| Porfírio e Santa Catarina | 851; | 852 |
| Portail António (22 de Novembro de 1950 14 Fevereiro | | |
| de 1660) director das Irmãs: intervenção nas confe- | | |
| rências. — 38-39; 330-335; 354-355-356; 361; 375-376; | | |
| 380; 907 | | 917 |
| No Conselho... .. | | 925 |
| A sua vigilância pelos confessores | | 788 |
| Assiste à morte da Irmã Dalmagne | 131; | 132 |
| A sua direcção | 420-421; | 453 |
| Referências 387; 395; 414; 438; 447; 464; 475; 479; 485; | | |
| 486; 494; 508; 509; 568; 572; 574; 584; 600; 616; 633; | | |
| 641; 644; 657; 971; 726; 743; 748; 762; 868; 869; 877; | | |
| 895... .. | | 904 |
| Portugal: as rainhas amaram o serviço dos pobres | | 816 |
| Poulet Marie (Irmã): em Châlons | 869; | 872 |
| Padres: Cerimónias da degradação | 230, | 231 |
| Prévost Jeanne-Cristine (Irmã): está em Sedan | | 651 |

| | |
|---|---------------------------|
| Ali faz muito bem ; e ali permanece apesar da sua eleição | |
| Para assistentes | 927 |
| Providência : à divina | 50 |
| Província : Irmãs enviadas para a —, instruções... .. | 349; 351 |
| Pureza de intenção | 238; 241 |
| Raportebled Madalena (Irmã), em Metz | 813; 817 |
| Rapports (Comunicações com os externos)... .. | 743; 753 |
| Recabe : Filhos de —, sua fidelidade | 89; 455 |
| Reconciliação... .. | 153; 155; 753; 763 |
| Regras : necessidade, fidelidade 12-17; 26-30; 146-152; 205-219; 525-532; 802 | 208 |
| Leitura mensal | 453-454; 874; 875 |
| Regulamento do dia | 1-9; 73-82; 138; 145 |
| Explicação das Regras Comuns... .. | 532; 542 |
| Regnard Mateus, Irmão (26 de julho de 1592-5 de outubro de 1669)... .. | 54 |
| As suas viagens à Lorena | 478 |
| Reims (Grande viricato): cartas de recomendação ao | 470 |
| Rainha : Cf. Ana d'Austria... .. | |
| Religiosas : as Filhas da Caridade não são... .. | 875; 876 |
| Refeições : sobriedade | 721 |
| Repetição de oração : como fazer | 366 |
| Em S. Lázaro | 277 |
| Respeito cordial | 92-104; 175-187; 770; 779 |
| Retiros : Importância... .. | 150; 860; 861; 736 |
| Resoluções... .. | 236 |
| Retz. Cardeal de — (1613-1679) : confirma 18 de janeiro de 1655), Regras das Filhas da Caridade... .. | 530 |
| Richelieu. (Indre-Èt-Loire) : casa das Irmãs, | 872; 873 |
| Rideau Luisa Cristina (Irmã) : nomeada (27 de agosto de 1660) tesoureira) | 927 |
| Roma : Confrades e peste | 615; 616 |
| Rougemont, Conde de — : desprendimento da sua espada | 576 |
| Ruhaut Margarida (Irmã), em metz | 813 |
| Saint Denis (Seine) : casa das Irmãs | 864; 865; 867; 870 |
| Saint (Isère) : em 1590 nasceu ali o Irmão António | 315 |
| Saint Germain-en-Lay (Seine et-Oise) : casa das Irmãs 126-128 | 842 |
| Saint-Jean (Monsieur Nicolas de -) na La Fère | 596 |
| Saint-Jure Jean-Baptiste de - (1588-1657) : entrevistas com o Senhor Vicente sobre as discórdias | 70 |
| Saint-Lazare : Pátio da Justiça de | 159 |
| Saint-Quentin (Aisne) | 615 |

| | |
|--|-------------------|
| Santa-Baume (Var): penitências de Maria Madalena. S. Vicente visita-a em agosto... frio! | 402 |
| Santa-Maria: Filha de - V. Visitação | |
| Santa-Maria-du-Mont (Manche) | 873 |
| Santa-Menehould (Marne): cerco e feridos | 869; 870 |
| Saudações | 183; 186 |
| Saude. cuidado com a | 675; 684 |
| Safira, pecado de... .. | 598; 599 |
| Escândalo, pecado de | 481; 500 |
| Scolopes (fundados por S. João Calasanz, 25 agosto de 1648) dissensões, supressão, amparo | 461 |
| Segredo: guardar... .. | 743; 753 |
| Sedan (Ardennes): envio das Irmãs (1654, instruções | 467; 470 |
| Irmãs e novas-convertidas | 926 |
| Referência | 650 |
| Seguier Domíngos (Bispo de Meaux, 1637-1659). Caridade (1642) em Nanteuil-le-Haudoin | 132 |
| Seguier Pierre (1588-1672), Chanceler: pediu Irmãs | 672 |
| Seneca (-65): o seu exame cotidiano. | 844 |
| Serville (Eure-Et-Loire: a 6 de julho de 1605) Bárbara Angibout foi ali Baptisada | 868 |
| Simplicidade: «O evangelho» do Senhor Vicente | 397 |
| Irmãs doentes: comunicar à Superiora ao 3.º dia | 892 |
| Irmãs serventes... .. | 46; 47 |
| Modelos em tudo... .. | 696 |
| Soldados: a sua obediência... .. | 522 |
| Sol: os seus movimentos... em Saint-Barnabé... .. | 834; 835 |
| Solminhac: (Alain de —) (1593-21 de dezembro de 1659), 540; | 826 |
| Sorbon (Robert de —) (1201-1274), sufrágio anual | 135 |
| Saídas: licenças, 721 | 721 |
| Despedidas, por vezes necessárias | 36; 37 |
| Sofrimentos: amor dos | 579; 591 |
| Superior Geral da Missão, Superior das Filhas da Caridade | 874 |
| Superiora da Companhia: um ou dois triénios | 215 |
| Superiores maiores; relações com os... .. | 837; 874 |
| Suporte mútuo | 35; 765; 767; 767 |
| Suresnes (Seine) Pátria de Margarida Nauseau | 52; 53 |
| Símbolo dos apóstolos: «Redacção dos doze artigos por um apóstolo»... .. | 794 |
| Sinderesse: instinto moral | 157; 799 |
| Tabithe (Actos dos Apóstolos, IX, 36-43): modelo da Irmã Dalmagne | 133 |

| | |
|---|-----|
| Tauler (1290-1361) e o ulceroso | 604 |
| Tentações 471; 480; 743; | 753 |
| Tertuliano (160-240?); e o sinal da cruz | 858 |
| Teodósio (Imperador) (346-395) advertido por Santo Ambrósio (334-397) | 254 |
| Teresa (Santa) (1516-1582) e a oração 33; | 287 |
| E a comunhão | 226 |
| Thibault Ana (Irmã) em Sedan | 467 |
| Thibault Louis (29 de Março 1618-Fevereiro 1655), começa a conferência de 28 de Julho de 1648... .. | 281 |
| Tomás de Aquino (são) (1224-1274); e oração 21; | 22 |
| As vésperas | 897 |
| Referência | 678 |
| Tomás de Cantorbery (São) (1170) | 254 |
| Tobias | 580 |
| Toul (Meurtê-et-Moselle): as Filhas da Caridade | 817 |
| Toulouse (Haute-Garonne): deseja e pede as Irmãs 434-435; 540... .. | 714 |
| Trabalho: amor do 150; 317; | 327 |
| Trumeau Maria-Marta (Irmã): em Nantes | 41 |
| Na La Fere 591; | 592 |
| Cahors... .. 650; 880; | 881 |
| Turcos: perdão mútuo | 761 |
| Ajuda recíproca 674; | 677 |
| Abstenção de vinho | 693 |
| Pescadores de baleias | 693 |
| Uniformidade: dever 685-695; 695; | 706 |
| União na Comunidade 60; | 73 |
| Ursulinas: suas escolas 390; | 557 |
| O Catecismo... .. | 854 |
| Ussel (Corrèze): envio de duas Irmãs: instruções... 763; | 765 |
| Vallin Ana (Irmã): em S. Denis 846; | 865 |
| Varsóvia (Polónia): guerra | 552 |
| Cerco | 672 |
| Peste | 619 |
| Vaux Ana de — (Irmã) em Nantes | 431 |
| Ventadour, duquesa de — (1623-23 de Julho de 1701): elogio das Irmãs | 478 |
| Chama as Irmãs para Ussel... .. | 763 |
| Virgens prudentes e virgens loucas: explicação ... 849; | 854 |
| Vidas de Santos: em S. Lázaro, leitura em público | 413 |
| Vignerón Avoie (Irmã), em Ussel... .. | 763 |
| Village (Aldeia); virtudes das boas raparigas da ... 51; | 60 |

| | |
|--|-----------------------|
| Villepreux (seine-et-Ooïse): A Caridade... .. | 165 |
| Irmã Naseau... .. | 299 |
| Villiers (Mademoiselle de —) (1658) na Polónia | 828 |
| Vinagre: o religioso e o vinagre | 478 |
| Vicente Ferrer (São) (1346-1419): condescendência | 768 |
| Vicente de Paulo (1581-1660): sua idade, 76 anos (6 de Janeiro de 1657) 77 anos (17 de Junho de 1657) ... | 626 |
| «Pobre guardador de porcos» | 70 |
| Filho de lavradares... .. | 52; 441 |
| Humildade no Capítulo | 378 |
| Beija o chão antes de abençoar as Irmãs... .. | 219 |
| Referência | 508; 509 |
| Visitação: Religiosas da —. Senhor Vicente confessor e superior | 860 |
| Sete anos de noviciado | 435 |
| Profissão presidida pelo Senhor Vicente | 383 |
| Conselheiras | 635; 638 |
| Virtudes e grades | 530; 558; 801; 876 |
| Doçura e humildade | 381 |
| Retiros | 861 |
| Eleições | 924; 927 |
| Costumes... .. | 531 |
| Jesus e abstinências | 858 |
| Advertências mútuas | 247; 255 |
| Visitas | 735 |
| Silêncio | 724; 737 |
| Cartas verificadas | 721 |
| Disciplina da sexta feira | 528; 715 |
| Modéstia à mesa | 548 |
| Direcção das Madalenas | 563 |
| Referência | 615; 848 |
| Visitas aos externos | 494-496-497; 723; 733 |
| Vocação da Filha da Caridade 9-12-17; 42; 162-171; 228 | 238 |
| O belo nome da Filha da Caridade... .. | 34; 49 |
| Amor da vocação | 295 304 |
| Espírito da vocação | 392 399 |
| Princípio e fins da vocação | 542 552 |
| Votos: Felicidade dos —: «nossos Senhores os pobres», | 17 |
| Os primeiros Votos das Irmãs (25 de Março de 1642) | 863 |

Í N D I C E

| | |
|--|-----|
| 1. Explicação das Regras, 31 de Julho de 1634 | 1 |
| 2. Sobre a vocação da Filha da Caridade, 5 de Julho de 1640 . | 9 |
| 3. » a vocação da Filha da Caridade, 19 de Julho de 1640 . | 12 |
| 4. » a fidelidade ao levantar e à oração, 2 de Agosto de 1640 | 17 |
| 5. » » » » » » » » » » 18 » » » » » » » » » » | 23 |
| 6. Explicação das Regras, 16 de Agosto de 1640. | 26 |
| 7. Sobre o Jubileu, 15 de Outubro de 1641 | 29 |
| 8. » as faltas do ano anterior, 6 de Janeiro de 1642 | 34 |
| 9. » o serviço dos doentes, 9 de Março de 1642 | 37 |
| 10. » o serviço dos pobres doentes, 16 de Março de 1642 . | 39 |
| 11. » a obediência, Junho de 1642 | 43 |
| 12. » as virtudes de Margarida Naseau, Julho de 1642 . . . | 50 |
| 13. Imitação das boas aldeãs, 25 de Janeiro de 1643 | 51 |
| 14. Sobre a unção entre os membros da Comunidade, 26 de Abril de 1643 | 60 |
| 15. Explicação das Regras, 14 de Junho de 1643 | 73 |
| 16. Sobre a obra das crianças abandonadas, 7 de Dezembro de 1643 | 83 |
| 17. » o respeito cordial, 1 de Janeiro de 1644 | 93 |
| 18. » a afeição desregrada de si mesma, 11 de Dezembro de 1644 | 104 |
| 19. » as virtudes da Irmã Jaenne Dillagne, 15 de Janeiro de 1645 | 117 |
| Depoimento do Pároco de Nanteuil-le-Haudoin, sobre as vir- tudes da Irmã Jeanne Dalmagne (1645) | 132 |
| 20. Sobre a prática das Regras, 22 de Janeiro de 1645 | 138 |
| 21. » a prática das Regras, 1645. | 146 |
| 22. » a reconciliação (entre 1644-1646) | 153 |
| 23. » a Sagrada Comunhão, 22 de Janeiro de 1646 | 155 |
| 24. Amor da vocação e assistência aos pobres, 13 de Fevereiro de 1646 | 162 |
| 25. Sobre a indiferença, 1.º de Maio de 1646 | 171 |
| 26. Instruções para a visita dos estabelecimentos de Paris, Julho de 1646 | 174 |

| | | |
|-----|--|-----|
| 27. | Sobre a prática do respeito mútuo e da doçura, 19 de Agosto de 1646 | 175 |
| 28. | Ocultar e desculpar as faltas das Irmãs, 22 de Outubro de 1646 | 187 |
| 29. | Relações das Irmãs com os de dentro e os externos, 2 de Fevereiro de 1647 | 200 |
| 30. | Sobre as Regras, 30 de Maio de 1647 | 205 |
| 31. | » a Sagrada Comunhão, 18 de Agosto de 1647 | 219 |
| 32. | » a perseverança na vocação, 22 de Setembro de 1647 | 228 |
| 33. | » a pureza de intenção, 11 de Julho | 238 |
| 34. | » o bom uso dos avisos, 22 de Janeiro de 1648 | 241 |
| 35. | » » » » » 15 de Março de 1648 | 247 |
| 36. | » o bom uso das conferências, 1 de Maio | 255 |
| 37. | » a oração, 31 de Maio de 1648. | 267 |
| 38. | » o espírito do mundo, 28 de Julho de 1648 | 281 |
| 39. | » o espírito do mundo, 25 de Agosto de 1648 | 287 |
| 40. | » o amor da vocação, 25 de Dezembro de 1648. | 295 |
| 41. | » o amor de Deus, 19 de Setembro de 1649 | 305 |
| 42. | » o amor do trabalho, 28 de Dezembro de 1649. | 317 |
| 43. | » a maneira como devemos proceder nas dificuldades longe da Casa-Mãe 19 de Abril de 1650 † | 327 |
| 44. | » a obediência, 7 de Agosto de 1650 | 335 |
| 45. | A duas Irmãs mandadas para a Província, 22 de Outubro de 1650 † | 349 |
| 46. | Virtudes das Irmãs Anne de Gennes, Maria Lullen, Margarida Bossu e Cecília Delaître, 9 de Dezembro | 351 |
| 47. | Sobre a confissão, 5 de Março de 1651. | 357 |
| 48. | » a indiferença, 14 de Julho de 1650 | 363 |
| 49. | » o bom uso das advertências, 25 de Abril de 1652 | 375 |
| 50. | » o espírito da Companhia, 2 de Fevereiro de 1653 | 381 |
| 51. | » » » » » 9 » » » » | 388 |
| 52. | » » » » » 24 » » » » | 392 |
| 53. | » o Jubileu, 17 de Abril de 1653 | 399 |
| 54. | » a fidelidade a Deus, 13 de Junho de 1653 | 408 |
| 55. | » a prática de pedir as licenças, 27 de Julho de 1653 | 421 |
| 56. | A duas Irmãs mandadas para Nantes, 12 de Novembro de 1653 | 431 |
| 57. | Sobre o procedimento fora de Casa, 1 de Janeiro de 1654. | 434 |
| 58. | » o orgulho escondido, 15 de Março de 1654 † | 440 |
| 59. | » a conservação da Companhia, 25 de Maio de 1654 | 446 |
| 60. | » a inveja, 24 de Junho de 1654. | 457 |
| 61. | As quatro Irmãs mandadas à Sedan, 23 de Julho de 1654. | 467 |
| 62. | Sobre as tentações, 24 de Agosto de 1654 | 471 |
| 63. | » o escândalo, 9 de Outubro de 1654 | 481 |
| 64. | » » 15 de Novembro de 1654 | 489 |
| 65. | » a mortificação dos sentidos e das paixões, 3 de Janeiro de 1655 | 500 |

| | | |
|-----|---|---------------------------|
| 66. | Sobre o espirito escondido, 2 de Fevereiro de 1655 | 951 |
| 67. | » a obediência, 25 de Maio de 1655 | 506 |
| 68. | » a observância das Regras, 1 de Agosto de 1655 | 514 |
| 70. | A explicação das Regras Comuns, 29 de Setembro de 1655 | 525 |
| 71. | Sobre o fim da Companhia, 18 de Outubro de 1655 | 527 |
| 72. | » as máximas de Jesus Cristo e as do mundo, 2 de Novembro de 1655 | 532 |
| 73. | » a indiferença, 6 de Junho de 1656 | 542 |
| 74. | » o amor dos sofrimentos físicos e morais, 23 de Julho de 1656 | 552 |
| 75. | às duas Irmãs mandadas à la Fère, 29 de Julho de 1656 | 552 |
| 76. | Sobre a Pobreza, 20 de Agosto de 1656 | 564 |
| 77. | Às duas Irmãs mandadas a Arras, 30 de Agosto de 1656 | 579 |
| 78. | Sobre o Jubileu, 14 de Dezembro de 1656 | 591 |
| 79. | » a obrigação de trabalhar na perfeição, 6 de Janeiro de 1657 | 596 |
| 80. | Eleição das Conselheiras, 22 de Maio de 1657 | 109. |
| 81. | Sobre a prática de nada pedir, nem recusar, 17 de Junho de 1657 | 110. |
| 82. | Uso dos bens postos à disposição das Irmãs, 5 de Agosto de 1657 | |
| 83. | Sobre o dever de poupar os bens dos Pobres e do | |
| 84. | Não convidar externos a comer sem licença, 11 de Novembro de 1657 | 111. Perfe |
| 85. | Sobre o serviço dos doentes e o cuidado a castidade | 112. As Irmãs |
| 86. | » a uniformidade, 15 de Novembro de 1657 | 113. Sobre o s |
| 87. | » a obediência, 2 de Dezembro de 1657 | 114. Serviço do |
| 88. | » a mortificação. | 115. Serviço dos c |
| 89. | » as visitas. | um |
| 90. | Relações com | tina |
| 91. | A quem | Com |
| 92. | Sobre | Irmãs |
| 93. | A duas Irmãs | » a indiferen |
| 94. | Sobre a cond | » as virtudes de |
| 95. | » a cordialida | » |
| 96. | » a cordialida | » |
| | 2 de Junho | 120. Eleição das Conselhe |

Composto e impresso na Tip. S

